

*Espaços verdes
de Bragança*



*Espaços Verdes
de Bragança*







Espaços Verdes de Bragança

Espaços Verdes de Bragança

- Direcção:** Presidente da Câmara Municipal de Bragança
Coordenação: Divisão de Defesa do Ambiente da Câmara Municipal de Bragança
Autores: Ana Maria Carvalho
Artur Gonçalves
Fotografia: Ana Maria Carvalho
Artur Gonçalves
Atilano Suarez
Cristina Miranda
Gabinete de Imprensa e Arquivo da Câmara Municipal de Bragança
João Cameira
IMC/MAB/JMNJ
Instituto Português de Museus
Iva Ferreira
Jorge Machado Morais
Magda Veloso
Sónia Fernandes
Design: Atilano Suarez – Serviços de Imagem
do Instituto Politécnico de Bragança
Impressão: Escola Tipográfica - Bragança
Tiragem: 1500 exp.
Depósito Legal: 280851/08
ISBN: 978-989-95687-3-0
Edição: Câmara Municipal de Bragança · 2008
Forte de S. João de Deus, 5301-902 Bragança · Portugal
<http://www.cm-braganca.pt>

*Um especial agradecimento ao Dr. Jorge Morais,
pela cedência das imagens de Bragança antiga.*



Índice

Mensagem do Presidente	7	Jardim Bartolomeu de Gusmão.....	69
A Cidade e os Espaços Verdes	11	Apresentação	69
Introdução	13	Descrição da vegetação	69
O livro dos Espaços Verdes de Bragança.....	13	Jardim da Câmara Municipal	71
Breve história do planeamento		Apresentação	71
dos espaços verdes.....	14	Descrição da vegetação	72
O planeamento dos espaços verdes	15	Equipamentos e mobiliário	74
Os benefícios dos espaços verdes	16	Parque da Quinta da Braguinha.....	75
A estrutura verde urbana	19	Apresentação	75
Bibliografia.....	20	Descrição da vegetação	75
Espaços Verdes da Cidade de Bragança	23	Equipamentos e mobiliário	77
Introdução	25	Jardim da Estação Rodoviária	79
Corredor verde do rio Fervença.....	27	Apresentação	79
Alamedas e avenidas.....	31	Descrição da vegetação	79
Espaços ligados ao tráfego	33	Equipamentos e mobiliário	82
Envolventes e logradouros	35	Jardim do Bairro Novo da Providência.....	83
Espaços residenciais.....	37	Apresentação	83
Espaços agrícolas.....	39	Descrição da vegetação	83
Bosques	41	Equipamentos e mobiliário	84
Parques e jardins públicos	43	Parque Eixo Atlântico	85
Caracterização dos Parques		Apresentação	85
e Jardins Públicos da Cidade	49	Descrição da vegetação	87
Introdução	51	Equipamentos e mobiliário	88
Corredor Verde do Fervença – POLIS.....	53	Praça Cavaleiro Ferreira.....	89
Apresentação	53	Apresentação	89
Descrição da vegetação	57	Descrição da vegetação	89
Equipamentos e mobiliário.....	60	Equipamentos e mobiliário	91
Jardim António José de Almeida	61	Jardim do Museu Abade de Baçal	93
Apresentação	61	Apresentação	93
Descrição da vegetação	62	Descrição da vegetação	95
Equipamentos e mobiliário.....	62	Jardins do Castelo.....	97
Jardim Artur Mirandela	65	Apresentação	97
Apresentação	65	O jardim do Duque D. Fernando de Bragança	99
Descrição da vegetação	65	A envolvente das muralhas do castelo.....	100
Equipamentos e mobiliário.....	66	Os jardins da cidadela.....	101
Jardim da Brasileira	67	Descrição da vegetação	102
Apresentação	67	Equipamentos e mobiliário	106
Descrição da vegetação	67	Parque de Merendas do Castelo.....	107
Equipamentos e mobiliário.....	67	Apresentação	107
		Descrição da vegetação	107
		Equipamentos e mobiliário	108

Envolvente da Catedral.....	111
Apresentação	111
Descrição da vegetação	112
Equipamentos e mobiliário	114
Lista de espécies.....	115
Nome vulgar, nome científico e família botânica das principais espécies presentes nos espaços verdes da cidade de Bragança	115
Bibliografia.....	124
Novos Projectos	127
Introdução.....	129
Parque Porta-Norte	131
Brigantia EcoPark.....	133
Parque Ciência e Tecnologia.....	133
Circuito de Manutenção de Santa Apolónia.....	135
Índice Remissivo	141
Créditos.....	147
Equipa do Plano Verde de Bragança.....	148
Colaborações	148
Créditos fotográficos e documentais	149



O Município de Bragança decidiu, em Julho de 2004, iniciar o Plano Verde da cidade de Bragança, assinando um Protocolo de Colaboração com o Instituto Politécnico de Bragança, no sentido da elaboração do Plano Verde da cidade de Bragança, Livro de Espaços Verdes da cidade de Bragança e Manual de Boas Práticas em Espaços Verdes.

Foram efectuadas análises de indicadores e variáveis, com base nos resultados de inquéritos e trabalhos de campo, incluindo um levantamento fotográfico exaustivo, complementado com análises estatísticas e geográficas. A informação compilada permitiu a elaboração do Livro de Espaços Verdes da cidade de Bragança, de caracterização dos principais espaços verdes da cidade, realçando as principais funções e mais valias para o ambiente urbano e qualidade de vida. O Livro será acompanhado pelo Plano Verde, plano de referência para o planeamento dos espaços verdes e que contribuirá para o estabelecimento de uma estrutura verde coerente, bem como de um Manual de Boas Práticas, que apresentará propostas e recomendações na concepção e gestão de espaços verdes.

Bragança considera o ambiente urbano, a conservação e gestão do património natural e paisagístico, factores fundamentais na estratégia de desenvolvimento sustentável concelhio. A importância dos espaços verdes no meio urbano como elementos essenciais na qualidade de vida, levou o Município a apostar decisivamente no incremento de espaços verdes, passando de uma área de 28653 m² em 1998, para 241510 m² em 2008, valor que permite proporcionar 10,6 m²/hab de espaço verde. Este valor está acima do preconizado pela Organização Mundial de Saúde e próximo do valor definido pela Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.

Bragança inscreveu o Plano Verde na Agenda 21 Local, no seguimento da estratégia de definição de Bragança como Eco Cidade – Eco Região. A qualificação do espaço urbano, a aposta na sustentabilidade, a melhoria da oferta cultural, actividades desportivas e ambientais, tem sido reconhecida, nomeadamente, pela Associação Bandeira Azul da Europa, e na publicação de inúmeros indicadores de qualidade de vida e parâmetros ambientais.

Bragança continuará a apostar na imagem de cidade saudável e amiga do ambiente, incrementando os equipamentos lúdicos, de estada e interacção nos espaços verdes da cidade. O projecto “Bragança Saudável, Bragança Solidária”, inserido na Rede de Cidades Saudáveis, contri-

bui para o aumento da qualidade de vida dos munícipes, através da adopção de hábitos saudáveis e de usufruto dos espaços verdes e património natural envolvente.

As equipas técnicas do Instituto Politécnico de Bragança e Câmara Municipal de Bragança, aos munícipes envolvidos na fase de inquérito e a todos os que contribuíram para a edição da presente publicação, o reconhecimento pelo válido contributo.

*O Presidente da Câmara Municipal,
António Jorge Nunes*





Vista aérea do jardim da Câmara Municipal de Bragança.







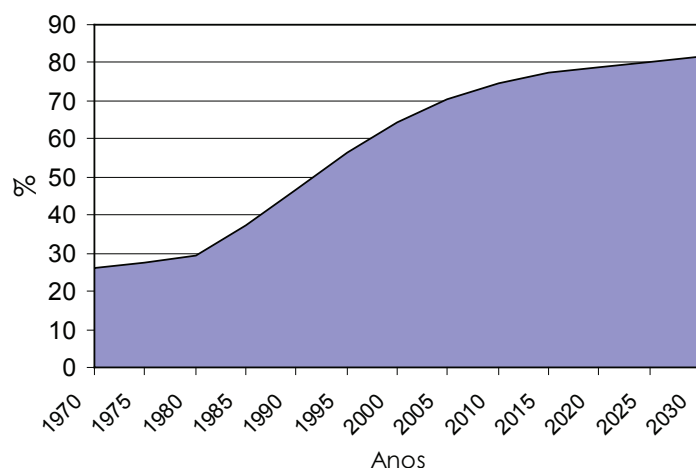
*A Cidade e os
Espaços Verdes*

Introdução

Segundo as Nações Unidas, cerca de metade da população portuguesa vive actualmente em cidades. Apesar de este valor estar ainda distante da média europeia, que corresponde a três em cada quatro habitantes, é expectável que no nosso país suceda uma progressiva aproximação à realidade europeia. Esta migração do rural para o urbano trouxe consigo mudanças profundas na sociedade contemporânea.

O aumento da taxa de urbanização tem-se reflectido no crescimento dos núcleos urbanos e processa-se em simultâneo com a perda de efectivos populacionais nos espaços rurais. O concelho de Bragança constitui um caso paradigmático, pois a população urbana cresceu cerca de 20% na década de 90, enquanto que a população rural diminuiu em proporção equivalente.

Com o advento de uma sociedade maioritariamente urbana, o desenvolvimento sustentável, modelo de referência das sociedades modernas, tem nas cidades alguns dos seus principais desafios. Sendo importantes pólos de



Evolução da percentagem de população urbana em Portugal e sua projecção até 2030

transformação e mudança, os espaços urbanos são uma peça chave nesse desenvolvimento, devendo incorporar acções de planeamento capazes de promover o equilíbrio na sua própria gestão territorial.

Surge assim com naturalidade a importância dada actualmente à qualidade de vida nas cidades, dependente, em grande medida, das relações estabelecidas entre o ambiente natural, as estruturas físicas humanas e as actividades que nelas se desenvolvem. A este respeito, os espaços verdes podem assumir-se como elementos essenciais, contribuindo para a protecção de áreas sensíveis, desempenhando importantes funções ambientais e contribuindo para uma utilização racional do território.

O livro dos Espaços Verdes de Bragança

O presente Livro dos Espaços Verdes de Bragança pretende ser um documento de referência na interpretação dos espaços verdes da cidade, lançando igualmente as bases para a sua evolução, e constitui um dos primeiros resultados dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Plano Verde da Cidade de Bragança.

Inicia-se com uma reflexão sobre o planeamento dos espaços verdes, elemento essencial na compreensão e, concomitantemente, na fundamentação do projecto de Plano Verde. Seguidamente definem-se e caracterizam-se as principais tipologias dos espaços verdes existentes. Em capítulo próprio descrevem-se os espaços verdes formais geridos pela Autarquia, dando particular relevância à sua história, vegetação e mobiliário presente. Por fim, apresenta-se ainda uma síntese dos principais projectos de novas zonas verdes para a cidade, a realizar num futuro próximo.

Breve história do planeamento dos espaços verdes

Na história das cidades são várias as referências ao significado e valor da presença dos espaços verdes. Sendo inicialmente apreciados pelo seu valor estético, a sua importância foi-se progressivamente afirmando pelo seu contributo para a qualificação da vida das populações, surgindo integrados nas definições de desenho urbano.

Nas primeiras cidades, compactas e amuralhadas, a presença de vegetação fazia-se sentir, em particular, na envolvente dos espaços fortificados. Com a evolução do

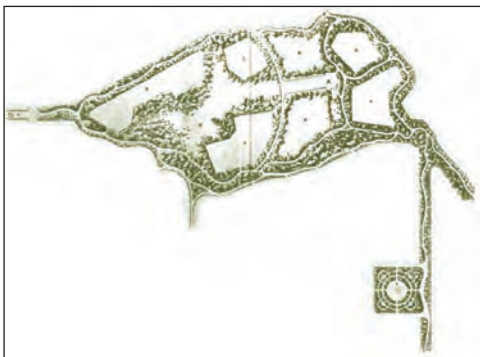


Passeio público de Lisboa. Panorama 1943.

espaço urbano, espaços verdes públicos de referência surgiram associados à convivência quotidiana, em lugares como a Ágora ou a Palestra, na antiguidade clássica e, mais recentemente, as Praças e Adros das Igrejas que ficaram como elementos marcantes desta relação.

Com a evolução das noções de estética e da sua percepção na leitura da paisagem, os espaços verdes são interpretados como elementos capazes de estimular os sentidos e de acrescentar inegável valor ao espaço urbano. O Período Barroco – correspondente a parte dos séculos XVIII e XIX – é marcado pela formulação assente na perspectiva visual do espaço, ponto de viragem na leitura da paisagem e do desenho de jardins e parques, com importantes consequências no domínio do planeamento urbano. Em Portugal, a baixa pombalina, com o passeio público de Lisboa, constituiu um dos mais representativos exemplos deste modelo de urbanismo.

As profundas alterações introduzidas nas cidades pela revolução industrial, em especial no século XIX, contribuíram decisivamente para o reconhecimento do valor ambiental dos espaços verdes urbanos, pela sua capacidade de contribuir, de modo crucial, para contrariar a então crescente degradação da qualidade do ambiente urbano. Os Parques Públicos começam por ser vistos como *pulmões verdes*, com é o caso do Central Park de Nova York, para se estruturarem, posteriormente, numa lógica de *corredores verdes*, assumindo-se como elementos integradores da paisagem urbana, como no caso do corredor verde da Universidade da Califórnia, em Berkeley (1865) e do Colar de Esmeraldas de Boston (1887), ambos projectos da autoria de Frederick Law Olmsted.



À esquerda: Colar de Esmeraldas de Boston (topo) e o projecto do campus da Universidade da Califórnia em Berkeley (em baixo). Em cima, exemplo de cidade influenciada pelas ideias do movimento modernista: Brasília (década de 60).

A transição para o século XX é marcada pelas correntes higienistas que procuravam melhorar as condições de vida urbanas, destacando-se as ideias de Ebenezer Howard (1898), que propunha a separação de usos do solo e a incorporação de espaços verdes, em particular pela definição de *cinturas verdes* capazes de aproximar o campo da cidade e de, simultaneamente, conter o crescimento urbano.

As ideias de Howard influenciariam, no início do século XX, o movimento modernista, que teve como elemento fundador a Carta de Atenas, resultante dos trabalhos realizados no Congresso Internacional da Arquitectura Moderna. Esta nova visão defendia uma edificação implantada segundo critérios de insolação e o desaparecimento do conceito tradicional de “rua” para dar lugar à edificação em altura, isolada ou não geminada, permitindo desta forma a obtenção de uma maior área disponível para o desenho de novos espaços verdes. Problemas resultantes da aplicação do modelo de edificação em altura e as dificuldades de gestão do espaço sobrance, associados à falta de continuidade face à cidade tradicional, colocariam em causa algumas das suas propostas.

Na segunda metade do século XX, o desenvolvimento das teorias de planeamento, em particular do planeamento biofísico, iria determinar uma leitura atenta das características territoriais, procurando salvaguardar espaços ecologicamente relevantes ou sensíveis, cabendo destacar o conceito de *continuum naturale*, em Portugal amplamente difundido por Caldeira Cabral, e que defende a criação de um sistema de ocorrências capazes de servir de suporte à vida silvestre.

O desenvolvimento de mecanismos de planeamento formal ocorreria em Portugal, de modo mais significativo, apenas no pós-25 de Abril, em especial com a aplicação dos Planos Municipais de Ordenamento do Território, que integram os Planos Directores Municipais, os Planos de Urbanização e os Planos de Pormenor. Progressivamente, o planeamento urbano incorporou, em diferentes níveis de actuação, elementos normativos e definições espaciais que acrescentaram coerência ao Ordenamento do Território, valorizando, entre outras componentes, os espaços verdes.

Actualmente, impõe-se uma leitura integradora, traduzida numa visão multidisciplinar da realidade urbana, em que os espaços verdes se organizam em torno de uma estrutura verde urbana, que constitui um conjunto hierárquico e coerente, capaz de salvaguardar elementos territorialmente relevantes e de contrariar os efeitos nefastos da urbanização, através da promoção dos múltiplos benefícios dos espaços verdes.

O planeamento dos espaços verdes

Nos territórios urbanos, as necessidades humanas encontram resposta numa ampla variedade de espaços, onde se incluem espaços artificiais, semi-naturais, espaços públicos e privados. Responder de modo adequado aos anseios da população constitui um enorme desafio que se coloca, em particular, às autoridades locais, que deverão contar com a colaboração dos cidadãos e das instituições locais.

Construir “cidades perfeitas” afigura-se como uma utopia, desde logo porque não se podem construir à medida de cada um, mas antes devem prosseguir-se modelos que enquadrem um leque alargado de modos de vida individuais, valorizadores da qualidade de vida e do ambiente urbano. Acresce ainda que o seu carácter artificial, com a inclusão de elementos sobrepostos sobre o território original, incorpora uma forte carga antrópica, geradora de perturbação ambiental, a qual deve ser disciplinada, evitando o conflito.

O planeamento dos espaços livres, entendidos como os espaços não construídos, nem pavimentados, surge como um imperativo das cidades modernas, pelos benefícios que serão apresentados e pela necessidade de introduzir ordem na complexa teia de relações que se estabelecem no meio urbano.

Na perspectiva política, é inegável o reconhecimento desta temática, expresso numa primeira instância pela Estratégia Temática sobre Ambiente Urbano, da Comissão Europeia, onde se reafirma de modo inequívoco a mais valia destes espaços, reconhecendo-se que:

Os espaços verdes numa cidade têm uma grande influência na qualidade de vida dos seus cidadãos. Esses espaços proporcionam oportunidades de exercício físico, convívio social, descontração, paz e sossego. Espaços verdes, parques e bosques bem geridos podem tornar-se elementos muito apreciados e distintivos de uma zona urbana. (...).

A nível nacional, o recente Plano Nacional de Política de Ordenamento do Território identifica como um dos principais problemas urbanos:

A expansão desordenada das áreas metropolitanas e de outras áreas urbanas, invadindo e fragmentando os espaços abertos, afectando a sua qualidade e potencial ecológico, paisagístico e produtivo, e dificultando e encarecendo o desenvolvimento das infraestruturas e a prestação dos serviços colectivos.

Como resposta a este problema, e integrando um objectivo mais abrangente de obtenção de um espaço sustentável e bem ordenado, surge como estratégia:

Articular o sistema de “espaços abertos” de natureza ambiental e paisagística com o sistema urbano e as redes de infra-estruturas.

Na lei de Bases do Ordenamento do Território reconhece-se que os espaços verdes surgem igualmente como um requisito de equidade, assumindo-se que:

Nos diversos espaços, a programação, a criação e a manutenção de serviços públicos, de equipamentos colectivos e de espaços verdes deve procurar atenuar as assimetrias existentes, tendo em conta as necessidades específicas das populações, as acessibilidades e a adequação da capacidade de utilização.

Esta estratégia pressupõe a definição de iniciativas concretas que visem a integração entre a expansão urbana e a salvaguarda dos espaços livres, alguns dos quais virão a converter-se em espaços verdes funcionais.

As estratégias para os espaços verdes e a sua operacionalização implicam uma adequada integração e transposição dos objectivos definidos a nível nacional para a escala local, nomeadamente através dos Planos Municipais de Ordenamento do Território, que pelo Decreto-Lei n.º380/99, de 22 de Setembro com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei 310/2003, de 10 de Dezembro pressupõem uma actuação em três escalas distintas.

Os Planos Directores Municipais definem o modelo de estrutura espacial do território municipal, procurando disciplinar a ocupação humana, incluindo a *definição dos sistemas de protecção dos valores e recursos naturais, culturais, agrícolas e florestais, identificando a estrutura ecológica municipal*. Esta estrutura, consubstanciada em torno de condicionantes, como a Reserva Ecológica Nacional e a Reserva Agrícola Nacional, implica para os espaços urbanos a definição de uma estrutura ecológica urbana, elemento base para a formulação de uma estrutura verde urbana.

Os Planos de Urbanização, instrumentos de actuação à escala urbana, vocacionados para promover o *equilíbrio*

da composição urbanística, apresentam a *concepção geral da organização urbana, a partir da qualificação do solo, definindo, entre outros elementos, a localização de equipamentos de uso e interesse colectivo e, a estrutura ecológica*. Se, no que concerne à estrutura ecológica, estes planos desenvolvem elementos constantes dos Planos Directores Municipais, já no referente aos equipamentos, entre os quais se podem encontrar espaços verdes, o zonamento assume-se como uma função primordial dos planos de urbanização, conferindo coerência formal à estrutura verde urbana desejada.

Finalmente, os Planos de Pormenor são instrumentos formulados para detalhar a *concepção da forma de ocupação*, servindo de *base aos projectos de execução*, incluindo os aplicáveis a *espaços exteriores*. Neste contexto, são particularmente relevantes na definição detalhada da configuração de espaços verdes, podendo surgir associados a projectos de urbanização ou de requalificação urbana.

A estes requisitos acresce a necessidade de formulação de estratégias integradas na forma de uma estrutura verde urbana e de adopção de modelos de gestão compatíveis. É precisamente inspirado na combinação destes factores que se enquadra a elaboração do *Plano Verde da Cidade de Bragança*.

Os benefícios dos espaços verdes

Em geral, a população está consciente da importância dos espaços verdes, no entanto nem sempre reconhece de imediato alguns dos seus benefícios concretos. Tendo presente o conceito de desenvolvimento sustentável e a noção que lhe é implícita de equilíbrio, podemos considerar estes benefícios como divididos em três componentes essenciais que correspondem às perspectivas ambiental, social e económica.

Benefícios Ambientais

Purificação do ar – Os espaços verdes possuem a capacidade de purificar o ar com recurso a fenómenos essenciais relacionados com a vegetação, tais como:

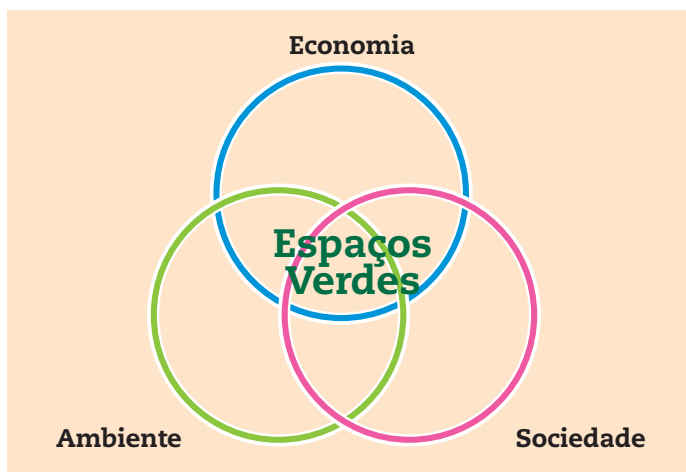
- A absorção de dióxido de carbono (CO₂) e a libertação de oxigénio (O₂), contribuindo para a absorção de gases e, simultaneamente, purificando a atmosfera;
- A absorção de gases poluentes, tendo a capacidade de reter e, nalguns casos, de transformar gases potencialmente perigosos em formas mais benignas;
- A fixação de poeiras, possuindo a capacidade de reter poeiras que posteriormente são arrastadas para o solo através da chuva ou do orvalho.

Efeitos sobre o clima urbano – Os espaços verdes têm a capacidade de influenciar o clima urbano, através dos seguintes processos:

- Atenuação do fenómeno de “ilha de calor”. As cidades funcionam, em virtude das características das suas superfícies e da concentração de população e de actividades consumidoras de energia, como ilhas



A procura de sombra nos espaços verdes da cidade de Bragança.



Três componentes essenciais dos benefícios dos espaços verdes.

de calor. Quando comparadas com a envolvente, as cidades apresentam temperaturas superiores que, no Verão e em certos locais, podem atingir diferenças de 6 a 8 °C ou mesmo superiores. Os espaços verdes ajudam a atenuar este fenómeno, fazendo aproximar os valores da temperatura urbana aos valores dos espaços “naturais”. Este efeito resulta da combinação de diferentes acções da vegetação, incluindo a absorção da radiação e a libertação de vapor através do processo de transpiração da vegetação.

- Melhoria do conforto ambiental – A forma como a população usufrui os espaços públicos é condicionada pelas características climáticas; os espaços verdes podem influenciar positivamente parâmetros climáticos como a temperatura, radiação, humidade e velocidade do vento, com as consequentes melhorias bioclimáticas para os utilizadores dos mesmos.

Prevenção e diminuição de riscos – Os espaços verdes desempenham importantes funções na contenção e na resposta a riscos naturais e artificiais, em particular pela acção de:

- Prevenção de terremotos e incêndios: Os espaços verdes podem funcionar como estruturas de evacuação em caso de ocorrência de incêndios em edifícios ou de terremotos.
- Conservação do solo e da água: As folhas das árvores atenuam o efeito erosivo das chuvas, evitando o seu impacto directo no solo, bem como da acção erosiva do vento e do gelo. As raízes da vegetação ajudam a fixar o solo e a controlar a erosão, espe-

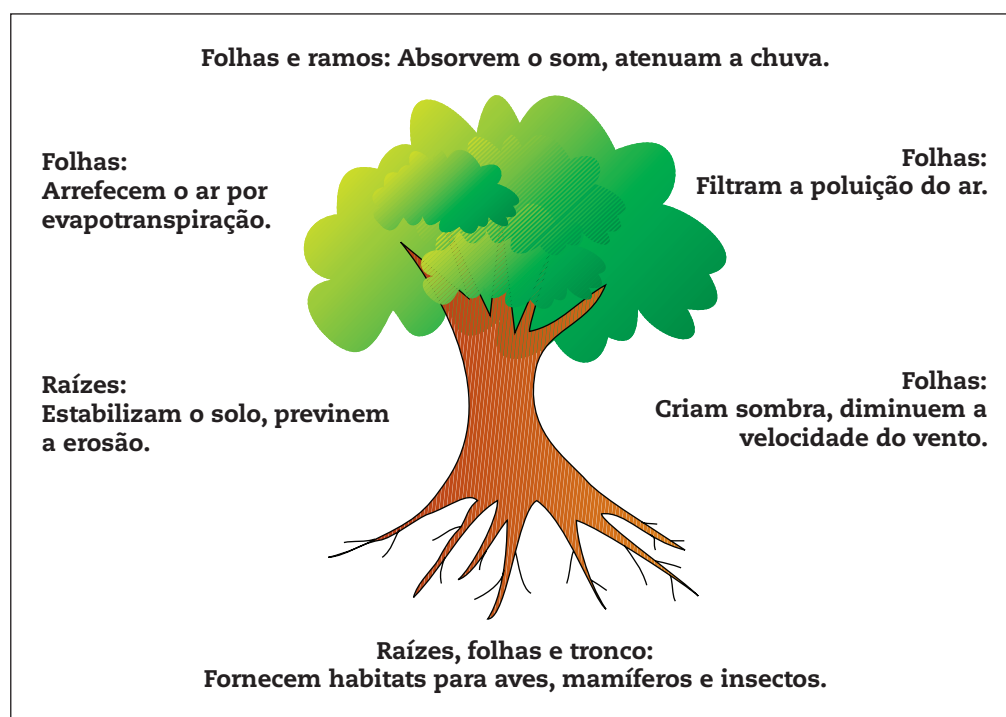
cialmente em zonas de grande inclinação. Os espaços verdes tendem a ajustar-se à formação de leitos de cheias, diminuindo os efeitos erosivos sobre o solo.

Atenuação do ruído – O ruído é uma das formas de poluição que afecta a qualidade de vida dos cidadãos. A vegetação, dependendo das suas características e da forma como se dispõe em relação à fonte do ruído, pode funcionar como uma barreira efectiva, atenuando os níveis sonoros. Adicionalmente, os sons da natureza existentes nos espaços verdes são, muitas vezes, encarados como elementos capazes de transmitir sensações diferenciadas e positivas, quando comparadas com as sentidas noutros espaços da cidade, onde os sons se apresentam sob a forma de ruído.

Incremento da biodiversidade – A cidade pode conter no seu seio alguma biodiversidade, com elementos diversificados de flora e fauna. A manutenção ou o incremento dos espaços verdes potencia a diversidade de espécies presentes. Os espaços verdes podem ainda assumir-se como corredores ecológicos, diminuindo os efeitos de fragmentação gerados pelas cidades.

Benefícios Sociais

Recreio, lazer e actividade física – A possibilidade de recreio e de lazer é reconhecidamente uma função dos espaços verdes. Numa sociedade que remete significativos estratos da população para rotinas diárias que se desenvolvem em espaços interiores, os espaços verdes devem constituir uma alternativa de ocupação de tempo, podendo incluir a actividade ou o descanso. As actividades susceptíveis de desenvolvimento nos espaços verdes, dependem grandemente das suas características, da forma como os espaços se encontram equipados para o efeito



Os múltiplos serviços ambientais das árvores.

e da forma como os hábitos resultantes se integram na cultura local. As actividades possíveis podem assumir diversas formas, do desporto à leitura, do recreio infantil ao convívio de adultos, sendo importante que todos possam aceder a espaços que respondam às suas expectativas, com benefícios directos para a saúde e para o bem-estar. Os espaços verdes podem mesmo constituir-se como um dos principais suportes para a actividade física, incluindo actividades como caminhar, correr e andar de bicicleta.

Estéticos/paisagísticos – Num espaço em constante mutação que determina uma intensa transformação da paisagem urbana, os espaços verdes surgem como elementos estéticos, que reforçam a identidade e o significado da paisagem. Quando relacionados com elementos culturais e historicamente relevantes, os espaços verdes assumem-se como um valor acrescentado.

Contacto social – Os espaços verdes favorecem o contacto interpessoal, num quadro geralmente inclusivo, potenciando a interacção e reforçando a coesão social.

Efeitos psicológicos – Diversos estudos sociais demonstram que os cidadãos encontram nos espaços verdes condições para o relaxamento e para o alívio do stress, com inegáveis benefícios para o bem-estar humano.

Educação ambiental – Os espaços verdes apresentam um grande potencial para o desenvolvimento de actividades de educação ambiental junto das populações, de modo

autónomo ou assistido. Como um ambiente exterior, os espaços verdes podem constituir-se como um museu ou aula viva, funcionando como um importante meio de transmissão de informação e de emoções, capaz de influenciar a personalidade dos residentes. Nestes espaços, fenómenos complexos como a sequência dos ritmos das estações e dos ciclos biológicos; o conhecimento da fauna e flora espontânea, bem como das cultivadas; fenómenos e equilíbrios físicos e biológicos podem ser mais facilmente compreendidos.

Benefícios Económicos

Os benefícios económicos dos espaços verdes são, por vezes, subvalorizados face aos benefícios directos do uso construtivo do solo urbano. De entre as diversas componentes que podem ser integradas no domínio económico, algumas traduzem-se num valor tangível e outras resultam de benefícios indirectos, igualmente relevantes.

À direita, práticas agrícolas na envolvente da cidade de Bragança.

Em baixo, espaços verdes da cidade como lugares de contacto social e de prática desportiva.



De entre os benefícios directos, podem considerar-se, a título de exemplo, diversas situações:

- Alguma da vegetação urbana pode ser utilizada para a produção de madeira, flores ou produtos hortícolas, cuja venda se traduz num benefício tangível;
- O valor dos edifícios é incrementado positivamente pela presença de espaços verdes. A avaliação que, na perspectiva do mercado, se faz do valor do edificado depende, não apenas das características arquitectónicas, mas também da qualidade do ambiente em que se insere.
- A gestão dos espaços verdes requer mão-de-obra, constituindo-se como um elemento gerador de emprego.
- Os espaços verdes podem constituir-se como elementos capazes de albergar actividades geradoras de receitas. Nos múltiplos exemplos dessa realidade assinala-se: a cobrança de bilhetes em espaço recreativos, os bares e o aluguer de equipamentos (p. ex. bicicletas, barcos, entre outros).

Os benefícios indirectos, de quantificação mais complexa, correspondem ao impacto económico decorrente das funções sociais e ambientais exercidas pelos espaços verdes. Questões como: quanto custa a produção de oxigénio? Ou a redução do consumo de energia por melhoria das condições climáticas? Quais os custos médicos da ausência de actividade física? Entre muitas outras, estas questões devem ser ponderadas quando se pensa no valor dos espaços verdes.

Estes inegáveis benefícios estão naturalmente dependentes das características dos espaços verdes locais, podendo potenciar um espaço urbano de qualidade. No entanto, existem elementos que podem retirar valor aos espaços verdes, porque questões como a falta de segurança, de higiene ou a degradação paisagística e ambiental, podem comprometer a qualidade de vida urbana e tornar repulsivos os espaços verdes.

A estrutura verde urbana

O planeamento e a gestão dos espaços verdes requerem a definição de uma estrutura verde, elemento espacial de referência, que incorpora um conjunto de elementos hierarquicamente organizados, salvaguardando do uso indevido espaços fundamentais e criando um equilíbrio na relação entre o natural e o edificado. Tomando como referência o modelo proposto pela Direcção-Geral de Ordenamento do Território (1992), a estrutura verde urbana pode organizar-se em torno de dois níveis fundamentais: a Estrutura Principal e a Estrutura Secundária.

A estrutura principal inclui elementos representativos da paisagem anteriormente existentes, incorporando aqueles espaços que resultam da integração do *continuum naturale* no seio das cidades. Compreende os espaços ecológicamente relevantes, salvaguardados nos Planos Municipais de Ordenamento do Território, também denominados por estrutura ecológica urbana. Estes espaços são a base para as ligações com a envolvente, potenciando a

relação que os habitantes estabelecem com os espaços rurais, contribuindo para o funcionamento dos sistemas ambientais e facilitando as trocas com o território envolvente.

Na estrutura principal encontram-se, habitualmente, espaços de maior dimensão, associados à protecção de espaços ecológicos de referência, com maior superfície, com menor alteração das condições naturais e orientados para uma utilização com menores requisitos de manutenção.

A estrutura verde secundária compreende espaços na proximidade do edificado, tais como jardins, pátios, separadores, entre outros, assumindo uma filosofia de utilização diferenciada, em que a ligação com o quotidiano das populações locais se assume como o requisito predominante. Como tal, são particularmente concebidos para potenciar o uso social, procurando responder às legítimas aspirações dos cidadãos.

A hierarquia dos espaços verdes deve garantir que se possa interagir com os elementos de modo progressivo, em espaços estruturados para constituir uma rede em que o cidadão tenha garantido o acesso próximo a espaços verdes de menor dimensão, podendo deslocar-se para encontrar espaços de maior dimensão que possam responder aos modelos de utilização pretendidos.

Contrariando a leitura *pulverizada*, defende-se presentemente que os espaços verdes se encontrem interligados por intermédio de estruturas lineares, denominadas de corredores verdes. Estes elementos funcionam como suporte à continuidade dos percursos, dentro e fora, de espaços verdes, configurando estruturas ideais para a circulação pedonal e em bicicleta, entre diferentes localizações na cidade, devidamente providas de vegetação num contexto ambiental e paisagístico de qualidade.

Bibliografia

Bolund, P. and Hunhammar, S. (1999). "Ecosystem Services in Urban Areas". *Ecological Economics* 29: 293–301.

Burgess J., Harrison, C. M. e Limb, M. (1988). "People, Parks and the Urban Green: A Study of Popular Meanings and Values for Open Spaces in the City". *Urban Studies* (1988). 25, 45 5-473.

Chiesura, A. (2004). "The role of urban parks for the sustainable city". *Landscape and Urban Planning* 68 (2004) 129–138.

Chueca-Goitia, F. (1997). *Breve Historia del Urbanismo*. Madrid: Alianza Editorial.

Costa, F., & Marques, A. (1994). *História e Geografia de Portugal*. Porto: Porto Editora.

Lynch, K. (1960). "A imagem da cidade e os seus elementos" in *A Imagem da Cidade*, Edições 70, Col. Arte e Comunicação.

CJC Consulting (2005). *Economic Benefits of Accessible Green Spaces for Physical and Mental Health: Scoping study*. Oxford, Report for The Florest Comission.

DGOT (1992). *Espaços Verdes Urbanos*, Direcção Geral do Ordenamento do Território.

DGOTDU (2006). *Programa Nacional de Política do Ordenamento do Território - Relatório*, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbanístico: 138.

Dow, K. (2000). "Social dimensions of gradients in urban ecosystems." *Urban Ecosystems* 4: 255–275.

Fariña-Tojo, J. (2001). *La Ciudad y el Medio Natural*. Madrid, AKAL.

Hough, M. (1998). *Naturaleza y Ciudad*. Barcelona, Gustavo Gili.

Manlun, Y. (2003). *Suitability Analysis of Urban Green Space System based on GIS*, International Institute for Geo-Information Science and Earth Observation, Enchede, Holanda: 84.

Pretty, J., JO P., Sellens, M., e Griffin, M. (2005). "The mental and physical health outcomes of green exercise." *International Journal of Environmental Health Research*. 15(5): 319 – 337.

Ribeiro Telles, G. (1997). *Plano Verde de Lisboa*. Câmara Municipal de Lisboa.

Roth, M. (2002). *Effects of Cities on Local Climates*. Workshop of IGES/APN Mega-City Project, Kitakyushu (Japan).

Swanwick, C., N. Dunnett, et al. (2003). "Nature, Role and Value of Green Space in Towns and Cities: An Overview." *BUILT ENVIRONMENT* 29(2).

UN, 2002. *World Urbanization Prospects. The 2001 Revision. Data Tables and Highlights* Population Division, Department of Economic and Social Affairs, United Nations Secretariat.

À direita, perspectiva da cidade, do Centro de Ciência Viva e do Castelo, tomada da escadaria do Senhor da Piedade (POLIS).







*Espaços Verdes
da Cidade
de Bragança*

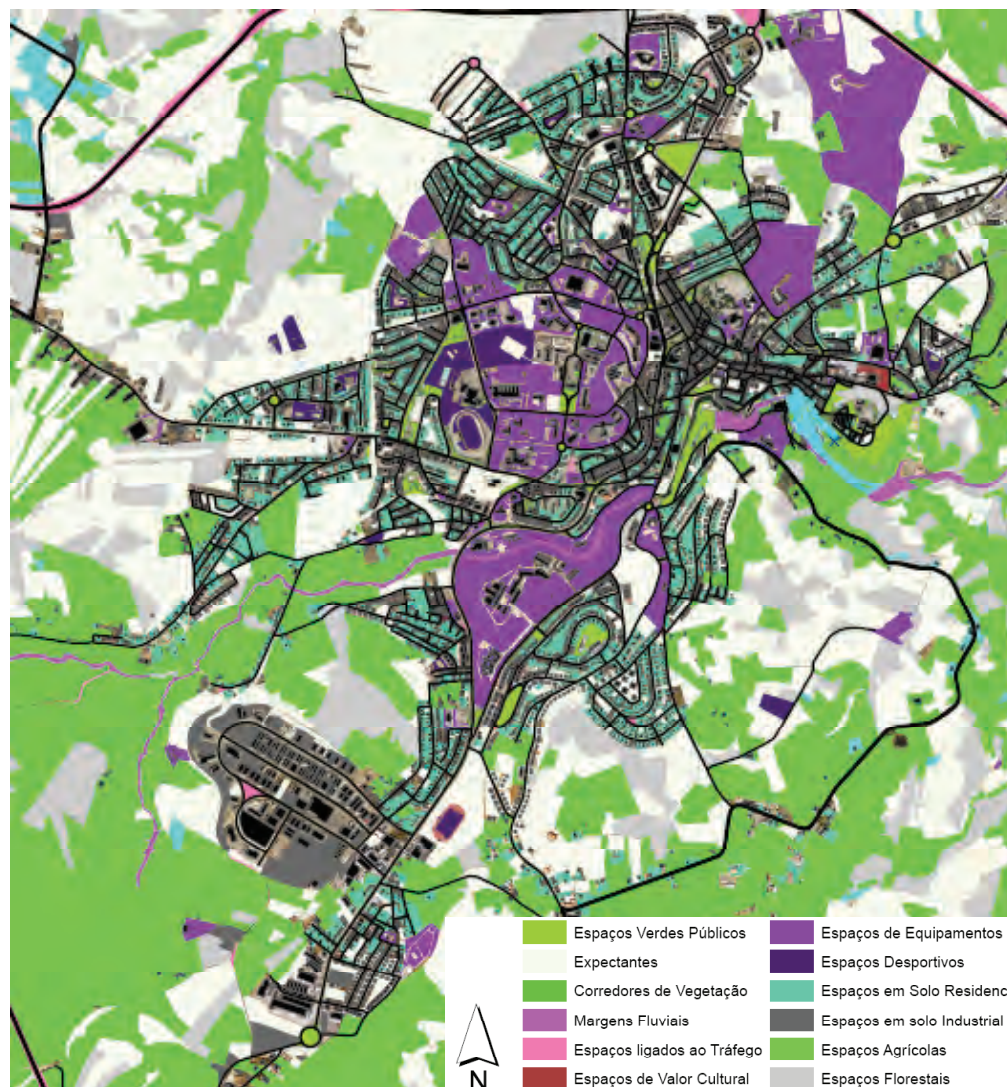
Introdução

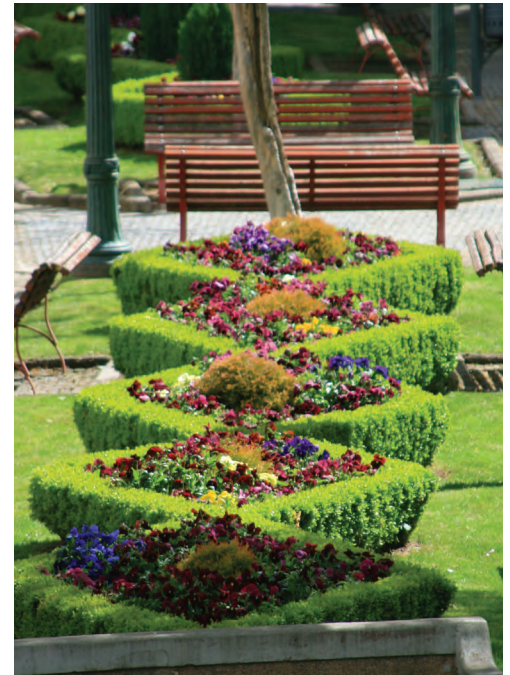
O espaço urbano, na sua complexidade, integra uma grande diversidade de elementos, entre os quais se encontram os espaços pavimentados e as estruturas edificadas, onde os cidadãos passam a maior parte do seu tempo. Igualmente relevantes são outros espaços, que podemos denominar de espaços livres, onde tradicionalmente se encontram os denominados espaços verdes, definição que remete para a presença de vegetação.

Os espaços verdes assumem várias formas, preenchendo os vazios e desempenhando funções diversas. Neles encontramos estruturas formais e de acesso público, mas também elementos de natureza diversa, como espaços agrícolas urbanos, pequenos bosques, entre outros, igualmente relevantes pelas funções que desempenham e pelo conjunto de oportunidades que representam para o desenvolvimento futuro, ainda que, por razão de eficiência, estes devam ser controlados.

Neste Capítulo, apresentam-se os espaços verdes na sua diversidade, identificando-se os tipos existentes e descrevendo-se sucintamente algumas das suas características.

Espaços livres da cidade de Bragança





Corredor verde do rio Fervença

Desde sempre ligado à história da cidade de Bragança, o rio Fervença é um elemento determinante na paisagem urbana. Historicamente, abasteceu a população de água e foi também um importante elemento na mecanização das actividades que se instalaram na sua proximidade, em especial durante o século XVIII, nomeadamente, por recurso a moinhos cujos vestígios e ruínas ainda hoje pontuam as suas margens.

O corredor ribeirinho que atravessa o perímetro urbano de Bragança pode ser dividido em três zonas distintas, seguindo de montante para jusante:

- a zona entre o bairro do Fundo da Veiga (Freguesia de Gostei), que segue pela Avenida Cónego Luís Ruivo e atravessa o Campus do Instituto Politécnico (IPB), até à ponte sobre o Fervença, na entrada da rua Alexandre Herculano;
- o corredor verde do Fervença desde a referida ponte até ao espelho de água, com moinho recuperado, frente ao Jardim António José de Almeida;
- a zona desde o moinho recuperado junto ao último açude, até ao acesso de ligação com o Caminho do Jorge e a Rua D. Maria I.



Este último troço acompanha o rio ao longo do seu percurso pelos Batoques e pelo Bairro Além-do-Rio, e dá acesso à entrada leste do Castelo e ao Parque de Merendas, no Bairro de S. Sebastião.

A nota principal deste corredor ribeirinho é dada pela vegetação ripícola que acompanha o leito do rio, essencialmente constituída por choupos (*Populus nigra* e *P. canadensis*), freixos (*Fraxinus angustifolia*), amieiros (*Alnus glutinosa*) e salgueiros (fundamentalmente *Salix atrocinerea* e *S. fragilis*), mas onde também sobressaem os lameiros e antigos campos de lúpulo (*Humulus lupulus*), as hortas familiares da primeira zona e os quintais e pomares do troço mais a jusante. Para além das espécies ripícolas já mencionadas, destacam-se ao longo das margens, exemplares espontâneos ou assilvestrados de marmeleiro (*Cydonia oblonga*), sabugueiro (*Sambucus nigra*), loureiro (*Laurus nobilis*), castanheiro (*Castanea sativa*) roseirais silvestres e silvados. Em algumas das áreas mais secas das margens são visíveis exemplares isolados de azinheiras (*Quercus rotundifolia*).

Ao longo de todo o corredor, durante os meses de Inverno, salienta-se nas parcelas cultivadas o verde glauco das couves e repolhos e o verde fresco dos nabais e das ferrãs.

Traçado do rio Fervença na sua passagem pela cidade de Bragança

Findo esse período, o amarelo intenso dos grelos (*Brassica napus*) alterna com o branco dos espigos (variedades de *Brassica oleracea*). Chegada a Primavera, no verde dos lameiros florescem várias espécies espontâneas.

Nas zonas mais quentes e abrigadas, situadas mais a jusante, as estevas, as giestas, a arçã, os loureiros, as figueiras, as cerejeiras, as amendoeiras e outras fruteiras cultivadas nos quintais, cobrem-se de intensa e aromática floração e contribuem para o colorido deste espaço.

Na Primavera, no Verão e durante o Outono, principalmente nas hortas familiares da margem esquerda do rio, é notória a azáfama na preparação das terras para a plantação da batata, a sementeira do grão de bico, dos feijões, do milho e das abóboras, na rega das diversas culturas, na colheita dos vários produtos e na vindima das muitas vinhas que por ali ainda se cultivam.

Uma boa parte do Corredor Verde do Fervença corresponde a uma área intervencionada no âmbito do programa Polis, onde, para além da vegetação das zonas ribeirinhas da região, se encontram instaladas diversas espécies ornamentais, tanto arbóreas como arbustivas, que se destacam pelas diferentes tonalidades da folhagem de certos exemplares (e.g salgueiros, choupos, amieiros, aceres, bétulas, forsítias, sempre-noivas e berberis) e a frutificação de algumas espécies como a das tramazeiras (*Sorbus aucuparia*).

É fundamental salientar que ao longo do leito do rio, sobretudo nas zonas de maior declive das margens e no

Uma das múltiplas utilizações do rio no passado, a lavagem de roupa, ainda ocorre ocasionalmente na actualidade.

fundo do vale, podem observar-se vários tipos de vegetação espontânea e cultivada muito interessante pelo seu carácter mediterrânico. Acompanhando todo o vale, apreciam-se azinheiras (*Quercus rotundifolia*), oliveiras, amendoeiras, figueiras, alguns castanheiros, vinha e outras fruteiras cultivadas em socacos, numa mistura harmoniosa com arbustos aromáticos, como sejam as estevas (*Cistus ladanifer* e *C. salviifolia*), a arçã (*Lavandula stoechas*), as giestas, os sabugueiros, a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*) e herbáceas silvestres de floração colorida. Todo este ambiente próprio de zonas mais quentes contrasta com as manchas de carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) viradas a Norte e algumas espécies de resinosas introduzidas e bem adaptadas, cedros (*Cupressus lusitanica*, *Cedrus atlantica*, *Cedrus deodara*) e pseudotsugas (*Pseudotsuga menziesii*), cultivadas em linha ao longo da estrada do Turismo ou formando um pequeno bosque que envolve a Pousada de S. Bartolomeu.

Tanto as hortas familiares como os quintais e logradouros do Bairro dos Batoques e do Bairro de Além-do-Rio proporcionam todo o ano uma paisagem variada e atractiva, amenizadora do habitual bulício das zonas urbanas e favorável aos percursos pedonais, já possíveis desde, pelo menos, o Campus do IPB até ao Parque de Merendas, sito no Bairro de S. Sebastião.

O Corredor Ribeirinho do Fervença constitui um importante património cultural e ecológico da cidade. A associação entre a flora espontânea e típica das margens do rio, refúgio de fauna diversa, e das áreas cultivadas de modo tanto tradicional e familiar, como obedecendo a planos mais modernos de gestão e ocupação do solo, permite uma ligação entre o ambiente natural, o ambiente rural e o ambiente citadino. Esta mistura de ambientes



proporciona um espaço de lazer, amenizador das tensões do quotidiano urbano, simultaneamente didáctico e facilitador de actividades recreativas e pedagógicas. Estes aspectos e perspectivas centrados na relação do Homem com a natureza e o sistema agrário são considerados, hoje em dia, de grande interesse e tidos como fundamentais para a qualidade do património cultural e urbano de várias cidades europeias.

Contrariamente à relação conflituosa que se vive em outros núcleos urbanos, a cidade estabelece com o rio e suas margens uma relação pacífica, visto que sempre que ocorreram cheias estas não afectaram as estruturas físicas urbanas ali instaladas. O respeito pela não ocupação das margens inundáveis e pela dinâmica fluvial são factores determinantes para preservar esta realidade no futuro.



Em cima, à direita, as margens do rio durante a chuva intensa ocorrida no Inverno de 2006/2007.

Em baixo, aspectos da ocupação actual das margens do rio e galeria ripícola junto ao IPB.



Bragança — Ponte do rio Fervença e campo do Loreto



*Em cima, troço do rio Fervença nas imediações da Ponte do Jorge.
Em baixo, imagem antiga do rio Fervença junto à capela da Senhora dos Aflitos.*

Alamedas e avenidas

Neste tipo de espaço verde são de realçar a Alameda de Santa Apolónia, a Avenida das Cantarias e o seu prolongamento pela Avenida Sá Carneiro até ao viaduto, a Avenida Águedo de Oliveira e a sua continuação na Avenida Pavillon Sous Bois, a Avenida João da Cruz, a Avenida Cidade de Zamora e a Avenida do Sabor.

Estes espaços verdes caracterizam-se pela presença de vegetação arbórea (ciprestes, aceres, carvalhos americanos, azevinhos) e arbustiva (berberis, silindra, alfazema, roseira, ligustro, escalónia e piracanta), tanto de folhagem perene como caduca, que se encontra implantada nos separadores centrais que dividem os sentidos de circulação e, por isso, é muitas vezes podada em sebe ou em formas geométricas para facilitar a visibilidade.

Exceptua-se o caso da Avenida João da Cruz em que o traçado adoptado para o espaço faz destacar duas filas de árvores (*Prunus serrulata*) e um conjunto de canteiros relvados, desenhados e limitados



Avenida João da Cruz, Alameda de Santa Apolónia e Avenida Cidade de Zamora.



com sebe baixa de buxo (*Buxus sempervirens*), no interior dos quais se cultivam sazonalmente pela sua floração várias espécies de herbáceas (túlipas, petúnias, amores-perfeitos, por exemplo), cameleiras e outras espécies sempre-verdes (*Thuja* spp. e *Juniperus* spp.).

Particularmente interessantes do ponto de vista da vegetação são:

- a alameda de plátanos da Alameda de Santa Apolónia, cujas copas frondosas proporcionam frescura no Verão e ambiente policromático durante a maior parte do ano;
- os separadores da Avenida Sá Carneiro, em especial junto aos semáforos dos Serviços de Acção Social do IPB, e os da Avenida Águedo de Oliveira, onde contrastam, pelo porte, tonalidade da folhagem e floração, espécies como os choupos piramidais, as catalpas, os aceres, os carvalhos americanos, as variedades coloridas de espinheiro (*Crataegus monogyna*), as tramazeiras (*Sorbus aucuparia*), as roseiras, fotínias, berberis, alfazemas, zimbros e azáleas, entre outros;
- o separador da Avenida Pavillon Sous Bois, integralmente plantado de uma gramínea de cobertura de cor verde acinzentada (*Festuca* sp.) que faz sobressair os azevinhos de folhagem variegada e de floração e frutificação abundantes;
- o separador da Avenida do Sabor onde se destacam no verde do relvado maciços de espécies arbustivas, misturas de azáleas, silindras, berberis, zimbros, giestas, lavandas e hortênsias, pelos intensos contrastes da folhagem e floração que essas espécies exibem durante uma boa parte do ano.

Em baixo, novo espaço verde da Avenida Cidade de Zamora. À direita, santolina em flor, ramo e inflorescência de cerejeira-do-Japão, e weigela florida.



Espaços ligados ao tráfego

Os espaços verdes ligados ao tráfego (rotundas, triângulos, nós e separadores) são predominantemente áreas relvadas, nas quais se encontra vegetação do tipo arbustivo e herbáceo, e raras vezes, também de porte arbóreo. Essa vegetação pode estar dispersa ou organizada em pequenos grupos de várias espécies, formando maciços que se destacam pelo colorido da folhagem e floração.

Em vez de relva, alguns espaços têm espécies que cobrem o solo, formando tapete como, por exemplo, urzes de flores brancas e rosa (rotunda da Escola Abade de Baçal), festuca e hipericão de jardim (nós da Avenida Águedo de Oliveira e separador em frente ao Teatro Municipal), zimbros rasteiros e cotoneasteres associados a manchas relvadas (nó junto ao Mercado Municipal).

Várias espécies aromáticas, como o alecrim e as alfazemas, as roseiras e azáleas são empregues em triângulos, com resultados bastante atraentes, sobretudo durante a época da floração. Para os se-



Espaços Verdes de Bragança

paradores privilegiam-se plantas arbustivas de folhagem atractiva, variegada e colorida ou de floração exuberante, mas também várias cupressáceas (ciprestes, cedros e zimbros), algumas palmeiras (*Trachycarpus fortunei*) e yucas (*Yuca aloifolia* e *Y. gloriosa*). Trata-se de espécimes com copas normalmente cónicas ou podadas em formas geométricas, esféricas ou colunares, para facilitar a visibilidade dos condutores que circulam nas vias. Muitas destas espécies são tolerantes à poluição causada pelo tráfico contínuo e reagem relativamente bem à poda intensa. Alguns exemplos são as tuias, os zimbros, os cedros, as sempre-noivas, os ligustros, a escalónia, a piracanta, a cerejeira-loureiro, a silindra e as fotínias.

Nas áreas de maior dimensão frequentemente surgem espécies arbóreas que se plantam ou se recuperam da flora existente no local. Constituem exemplos as magnólias (rotunda de Vale de Álvaro, Avenida Cidade de Zamora e rotunda da Avenida do Sabor), os plátanos (rotunda do Parque Florestal), os sobreiros e azinheiras (rotunda dos Touros, Monumento 25 de Abril), as oliveiras (rotunda da Braguinha), as albizias (semáforos da Alameda de Santa Apolónia) e os pinheiros do Bairro de S. Tiago.



Em cima, exemplos do emprego de espécies arbóreas na Avenida Sá Carneiro, na Alameda de Santa Apolónia, no Bairro de S. Tiago, e Avenida Águedo de Oliveira.

Página anterior, e nesta página, em baixo à direita, espécies arbustivas e de cobertura do solo. Avenida Sá Carneiro, Avenida Cidade de Zamora, e Alameda de Santa Apolónia.



Envolventes e logradouros

Vários bairros da cidade possuem pequenas áreas ajardinadas, envolvendo os equipamentos, ladeando as principais vias ou instalados em pracetas.

Os espaços que se incluem nesta tipologia são normalmente relvados com algumas árvores e arbustos ou simplesmente árvores plantadas sobre o coberto herbáceo que aí se encontrava instalado. São exemplo os espaços entre a Estrada do Turismo e a Rua Marechal Carmona e o Bairro da Previdência.

Privilegiam-se espécies arbóreas capazes de proporcionar sombra como o castanheiro-da-índia, as tílias, os aceres, as catalpas, os carvalhos americanos e os cedros, mais raramente pinheiros ou outras resinosas de grande porte. Também se cultivam algumas cameleiras, roseiras e várias espécies aromáticas arbustivas e herbáceas.

Alguns espaços anexos às vias de trânsito, aos viadutos e envolventes de edifícios de uso público constituem exemplos muito positivos do equilíbrio entre as zonas envolventes e o edificado. Estão neste caso:

- as faixas laterais da Alameda de Santa Apolónia e da Rua Padre António Vieira, junto ao GAT;
- os espaços anexos ao viaduto da Sá Carneiro, Escola e Igreja das Beatas onde se tira partido de várias espécies que formam tapete como o hipericão-de-jardim, a cotoneaster, alternando com espécies podadas em sebe (piracanta, buxo, cedro e cerejeira-loureiro) e árvores de porte médio, como os *Chamacyparis* spp. e os *Cupressocyparis* sp. e as pequenas palmeiras;



Espaços Verdes de Bragança

- também os espaços anexos ao novo viaduto que desemboca na Avenida das Forças Armadas, onde a diversidade de arbustos, árvores e trepadeiras que aí se encontram plantadas, permitirá a curto prazo uma boa cobertura do solo e das paredes e um ambiente policromático ao longo das várias estações do ano;
- a área envolvente ao Mercado Municipal onde sobressaem as cupressáceas de folhagem variada, as alfazemas, forsítias e giestas;
- a zona do Centro de Saúde com a agradável mistura de espécies arbóreas e arbustivas, salientando-se pela floração e folhagem as albízias e os áceres;
- os pequenos bosques de coníferas e cupressáceas das Escolas Secundárias Emídio Garcia, Abade de Baçal, Parque Florestal, do antigo Cemitério Municipal e da

- Mata do Seminário, apesar de, por várias vezes ao longo do tempo, terem sofrido intervenções menos adequadas, que se reflectem no seu estado actual;
- os bosquetes de folhosas das Piscinas Municipais, do GAT, das instalações das Estradas de Portugal, da Biblioteca da Gulbenkian e da Escola Secundária Miguel Torga;
- toda a área envolvente do Convento de S. Francisco e Arquivo Distrital, que inclui um pequeno bosque de folhosas variadas e vegetação organizada em socalcos, constituída por diversas árvores plantadas em grupos, alternadas com arbustos de folhagem variada e floração abundante;
- a área circundante do Teatro e do Centro Comercial, plantada de espécies resistentes e bem adaptadas (*Juniperus* spp., *Erica* spp. e *Mahonia* sp., por exemplo) que fazem boa cobertura do solo; (x) a envolvente da Catedral e da área do terreiro da feira, por baixo do edifício do Mercado Municipal, onde se plantaram recentemente bastantes espécies arbóreas de grande interesse ornamental e ecológico, bem como arbustos de floração exuberante e herbáceas aromáticas que formam boa cobertura do solo e muros.

Diversos espaços na envolvente de equipamentos.

*Página anterior, Estação Rodoviária, Mercado Municipal e Arquivo Distrital.
Nesta página, piscinas do Clube Académico, Escola Augusto Moreno, Escola das Beatas, antigo Cemitério Municipal e Serviços de Acção Social do IPB.*



Espaços residenciais

Muito embora nos últimos anos se tenha verificado um acentuado aumento destas áreas verdes, pode dizer-se que os espaços verdes associados às zonas residenciais são ainda relativamente escassos ou de pequena dimensão, resumindo-se a pequenas faixas relvadas com uma ou duas espécies arbóreas e arbustivas. Durante muito tempo, a pressão imobiliária e a construção de edifícios condicionou a concretização das zonas verdes previstas nos projectos de urbanismo e por isso, estes espaços ainda contribuem pouco para a estrutura verde secundária da cidade e logo para o conforto dos habitantes e valorização paisagística de certas áreas residenciais.

Apesar de hoje em dia se verificar uma tendência para o ajardinamento das envolventes dos edifícios, como acontece em Vale de Álvaro, a falta deste tipo de espaços verdes é evidente em certos bairros da cidade onde a tipologia construtiva corresponde a um edificado contínuo de blocos multifamiliares, que se desenvolve principalmente em altura, como se observa no Bairro Artur Mirandela, Bairro da Estação, Bairro da Coxa, Bairro da Estacada, e principalmente em artérias recentes como a Avenida Sá Carneiro e parte da Avenida Abade Baçal. Nestas zonas,

a estrutura verde é muitas vezes assegurada apenas por árvores de arruamento, numa fase inicial de desenvolvimento e por espaços privados inseridos na malha densa do edificado (logradouros interiores, quintais e jardins de unidades unifamiliares).

Aspectos de faixas verdes envolvendo espaços residenciais.



Espaços Verdes de Bragança

A estrutura destes pequenos espaços verdes baseada na implantação de espécies arbóreas de pequeno porte, arbustivas e herbáceas, perenes ou sazonais, permite amenizar a massa do edificado, como se observa nas Avenidas Abade Baçal e Cidade de Zamora, por exemplo. As espécies preferidas são principalmente os cedros e zim-

bros da família das Cupressáceas, magnólias, cerejeiras, palmeiras, forsítias, marmeleiros-de-jardim, cameleiras, roseiras arbustivas e trepadoras e uma grande variedade de herbáceas, cultivadas pela floração como as túlipas, narcisos, jacintos, lírios, gladiolos, dâlias, petúnias, sécias, amores-perfeitos e primulas, entre muitas outras.

Exemplos de algumas das espécies frequentemente utilizadas nos espaços residenciais: azáleas, forsítia, carvalho-americano, lírios e folhado.



Espaços agrícolas

Os espaços agrícolas do perímetro urbano e da sua envolvente são fundamentalmente lameiros, parcelas de cereal, olivais, soutos, pomares e hortas.

Alguns lameiros e campos de cereal foram plantados com choupos, freixos e cerejeiras, ou foram deixados ao abandono e, por isso, têm vindo a ser progressivamente invadidos por vegetação espontânea, principalmente matos herbáceos e arbustivos.

Tal como no caso do Corredor Ribeirinho do Rio Fervença, muitas destas zonas agrícolas paredes-meias com a “urbe” desempenham um importante papel cultural e social, porque permitem uma ligação estreita entre o meio rural e urbano, evitando a erosão do conhecimento ecológico e a quebra total da relação peculiar do Homem com o seu agro-ecossistema. Contribuem também para a ocupação de pessoas não activas (donas de casa, reformados e pessoas de terceira idade) e para o orçamento familiar de vários agregados, quer pela produção de bens alimentares para auto-consumo, quer para venda nas feiras mensais ou no mercado municipal.

A integração do espaço agrícola no tecido urbano fomenta a interacção entre a ruralidade, a propriedade rústica e o meio urbano, facilita as relações entre gerações, mantendo vivas as memórias do passado rural, permite a sua transmissão ao longo do tempo, estimula actividades pedagógicas e formadoras de âmbito cultural, histórico, experimental e lúdico, fundamentais para o desenvolvimento dos cidadãos mais jovens. Por outro lado, muitos destes espaços são fundamentais para a rede de drenagem e circulação das águas e por isso mesmo devem ser preservados. Em termos de utilização e tipologia, vários



Práticas agrícolas no espaço actual do Corredor Verde do Fervença, década de 1970.

Espaços Verdes de Bragança

Planos Verdes, como por exemplo o de Lisboa, associam estes espaços a sistemas mistos de produção e recreio e propõem medidas para a sua preservação.

Do ponto de vista paisagístico sobressaem várias áreas de interesse agrícola como os lameiros do Campus de Santa Apolónia, do Bairro do Fundo da Veiga e junto ao IP4, desde a entrada sul até à saída para o aeródromo, o souto da Rotunda do NERBA e da Rua João Bosco, os Pinhais junto ao Bairro do Sol e quinta da Rica Fé, os pomares, vinhas e olivais das vertentes do Monte de S. Bartolomeu e todas

as hortas familiares que surgem ao longo do rio, tanto no vale como nas suas colinas.

Práticas agrícolas ainda realizadas na envolvente da cidade.



Bosques

No perímetro urbano salientam-se algumas manchas de castanheiro, de carvalho-negral, de freixo, pinheiro e de azinheira, todas elas com eminente interesse paisagístico e ecológico. Todo o Monte de S. Bartolomeu se destaca pela posição dominante relativamente à cidade, motivo pelo qual é avistado a partir dos mais diversos locais. Nas suas encostas Norte e Nordeste sobressaem manchas de arvoredos formadas por bosques remanescentes de carvalho-negral e espécies associadas, povoamentos de pinheiro, castanheiro e de cerejeira, a par com pomares de fruteiras, vinha e olival instalados pelos proprietários



Bosques, pomares e matos na envolvente da cidade de Bragança.



Espaços Verdes de Bragança

dos terrenos. Nas suas vertentes mais viradas a sul, encontram-se azinheiras e alguns bosques de cedros. Na zona de S. Jorge, são dignos de nota os sardoais (bosques antigos de azinheiras) e os freixiais. Nas saídas para Vila Nova e Rabal destacam-se, respectivamente, um pinhal de *Pinus pinaster* e um freixial (*Fraxinus angustifolia*).



Aspectos das manchas arbóreas e arbustivas do perímetro urbano de Bragança, apreciadas a partir da porta Este do castelo.



Parques e jardins públicos

A cidade de Bragança dispõe actualmente de cerca de 16 espaços verdes formais, que se enquadram na classificação de parques e/ou jardins públicos. Os mais antigos (Praça Cavaleiro Ferreira, António José de Almeida, Jardim D. Fernando e Jardim da Câmara Municipal, por exemplo) distinguem-se da maioria que são de construção muito recente (Eixo Atlântico, Braguinha, POLIS, Estação Rodoviária, Catedral), pelo desenho e concepção mais rígido e formal.

Tendo em conta tanto o pouco tempo decorrido desde a sua instalação como a sua estrutura e/ou concepção, alguns desses espaços formais ainda não contribuem plenamente para a qualidade paisagística, ou para o bem-estar e lazer da população urbana.

Em geral, nos espaços recentes, a vegetação do tipo arbórea e arbustiva já implantada, ainda se encontra numa fase inicial de desenvolvimento. Por isso mesmo não pode ainda cumprir integralmente as suas funções ambientais



Nesta página e nas seguintes, vários aspectos dos espaços formais geridos pela Câmara Municipal e da vegetação neles implantada.



e estéticas, sendo muito sensível a más práticas de manutenção, à qualidade ambiental (principalmente poluição devido à circulação viária) e ao vandalismo.

Contudo, é de salientar que estas novas áreas ajardinadas da cidade apresentam um bom potencial para amenizar, a curto prazo, o impacto das diversas actividades e equipamentos do espaço urbano, a par de outras zonas, como a envolvente do Castelo e os jardins mais antigos, onde dominam espécies arbóreas de porte assinalável.

A tendência dos últimos anos parece centrar-se na diminuição de relvados semeados, substituídos pela vegetação herbácea natural (aparada como os relvados, mas dispensando regas copiosas), por espécies que rapidamente colonizam o espaço e permitem uma boa cobertura do solo (por exemplo, *Festuca* sp., *Hypericum* sp., *Cotoneaster* sp.) ou ainda, por materiais inertes como a casca de pinheiro, calhaus rolados, cascalho ou gravilha. Por outro lado, relativamente aos exemplares ornamentais de porte arbóreo, arbustivo e herbáceo tem-se fomentado a instalação de espécies e variedades com alguma resistência e adaptação às particulares condições edafo-climáticas do meio urbano e da região, optando-se por espécies e famílias afins das que dominam a flora regional como, por exemplo, os carvalhos, as oliveiras, as cerejeiras, os medronheiros, os espinheiros, as urzes, os tomilhos, as alfazemas e as lavandas.

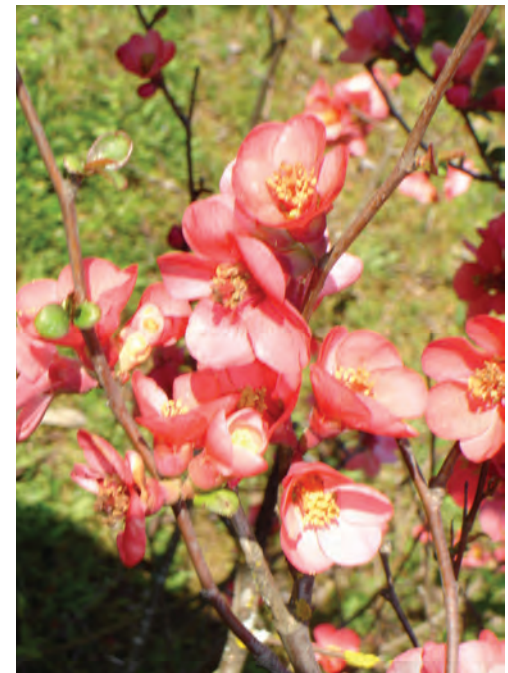
Entre outras, também se implantaram espécies arbóreas de grande porte que sendo bem acompanhadas poderão contribuir para a qualidade estética e ambiental dos espaços e da cidade. Algumas são espécies de folha persistente, como por exemplo, as variedades de teixo (*Taxus baccata*) e de azevinho (*Ilex aquifolium*), os sobreiros (*Quercus suber*), azinheiras (*Quercus rotundifolia*), ligustros (*Ligustrum ovalifolium* entre outras espécies), oliveiras (*Olea europaea*), e as várias espécies e variedades da família das Cupressáceas, vulgarmente conhecidas por cedros, ciprestes e zimbros. Mas, tem-se investido principalmente na plantação de árvores de folhagem caduca e variegada, que se tornam atractivas pela forma (*Morus platanifolia*, *Liquidambar styraciflua*, *Liriodendron tulipifera*, *Platanus orientalis*), pela cor da folhagem

(*Liquidambar styraciflua*, *Acer* spp. e *Prunus* spp.) e pela abundância tanto da floração como da frutificação (*Albizzia julibrissi*, *Cercis siliquastrum*, *Melia azedarach*, *Sorbus aucuparia*), como até pelo seu interesse aromático em certas épocas do ano (*Magnolia* spp. e *Tilia* spp.).

Verifica-se a mesma situação em relação às espécies arbustivas introduzidas nos jardins e parques. Encontram-se arbustos em formas livres ou podadas, com porte que varia dos mais erectos aos prostrados, de folhagem perene ou caduca e de abundante, colorida e aromática folhagem, floração ou frutificação. Sobressaem nos diversos espaços várias espécies aromáticas da família das Labiadas, as alfazemas (*Lavandula angustifolia*, *L. latifolia*, *L. stoechas*) e o alecrim (*Rosmarium officinalis*); das Leguminosas (*Cytisus*, *Genista* e *Coronilla* spp.); e das Rosáceas (*Kerria japonica*, *Potentilla fruticosa*, *Rosa* spp.); bastantes exemplares de floração vistosa, em formas livres ou podados em sebe, como as azáleas (*Rhododendron* spp.), as piracantas (*Pyracantha angustifolia* e *P. coccinea*), a silindra (*Philadelphus coronarius*) e a forsitia (*Forsythia x intermedia*); também alguns espécimes que se destacam apenas pela folhagem como o buxo (*Buxus sempervirens*), a berberis (*Berberis darwinii* e *B. thunbergii*), a cerejeira loureiro (*Prunus laurocerasus*), a fotínia (*Photinia* spp.) ou o evónimo (*Euonymus japonicus*), entre muitos outros.

Em muitos dos espaços verdes formais, particularmente nos de traçado antigo localizados no centro da cidade, ainda hoje se emprega frequentemente vegetação sazonal, representada por um conjunto de espécies herbáceas, cultivadas pela intensa e vistosa floração que confere ambiente colorido e festivo a estas áreas. São exemplos, as begónias (*Begonia semperflorens-cultorum*), as sécias (*Callistephus chinensis*), as petúnias (*Petunia hybrida*), a salva-ananás (*Salvia elegans*), as sálvias coloridas (*Salvia splendens*), os amores-perfeitos (*Viola x wittrochiana* e *Viola tricolor*), as túlipas (*Tulipa* spp.) e os gladiolos (*Gladiolus x hortulanus*), cultivados no Jardim António José de Almeida, na Praça Cavaleiro Ferreira e no Jardim da Câmara Municipal, por exemplo.

No entanto, a sua instalação e cultivo ao largo das várias estações do ano implicam despesas com a aquisição de grande



quantidade de plantas e exige mão-de-obra e manutenção frequente e cuidadosa. Estas espécies conformam o imaginário de jardim cuidado de muitos cidadãos – o jardim abundantemente florido – utentes que ainda não estão habituados a uma concepção mais moderna e sustentável de jardins, a qual tira partido das formas e tonalidade de espécies nativas, árvores e arbustos bem adaptados e, por isso mesmo, constituem soluções mais económicas, apesar de igualmente atractivas e de grande interesse ornamental, ecológico e ambiental.

Pela sua relevância e funcionalidade, os Parques e Jardins Públicos serão objecto de uma caracterização detalhada no capítulo seguinte.

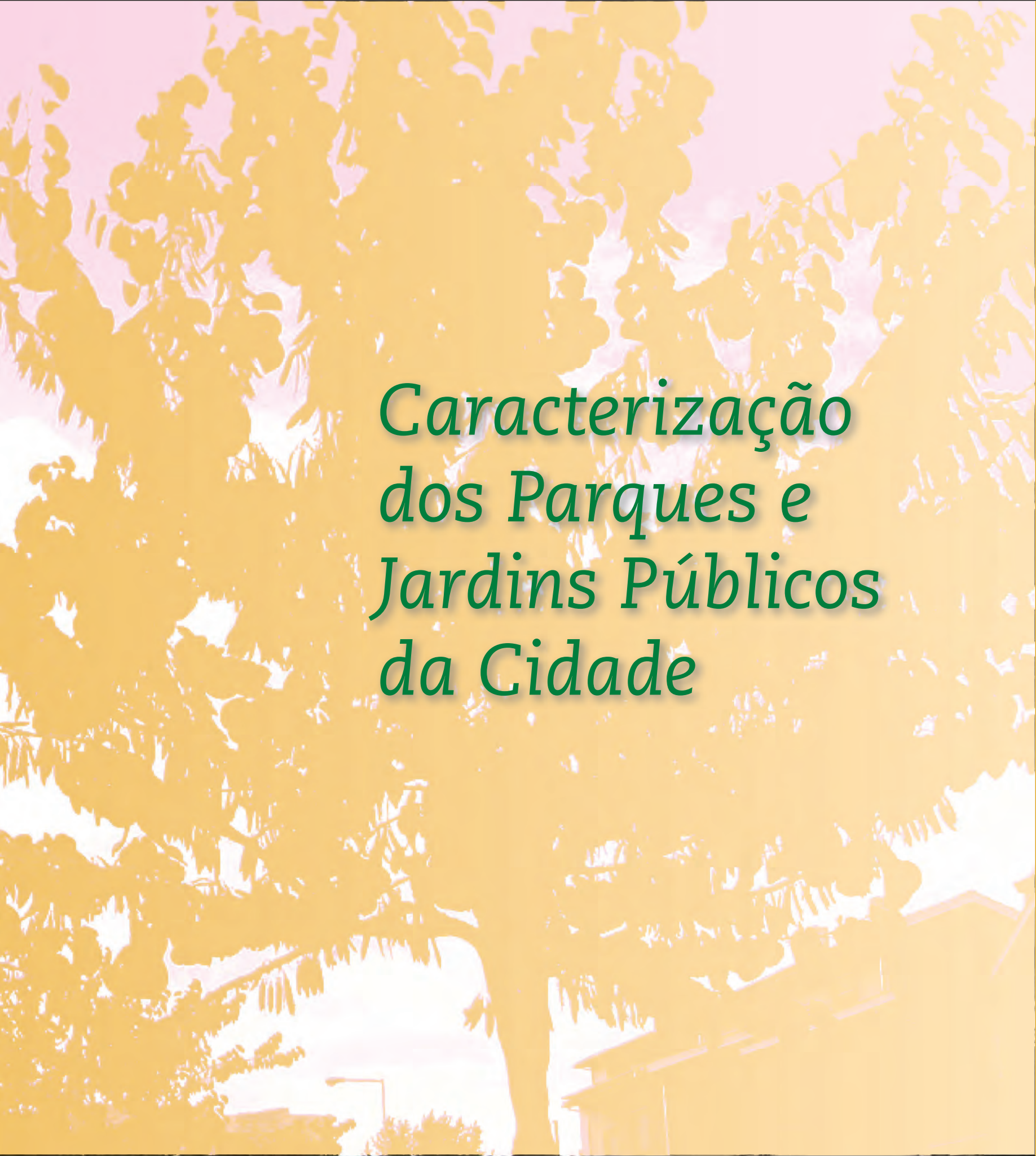
Nesta página, frutos de folhado, folhas de liquidambar, floração de lilaseiro, frutificação de piracanta e flores e bagas de hipericão de jardim.

Na página seguinte, detalhes do porte e floração de castanheiros-da-Índia e cedros na Avenida Cidade de Zamora.







The background of the slide features a photograph of a large, leafy tree in the foreground, with a building partially visible behind it. The entire image is overlaid with a semi-transparent yellow filter. The text is centered in the middle of the slide.

*Caracterização
dos Parques e
Jardins Públicos
da Cidade*

Introdução

Os espaços verdes formais da cidade de Bragança são aqui caracterizados tendo em atenção a sua origem, história, localização no tecido urbano, estrutura, funcionalidade, a diversidade de flora e tipo de vegetação dominante.

Os jardins e parques que se apresentam correspondem aos espaços verdes formais definidos para os vários sectores urbanos, segundo critérios estabelecidos pela Câmara Municipal. Para cada caso, descreve-se o conjunto de espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas que se encontram implantadas, bem como os aspectos morfológicos de maior destaque, o estado de manutenção, a adaptação às condições edafo-climáticas e a adequação à funcionalidade do espaço. Faz-se ainda uma breve referência ao equipamento e mobiliário presente.

Procura-se chamar a atenção para a diversidade florística da maioria dos espaços, pondo em evidência as características das espécies que melhor contribuem para o valor estético e paisagístico dos parques e jardins. No final, encontram-se listadas por categorias a maior parte das espécies observáveis nos espaços verdes da cidade, orga-

nizadas numa tabela por nome vulgar, científico e família botânica, o que permitirá ao leitor aprofundar este tema.

A atribuição de nomes científicos obedeceu às regras de nomenclatura preconizadas pela Flora Iberica (Castroviejo, 1986-2007) e às seguidas por outros autores citados na bibliografia do capítulo. A identificação e classificação foi feita, principalmente, ao nível da espécie, e apenas em certos casos se teve em conta as categorias inferiores (subespécie e variedade, por exemplo), ou as variedades comerciais. Sempre que o estado de desenvolvimento das plantas não permitiu uma determinação específica a classificação realizou-se até à categoria do género.





Corredor Verde do Fervença – POLIS

Apresentação

Situado numa extensão que vai desde a cidadela até ao espaço que terá sido alcançado pela expansão urbana no século XVI ou XVII, o corredor verde do Fervença constitui um elemento de referência na vivência da cidade, marcado pela presença do rio e pela perspectiva que se abre sobre o Monte São Bartolomeu, sendo desde há muito reclamado o seu usufruto pela população.

Este espaço está historicamente associado aos usos e costumes praticados em torno do rio Fervença, num espaço caracterizado pela transição entre a margem esquerda, onde se desenvolveu maioritariamente a cidade, e a margem direita, marcada pelas encostas do Monte de São Bartolomeu.

O Programa Nacional de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades – POLIS – constituiu uma oportunidade de transformação do espaço, consubstanciado em torno de dois projectos:

- Fase 1 - projecto desenvolvido pelo Gabinete Vasco da

Cunha, com a Coordenação da Arq.^a Isabel Vaz Serra, iniciado em 2000 e concluído em Setembro de 2002;

- Fase 2 - projecto Desenvolvido pelo Gabinete SA – Sociedade de Arquitectos, com a coordenação do Arq. António José da Cunha Braamcamp de Marcelos Silva, iniciado em 2003 e concluído em 2006.

Este parque veio dignificar e beneficiar o rio Fervença na sua passagem pela cidade, tornando-o mais visível e acessível a todos os cidadãos e, em particular, a todos os residentes da zona ribeirinha.



Ao longo da sua curta existência, para além do uso intensivo que dele fazem a população da cidade e os visitantes, em especial durante a Primavera e o Verão, tem



Paisagens de outrora do Corredor Verde do Fervença.

também sido utilizado para feiras e exposições, actividades desportivas e de ar livre.

Este espaço verde configura-se num corredor ribeirinho, que se desenvolve em dois troços. O primeiro (Fase 1) situa-se entre a Ponte do Fervença e a Rua dos Batoques tendo sido concebido como um espaço verde formal, com vegetação plantada e intervencionada. Numa abordagem mais detalhada e devido às suas características é possível dividir o primeiro troço em duas partes: o corredor ribeirinho e a encosta do Senhor da Piedade. O segundo

troço (Fase 2), aqui abordado com menor profundidade, inicia-se no último açude do primeiro troço, desenvolve-se seguindo o rio ao longo do seu percurso pela zona dos Batoques, terminando nas imediações da entrada leste do Castelo e do Parque de Merendas, junto à ponte do Jorge.

O corredor ribeirinho da primeira fase corresponde ao espaço que acompanha o Rio Fervença na sua passagem pelo centro da cidade. Começa na Rotunda da Flor da Ponte, na entrada da Rua Alexandre Herculano, e segue em direcção ao centro, terminando em frente ao Jardim Doutor António José de Almeida, junto ao último açude deste trecho do rio.



Este espaço possui vários acessos possíveis a partir das duas margens do rio, desde a Rotunda da Flor da Ponte e do Jardim José de Almeida, ao longo da Rua Alexandre Herculano e desde a Rua do Rio Fervença, por escada, rampa, caminhos em gravilha ou empedrados. Em cada uma das margens há um corredor pedonal que acompanha o rio em toda a sua extensão até ao espelho de água, junto à Rua Doutor António José de Almeida. As zonas pedonais em madeira, gravilha ou pedra, partem dos corredores principais e divergem em várias direcções. Ao longo do percurso é possível passar de uma margem para a outra por meio de pontes de ferro, num total de quatro.

Uma esplanada, um parque infantil, um parque de manutenção física para a terceira idade, as instalações da Casa do Mel (edifício em arquitectura tradicional), um antigo moinho de água recuperado e exposto de forma pedagógica e didáctica, bem como algum equipamento simultaneamente decorativo e recreativo, são pólos de interesse do corredor. Para além disso, o próprio rio, a vegetação instalada ao longo das margens, as aves que aí encontram abrigo, e outro tipo de fauna, como as ocasionais lontras, constituem um atractivo para os visitantes.

A vegetação acompanha as margens do rio, e está também instalada em canteiros, organizados em socalcos, alguns apresentando declive apreciável. As zonas das margens assim como as dos canteiros encontram-se relvadas ou

Vistas aéreas do Corredor Verde do Fervença correspondente ao troço da 1.ª fase da intervenção.

Acima, 1958; abaixo, em 2004.

cobertas de vegetação herbácea espontânea que é frequentemente aparada. Espécies arbóreas e arbustivas de porte, folhagem e estrutura bastante diversificada estão isoladas, organizadas em linhas ou em grupos, formando manchas que se distinguem atendendo a vários critérios, tais como: porte, persistência ou caducidade das folhas, tonalidade de cascas e folhagem, floração ou frutificação.

Na margem esquerda, ao longo da zona pedonal que conduz ao Jardim Doutor António José de Almeida, e principalmente, nos trajectos planos e mais afastados do leito do rio, foi utilizada alguma vegetação arbustiva de porte rasteiro que reveste o espaço e que forma intenso contraste com os relvados através da cor da folhagem ou da presença de frutificações abundantes e conspícuas, como por exemplo as coberturas de cotoneaster ou de santolina.

A encosta da capela do Senhor da Piedade configura um espaço com declive acentuado, organizado em patamares e socalcos, e que ocupa maioritariamente a margem direita do Rio Fervença. Toda a área é percorrida por vários caminhos empedrados e em gravilha, rasgados segundo as curvas de nível.

Na maioria da sua extensão, os taludes encontram-se relvados, ou pontualmente, cobertos de casca de pinheiro. Nestes taludes foram plantadas espécies arbóreas e arbustivas, em linha, formando pequenos bosquetes, ou pequenos grupos de forma geométrica ou irregular. No declive do lado leste, contíguo à escadaria que liga o espelho de água à Capela do Senhor da Piedade, existe uma área de olival, que corresponde ao coberto arbóreo e herbáceo inicialmente instalado naquela zona, antes da intervenção. Trata-se de um espaço com bastante interesse pela presença de castanheiros, do olival e da flora que lhe está habitualmente associada.

Na base desta pequena colina, o rio faz um cotovelo no qual fica o último dos quatro açudes existentes desde a ponte do Fervença. Quando a respectiva comporta se mantém encerrada, forma-se um apreciável espelho de água, que

permite ainda a observação dos vestígios do antigo fontanário em pedra. Para além disso, perto deste local foi também construído um anfiteatro, com vista para o espelho de água e o Jardim António José de Almeida, que circunda uma área empedrada e pedonal com fontes e repuxos interactivos. Daí, parte a escadaria que termina no cimo da colina, junto à Capela do Senhor da Piedade (1908) e ao Miradouro, locais a partir dos quais se pode apreciar uma agradável panorâmica do jardim, da cidade e do castelo. No ponto em que a Rua do Fervença se encontra com a Rua Tomás Ribeiro encontram-se um bar com esplanada e



Vistas aéreas do Corredor Verde do Fervença correspondente ao troço da 2.ª fase da intervenção.
Acima, 1958; abaixo, em 2004.



*Paisagens do
Corredor Verde do Fervença – POLIS.*

um talhão ajardinado, limitados por uma sebe de fotínias de folhagem bicolor e brilhante, que confina na sua parte superior com a Estrada do Turismo.

O espaço correspondente à Fase 2 foi concebido numa abordagem distinta e contrastante com a etapa anterior. O carácter encaixado do vale do rio Fervença e a escassez de espaço disponível, levaram à definição de uma paisagem mais natural, de valorização das margens e do contexto paisagístico da envolvente, que assume um carácter pitoresco, pese ao facto de se assistir a alguma degradação do edificado e à ocorrência, pontual, de elementos descaracterizadores.

Entre as diversas acções e resultados da intervenção, destacam-se a construção de um passadiço ao longo da margem esquerda do rio, sobre o emissário de efluentes, a recuperação de diversos edifícios e elementos presentes (moinho - Casa da Seda e fontanário), a construção do Centro de Ciência Viva e a criação de diferentes espaços de permanência e contemplação.

Descrição da vegetação

Partindo da Ponte do Fervença em direcção ao espelho de água (de montante para jusante), pode observar-se que ao longo das margens predominam várias espécies de salgueiros da família botânica das Salicáceas, bem como outras espécies típicas da flora ribeirinha. Fundamentalmente nas zonas que sofreram menor intervenção, há restos da antiga vegetação ribeirinha, sobretudo, freixos de folha estreita (Família das Oleáceas), choupos negros (Família das Salicáceas) amieiros (Família das Betuláceas), algumas velhas nogueiras (Família Juglandáceas) e sabugueiros (Família Caprifoliáceas).

Na margem esquerda, em socacos sem acesso e sobre o rio (junto à Ponte do Fervença) há vários exemplares de piracanta, principalmente *Pyracantha coccinea*, mas também com alguma probabilidade *Pyracantha angustifolia* e ainda *Cotoneaster* spp., ambos os géneros das Rosáceas. Ainda junto à ponte, no patamar de entrada no corredor e onde está instalado o *Half Pipe*, foram plantados exemplares de magnólia de folha persistente *Magnolia grandiflora* das Magnoliáceas.



Panorâmicas do Corredor Verde do Fervença – POLIS.

Ainda na margem esquerda, mais perto do Rua Doutor António José de Almeida e sobre o espelho de água, vários canteiros planos, junto aos muros de pedra, acompanham o passadiço de madeira e estão cobertos de relva ou de espécies perenes de porte rasteiro, como: *Cotoneaster horizontalis*, *Lavandula stoechas*, *Santolina semidentata* e também *Santolina rosmarinifolia*. Alguma probabilidade de existir também *Cotoneaster buxifolius* e *Lonicera nitida*. Nalguns desses canteiros juntamente com *Cotoneaster* spp. estão também plantadas oliveiras, (*Olea europaea*), bétulas e várias tramazeiras ou sorbeiras (*Sorbus aucuparia*) alinhadas. Igualmente, instalados em canteiros relvados que se estendem paralelamente ao leito do rio, há várias linhas de choupos (*Populus nigra* var *italica*), algumas bétulas e faias de folhagem púrpura (*Fagus sylvatica* var. *purpurea*).

Depois da intervenção, ao longo da margem direita, foram plantados vários salgueiros e freixos em linha, que se desenvolvem harmoniosa e paralelamente ao leito do rio. Destacam-se pelo seu porte e folhagem o salgueiro frágil (*Salix fragilis*), o chorão (*Salix babylonica* e também *S. x sepulcralis*), o salgueiro de folha estreita (*Salix eleagnos*) e vários exemplares de freixo europeu (provavelmente *Fraxinus excelsior* das Oleáceas). Acompanham estas espécies, alguns plátanos, sabugueiros (*Sambucus nigra*) e aloendros (*Nerium oleander*) também alinhados.

Também na margem direita, mas mais perto do espelho de água, entre os dois açudes, estão plantados vários exemplares de ulmeiros (*Ulmus* sp.), diversos salgueiros (sobretudo *Salix eleagnos*, *S. atrocinerea* e *S. fragilis*, entre outras espécies), freixo europeu e plátanos (*Platanus orientalis* e *P. orientalis* var. *acerifolia*), formando pequenas linhas ou grupos. Na zona inundável do espelho de água, os foguetes ou espadanas (*Typha latifolia*), para além de exibirem folhagem e floração particularmente vistosa, são um refúgio interessante para várias espécies de aves, nomeadamente para raras galinhas de água e seus juvenis, outrora presença frequente no rio.

Também salpicam toda a margem direita várias outras espécies isoladas ou em grupos, como algumas bétulas (Família das Betuláceas), nogueiras (Família das Juglandáceas), cerejeiras (das Rosáceas), tamarix (Tamaricáceas), aloendros (*Nerium oleander* das Apocináceas) e chorões (*Salix babylonica* e *S. x sepulcralis* das Salicáceas).

Nos canteiros relvados dos taludes da margem direita, que acompanham os caminhos de gravilha, paralelos e perpendiculares à margem do rio, há sobretudo espécies arbóreas tais como: olaias (*Cercis siliquastrum*), cerejeiras (*Prunus avium*, *P. serrulata* e *P. cerasifera*), bétulas (*Betula* spp.), tramazeiras (*Sorbus aucuparia*), acer (*Acer negundo* e *A. pseudoplatanus*), choupo (*Populus* spp.), entre outras. Também se encontram aí instaladas diversas espécies arbustivas como a berberis púrpura (*Berberis thunbergii*), tamarix (*Tamarix gallica*), noveleiros (*Viburnum opulus*), buxo (*Buxus sempervirens*), sempre-noivas (*Spiraea* spp.) e coronilhas (provavelmente, *Coronilla juncea* e *C. glauca*).

Elementos florísticos presentes nas margens do Corredor Verde do Fervença – POLIS

Espécies com porte arbóreo

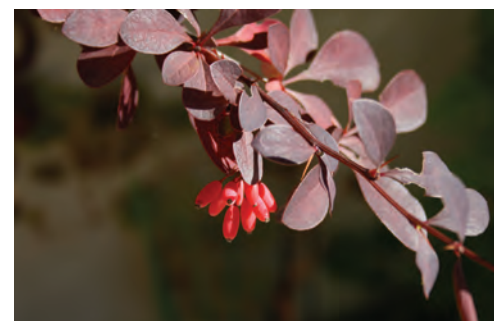
<i>Acer negundo</i>	<i>Populus x canadiensis</i>
<i>Acer pseudoplatanus</i>	<i>Prunus avium</i>
<i>Alnus glutinosa</i>	<i>Prunus cerasifera</i>
<i>Betula</i> spp.	<i>Prunus serrulata</i>
<i>Cercis siliquastrum</i>	<i>Quercus rubra</i>
<i>Cupressus sempervirens</i>	<i>Salix atrocinerea</i>
<i>Fagus sylvatica</i> var. <i>purpurea</i>	<i>Salix babylonica</i>
<i>Fraxinus angustifolia</i>	<i>Salix eleagnos</i>
<i>Fraxinus excelsior</i>	<i>Salix fragilis</i>
<i>Juglans regia</i>	<i>Salix x sepulcralis</i>
<i>Magnolia grandiflora</i>	<i>Sambucus nigra</i>
<i>Olea europaea</i>	<i>Sorbus aucuparia</i>
<i>Platanus orientalis</i>	<i>Tilia</i> sp.
<i>Populus nigra</i> var <i>italica</i>	<i>Ulmus</i> sp.

Espécies arbustivas

<i>Arbutus unedo</i>	<i>Pyracantha coccinea</i>
<i>Berberis thunbergii</i>	<i>Rosa</i> spp.
<i>Buddleja alternifolia</i>	<i>Salix eleagnos</i>
<i>Buxus sempervirens</i>	<i>Spiraea cantoniensis</i>
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	<i>Spiraea japonica</i>
<i>Coronilla juncea</i>	<i>Tamarix gallica</i>
<i>Nerium oleander</i>	<i>Typha latifolia</i>
<i>Pyracantha angustifolia</i>	<i>Viburnum opulus</i>

Espécies arbustivas formando tapete

<i>Cotoneaster buxifolius</i>	<i>Lonicera nitida</i>
<i>Cotoneaster horizontalis</i>	<i>Santolina rosmarinifolia</i>
<i>Lavandula stoechas</i>	<i>Santolina semidentata</i>



A vegetação implantada na encosta da Capela do Senhor da Piedade corresponde a uma mistura de espécies arbóreas e arbustivas, tanto de folhagem caduca como de folhagem perene, na sua maioria ainda muito jovens. Apesar disso contrastam bem no espaço relvado e particularmente entre si, pelo porte, forma e tonalidade da folhagem e, notoriamente em alguns casos, pela intensa e colorida floração e frutificação (como é o caso do alecrim, da forsítia, da budleia, da pira-canta e de várias espécies da família das leguminosas aí presentes).

Espécies aromáticas das famílias botânicas Labiadas, Oleáceas, Leguminosas, Compostas e Rosáceas constituem manchas que se destacam nos taludes mais íngremes. Também as duas espécies de Berberidáceas (*Berberis thunbergii* e *darwinii*) usadas dão uma interessante nota cromática pela cor das folhas e pela floração e frutificação.

As espécies arbóreas plantadas são maioritariamente folhosas e principalmente das famílias das Rosáceas, Betuláceas, Aceráceas e Leguminosas. Neste espaço, apesar da dimensão e área disponível, há muito poucas espécies do grupo das Gimnospérmicas. Contudo, destacam-se algumas Cupressáceas, de

Elementos florísticos presentes na margem esquerda do Corredor Verde do Fervença e na encosta do Monte do Senhor da Piedade

Espécies com porte arbóreo

Acer negundo
Acer pseudoplatanus
Alnus glutinosa
Betula spp.
Celtis australis
Cercis siliquastrum
Crataegus monogyna
Cupressus lusitanica
Cupressus sempervirens
Fagus sylvatica
Fagus sylvatica var. *purpurea*
Fraxinus excelsior

Juglans regia
Magnolia grandiflora
Olea europaea
Platanus orientalis
Populus nigra var. *italica*
Populus x canadensis
Prunus avium
Prunus serrulata
Quercus rubra
Sorbus aucuparia
Tilia sp.

Espécies arbustivas

Arbutus unedo
Berberis darwinii
Berberis thunbergii
Buddleja alternifolia e *B. davidii*
Coronilla juncea
Cotoneaster spp.
Cytisus sp.
Forsythia x intermedia
Genista sp.
Lavandula angustifolia
Lavandula latifolia
Lavandula stoechas
Photinia x fraseri

Photinia glabra
Photinia serrulata
Pyracantha angustifolia
Pyracantha coccinea
Rosmarinus officinalis
Santolina rosmarinifolia
Santolina semidentata
Spiraea cantoniensis
Spiraea japonica
Spiraea vanhouttei
Syringa vulgaris
Tamarix gallica
Viburnum opulus

Página anterior e em baixo, pormenores policromáticos da vegetação presente no Corredor Verde do Fervença – POLIS.



que são exemplo os ciprestes (*Cupressus sempervirens*) instalados junto à Capela e vários cedros (*Cupressus lusitânica*), exemplares antigos, que limitam o espaço superior deste parque, junto à Estrada do Turismo.

Na zona de intervenção que respeita à Fase 2, a vegetação original foi em grande medida conservada. Os elementos de vegetação correspondem, principalmente, a vegetação ripícola, típica das margens dos rios, como o salgueiro, o amieiro, o freixo e o sabugueiro. Marca também presença a flora espontânea herbácea e arbustiva das zonas expectantes, a flora e vegetação cultivada ou assilvestrada instalada em socalcos ou em hortas e mantida pelos residentes, e outras formações vegetais associadas a espaços arborizados ou ajardinados ligados a equipamentos, arruamentos ou logradouros.

Equipamentos e mobiliário

Este espaço, de implantação recente, é um dos melhor equipados da cidade, acolhendo uma grande diversidade de elementos de mobiliário urbano e introduzindo novos conceitos, alguns dos quais inexistentes noutros espaços da cidade.

Para além de um grande número de bancos, papeleiras

e elementos de iluminação, que fazem deste o espaço verde com maior número de elementos, encontramos aqui equipamentos de apoio inovadores como sejam: o modelo de parque infantil, aparelhos para manutenção física, a rampa para desportos radicais (*Half Pipe*), WC canino, jogos lúdicos com água e um miradouro.

Cabe ainda destacar a presença de um moinho recuperado, construído sobre uma das passagens sobre o rio Fervença, albergando elementos didáticos entre os quais a engrenagem e mecanismos próprios do funcionamento deste tipo de estrutura.

O soalho em madeira e o suave declive junto ao rio fazem deste espaço uma importante estrutura para percursos cicláveis, funcionando como um espaço preferencial para este tipo de mobilidade.

Na segunda fase do programa POLIS, destaque para a criação de áreas de estadia e contemplação junto do rio Fervença, equipados com bancos, papeleiras e postes de iluminação. De modo a facilitar a deslocação entre ambas as margens, foram construídas diversas pontes.

Exemplos de mobiliário presente no Corredor Verde do Fervença.



Jardim António José de Almeida

Apresentação

Este espaço verde toma o nome do político republicano português, natural de Penacova, António José de Almeida (1866-1929), que foi o sexto presidente da República Portuguesa eleito em 1919. A sua construção foi concluída em 1935.

A partir da data da sua conclusão, o jardim passou a funcionar como local privilegiado de passeio da população e para a realização de diversos eventos culturais e políticos, verbenas, festas e feiras, que até então ocupavam o espaço da Praça da Sé. O actual coreto veio substituir o existente na referida praça que foi demolido em 1931. Ao longo de vários anos o jardim foi palco de diversos eventos como, as Festas da Cidade e as feiras do Livro, das Cantarinhas, do Artesanato, Dia da Criança e Dia do Ambiente. Em tempos neste mesmo espaço e no período estival, chegaram a realizar-se sessões de Bingo.

A configuração actual reflecte as diversas intervenções que este espaço sofreu ao longo do tempo com o objectivo de melhorar as condições de fruição pela população.

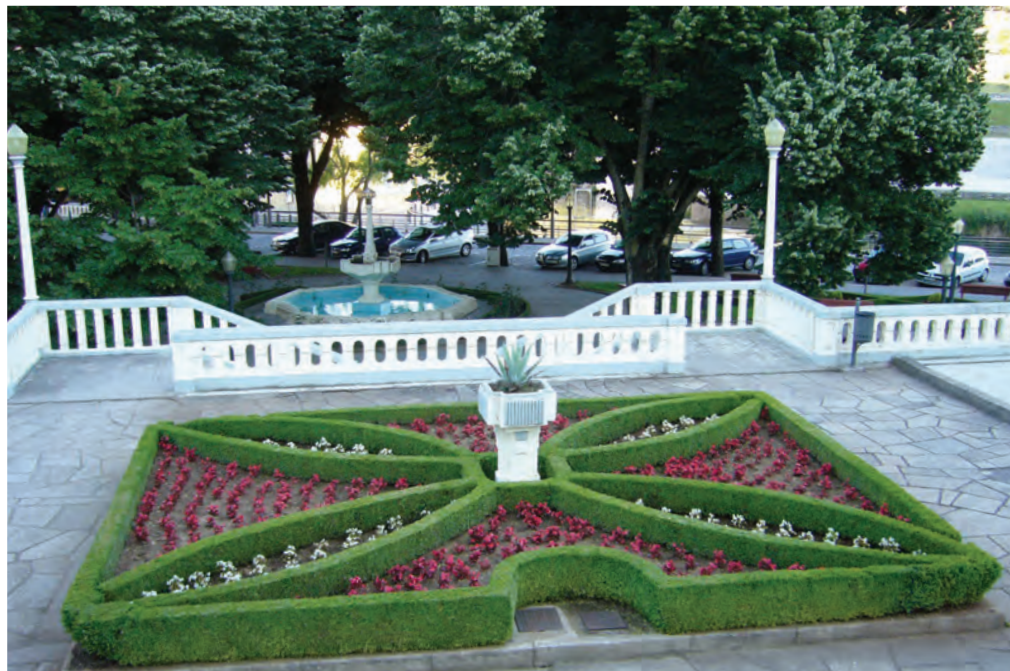
Jardim localizado no centro da cidade, junto à margem esquerda do Rio Fervença, confina com a Rua da República, o edifício do Conservatório Municipal e Centro Cultural e a rua Doutor António José de Almeida.

Encontra-se dividido em duas zonas. Ao patamar superior tem-se acesso por escadaria, tanto a partir da Rua da República como desde a zona inferior confinante com a Rua Doutor António José de Almeida. O nível inferior corresponde à zona mais nobre do jardim, onde se encontram instalados, na sua maioria, os equipamentos de apoio e a vegetação.

No patamar superior distinguem-se três áreas: a área central na qual está implan-

tado um busto do Abade de Baçal, datado de 1935, rodeado por uma zona pedonal empedrada e com um canteiro frontal; e duas áreas laterais uma cimentada e outra plantada de árvores com o solo coberto de gravilha, onde em tempos houve um parque infantil.

Na zona inferior que se acede tanto por escadaria como directamente pela Rua Doutor António José de Almeida, para além da vegetação, destacam-se um coreto, um chafariz, várias esculturas de José Pedro Croft (datadas de 2003) e painéis de azulejos. Outrora o jardim estava limitado e separado da Rua Doutor António José de Almeida



Vista parcial do Jardim António Almeida.

por uma sebe alta de piracanta (*Pyracantha coccinea*), que foi removida, abrindo o espaço ao rio.

Descrição da vegetação

A vegetação dominante corresponde a séries de árvores alinhadas e a árvores podadas em formas arbustivas arredondadas e piramidais. Diversas espécies arbustivas e herbáceas encontram-se plantadas em canteiros de formas geométricas, regulares, por vezes com traçado simétrico, limitadas por buxo em poda curta, formando bordaduras e rodeadas de relva. Tílias frondosas dominam o espaço e por isso as Tiliáceas são a família botânica de maior importância no jardim. As árvores antigas e de grande porte são refúgio de aves e proporcionam boa sombra no Verão, para além de intenso perfume durante a época de floração. Destacam-se também vários áceres, família das Aceráceas. Contudo o estado sanitário e a má conformação de alguns dos exemplares reflectem a idade das árvores e antigas intervenções menos ajustadas a uma correcta manutenção.

Neste espaço é notória também a presença de um velho teixo, família das Taxáceas, e de uma única magnólia, família das Magnoliáceas, cuja abundante e vistosa floração e frutificação é um dos pontos fortes do espaço. Actualmente ambos os exemplares evidenciam alguns problemas sanitários e de manutenção que afectam o porte destas duas espécies e prejudicam o seu natural interesse ornamental.

No patamar superior confinante com a Rua da República encontra-se uma plantação recente de cerejeiras-do-Japão (família das Rosáceas).

A vegetação com forma arbustiva corresponde a várias espécies arbóreas de folhagem vistosa e persistente, principalmente da família das Cupressáceas, mas também alguns exemplares de Pináceas e de Oleáceas. Trata-se de espécies interessantes do ponto de vista ornamental mas que se encontram podadas em formas geométricas, pelo que apresentam portes arbustivos que não superam 1,5m de altura. A manutenção destas formas arbustivas exige poda intensa, o que dificulta a sua identificação específica.

No interior dos canteiros, para além de espécies arbustivas e arbóreas são sazonalmente plantadas várias espécies herbáceas com floração vistosa e colorida, que, juntamente com a floração das roseiras e de duas antigas árvores-de-Júpiter *Lagerstroemia indica* (família das Litráceas), contrastam com as várias tonalidades de verde dos diferentes tipos de folhagem persistente das espécies arbustivas, e fazem a nota de cor do espaço verde, principalmente durante a Primavera e o Verão. Também notável o ambiente cromático do jardim no Outono, proporcionado pela tonalidade amarelada da folhagem das tílias e dos áceres, principalmente quando a luz solar atravessa as copas densas.

Equipamentos e mobiliário

Este jardim encontra-se particularmente bem equipado para a estância e a fruição da população, com diversos bancos largos em madeira, permitindo o plácido desfrute do conforto da sombra no Verão e de um conjunto de elementos estéticos e, por vezes, lúdicos como o coreto e a fonte central. Dispõe também de sanitários públicos.

Neste espaço, em particular junto ao coreto, é frequente a prática de jogos tradicionais como o fito e as cartas.



Vista aérea do Jardim António José de Almeida (1958).

Elementos florísticos existentes no Jardim António José de Almeida

Espécies com porte arbóreo

<i>Cupressus lusitanica</i>	<i>Prunus serrulata</i>
<i>Cupressus macrocarpa</i>	<i>Tilia tomentosa</i>
<i>Acer negundo</i>	<i>Tilia x europaea</i>
<i>Lagerstroemia indica</i>	<i>Taxus baccata</i>
<i>Magnolia grandiflora</i>	

Espécies com forma arbustiva

<i>Buxus sempervirens</i>	<i>Pseudotsuga menziesii</i>
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	<i>Rosa</i> spp.
<i>Juniperus chinensis</i>	<i>Thuja orientalis</i>
<i>Juniperus</i> spp.	<i>Viburnum tinus</i>

Espécies herbáceas

<i>Begonia semperflorens-cultorum</i>	<i>Salvia elegans</i>
<i>Bellis perennis</i>	<i>Salvia splendens</i>
<i>Callistephus chinensis</i>	<i>Viola tricolor</i>
<i>Petunia hybrida</i>	<i>Viola x wittrochiana</i>



Em cima, perspectivas do Jardim António José de Almeida. Na página seguinte, integração no espaço de esculturas de José Pedro Croft.



À direita, vista aérea do Jardim António José de Almeida (2004).



Jardim Artur Mirandela

Apresentação

Construído na década de noventa e projectado pelos Serviços de Ambiente da Câmara Municipal de Bragança, este jardim toma o nome de Artur Mirandela, cidadão Transmontano, antifascista que ajudou vários exilados políticos do regime de Salazar e que se destacou no apoio à candidatura do General Humberto Delgado.

Jardim da entrada do Bairro Artur Mirandela, entre a Alameda de Santa Apolónia e a Rua Camilo Castelo Branco. Forma parte de um espaço contínuo que inclui o corredor lateral da alameda, que se estende entre ambas as entradas de acesso automóvel ao Instituto Politécnico de Bragança.

Na zona central está implantado um monumento homenageando Artur Mirandela com citações de Luís de Camões e Miguel Torga. Confinando com a Alameda de Santa Apolónia foi construída uma pequena capela de homenagem a Nossa Senhora de Fátima, pelo que o local é normalmente frequentado por devotos do culto Mariano.

Descrição da vegetação

A vegetação encontra-se dispersa por uma área quadrangular relvada. O espaço está limitado por quatro catalpas da família das Bignoniáceas, precisamente na face adjacente ao passeio da Rua Camilo Castelo Branco. A espécie arbórea dominante é o acer, pelo que as Aceráceas são a família botânica de maior importância no jardim. Salientam-se também diversos ligustros (família das Oleáceas), árvores de porte médio e copa regular densa. Presentes também alguns ciprestes (família das Cupressácea), uma magnólia de folha caduca (família das Magnoliáceas) e um penacheiro (família das Gramíneas). Formando bordadura ao longo do acesso à capela, estão plantados vários exemplares de azáleas.

O interesse ornamental do espaço advém da folhagem e frutificação exuberantes tanto dos aceres como dos ligustros. Os primeiros são espécies de folha caduca cuja folhagem se torna bastante vistosa no Outono, quando adquire tonalidade amarela e amarelo acobreada; os segundos de folhagem perene de tom verde variável, apresentam no final do Outono e durante todo o Inverno profusa frutificação, bagas de cor negra-avermelhada e brilhante, que se salientam no verde das copas e são um pólo de atracção de aves. O penacheiro, que se encontra em boa forma, é também apelativo, porque se trata de um



Vista aérea do Jardim do Bairro Artur Mirandela (2004).

arbusto de folhagem persistente, que forma largas rosetas de folhas verdes acinzentadas das quais saem longos caules terminados em grandes inflorescências de cor clara semelhantes a plumas (na zona, vulgarmente designados por penachos). Nas várias estações do ano a planta forma um bom contraste com o verde do relvado.

Equipamentos e mobiliário

O mobiliário presente neste espaço encontra-se ajustado ao carácter limitado do jardim. Assim, este espaço apenas oferece, para além da possibilidade de culto da santa, a possibilidade de repouso nos bancos existentes no local.

Árvores e arbustos do Jardim Artur Mirandela

Espécies com porte arbóreo

Acer negundo

Acer pseudoplatanus

Cupressus sempervirens

Ligustrum ovalifolium

Ligustrum vulgare

Magnolia x soulangeana

Espécies arbustivas

Cortaderia selloana

Rhododendron spp.



Em cima, espécimes arbóreos e arbustivos do Jardim Artur Mirandela.

À esquerda, panorâmica do Jardim Artur Mirandela, no Inverno.

Jardim da Brasileira

Apresentação

Este jardim, implementado nos finais da década de noventa, está situado no Bairro da Coxa e encontra-se limitado pelas traseiras dos edifícios, cuja entrada principal se situa na Rua D. Pedro IV e na Rua do Brasil. Confina com terreno livre do lado da Rua Doutor António Pinheiro. O acesso efectua-se por uma escadaria entre os prédios da Rua D. Pedro IV e, directamente, a partir da estrada que conduz à entrada das garagens dos referidos edifícios.

Está organizado em quatro talhões relvados, de forma irregular, onde se encontram plantadas unicamente espécies arbóreas. Os talhões são limitados e definidos por caminhos empedrados.

Trata-se de um espaço com dimensão apreciável e potencialmente interessante para a plantação de espécies arbustivas agrupadas, para complementar os exemplares arbóreos existentes.

Descrição da vegetação

A vegetação dominante corresponde a um relvado onde se encontram implantadas folhosas maioritariamente organizadas em linhas. Algumas árvores estão dispersas ou formam pequenos grupos. As espécies em maior número são as catalpas da família das Bignoniáceas, os choupos das Salicáceas e os plátanos das Platanáceas. Alguns castanheiros-da-Índia, liquidambares e freixos completam o elenco de espécies deste espaço.

Qualquer das plantas referidas tem interesse pela forma das folhas e respectiva tonalidade durante o Outono. Quer pela sua implantação no espaço, quer pelo porte favorável à produção de copas volumosas e densas estas árvores permitem o adequado e conveniente sombreamento das áreas de lazer (parque infantil) e repouso.

Vista parcial do Jardim da Brasileira.



Equipamentos e mobiliário

Na zona central há uma pequena área com bancos, diverso equipamento e um canteiro central. Num dos espaços laterais está instalado um pequeno parque infantil. Dispõe de mais mobiliário de jardim, distribuído de forma irregular.

A combinação entre a vegetação e o mobiliário existente faz com que este espaço seja muito frequentado por crianças, tanto residentes na zona como frequentadoras de instituições de ensino na envolvente, caso do Infantário da Caritas.

Exemplares arbóreas do Jardim da Brasileira no Bairro da Coxa

Espécies com porte arbóreo

Aesculus x carnea
Aesculus hippocastanum
Catalpa bignonioides
Fraxinus angustifolia

Liquidambar styraciflua
Platanus orientalis
Populus nigra



Em cima, aspectos do Jardim da Brasileira.



À esquerda, vistas aéreas do local de implantação do Jardim da Brasileira, no Bairro da Coxa, em 1978 (topo) e em 2004 (em baixo).

Jardim Bartolomeu de Gusmão

Apresentação

Este Espaço recebe o nome de Bartolomeu de Gusmão (1685 – 1724), sacerdote jesuíta, cientista e inventor brasileiro, conhecido por ter inventado o primeiro aeróstato operacional, sendo considerado uma das maiores figuras da história da aeronáutica mundial.

Este Jardim, de construção bastante recente, localiza-se entre a Rua João Reboredo e a Rua Bartolomeu de Gusmão no Bairro do Seixo, confinante com o Bairro Artur Miranda e por detrás da Alameda de Santa Apolónia. Está formado por um único talhão em forma de paralelogramo com dimensão apreciável, que tira partido do declive natural.

Descrição da vegetação

A vegetação consiste numa cobertura herbácea, formada fundamentalmente por vegetação espontânea e relva, e num conjunto harmoniosos de espécies arbóreas e arbustivas onde se destacam os plátanos, as oliveiras,

os castanheiros-da-Índia e algumas espécies de folha perene da família das Cupressáceas, como os ciprestes e os cedros.

Pequenos maciços e linhas de arbustivas, com destaque para as forsítias, as piracantas e os aloendros limitam parte da área do jardim.

Vistas parciais do Jardim Bartolomeu de Gusmão.



Espécies arbóreas e arbustivas do Jardim Bartolomeu de Gusmão

Espécies com porte arbóreo

<i>Aesculus</i> sp.	<i>Cupressus sempervirens</i>
<i>Acer negundo</i>	<i>Fagus sylvatica</i>
<i>Acer pseudoplatanus</i>	<i>Fraxinus angustifolia</i>
<i>Betula</i> sp.	<i>Ligustrum vulgare</i>
<i>Cataegus monogyna</i>	<i>Liquidambar styraciflua</i>
<i>Cercis siliquastrum</i>	<i>Olea europaea</i>
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	<i>Platanus orientalis</i>
<i>Cupressus lusitanica</i>	<i>Populus nigra</i> var <i>italica</i>
<i>Cupressus macrocarpa</i>	<i>Prunus avium</i>

Espécies arbustivas

<i>Forsythia x intermedia</i>	<i>Rosa</i> spp.
<i>Nerium oleander</i>	<i>Spiraea</i> sp.
<i>Prunus spinosa</i>	<i>Vitis vinifera</i>
<i>Pyracantha coccinea</i>	



Em cima, detalhes do Jardim Bartolomeu de Gusmão.

À esquerda, vista aérea do Jardim Bartolomeu de Gusmão antes da intervenção (2004).

Jardim da Câmara Municipal

Apresentação

Este espaço verde foi construído na zona onde em tempos se erigia o Forte S. João de Deus, também conhecido por Forte de Cavalaria, cuja fundação remonta ao terceiro quartel do século XVII, apresentando então uma planta quadrangular.

Este espaço sofreu várias alterações, sendo o seu formato actual resultado de uma intervenção datada de 1991 da responsabilidade do Arquitecto Adérito Morais.

Jardim localizado junto ao edifício da Câmara Municipal de Bragança, desenvolve-se desde o cruzamento da Rua Afonso V com a Avenida 22 de Maio, subindo na direcção da Rua Doutor Manuel Bento.

Está dividido em diversos sectores: dois que ladeiam a estrada que conduz ao edifício principal; um separador triangular com o brasão do município; um nó de ligação, em frente à entrada nobre do edifício, com escadaria central de acesso à porta principal; vários canteiros ladeando a entrada do edifício; e um canteiro lateral, que confina

com as instalações da antiga Junta Autónoma de Estradas (EP – Estradas de Portugal) fazendo a ligação com a zona de acesso ao parque de estacionamento e edifícios secundários, nas traseiras do edifício principal.

Os sectores mais extensos são os canteiros longitudinais que acompanham a estrada de acesso ao edifício principal (Rua D. Afonso V), onde também está instalado o mobiliário urbano. Nestes espaços laterais encontram-se traçados diversos canteiros de forma triangular, limitados por buxo, e por vários caminhos em gravilha que percorrem todo o espaço, funcionando como corredor de acesso às zonas superiores e permitindo o lazer e repouso. Principalmente durante o Verão, é uma área bastante atraente pela aprazível sombra proporcionada pelas espécies arbóreas.



Perspectivas parciais do Jardim da Câmara Municipal.



Quando observado de vários pontos da cidade, a estrutura e geometria deste espaço verde sobressai na paisagem e beneficia o impacto provocado pela rigidez e formalidade do edifício. Na altura do Natal e durante as Festas da Cidade as árvores de folha persistente são frequentemente ornamentadas com luzes decorativas.

Descrição da vegetação

A zona arborizada e ajardinada é dominada por vegetação arbórea, uma mistura agradável de resinosas e folhosas.

Séries de árvores alinhadas ou formando grupos, bem como arbustos e espécies arbóreas podadas em formas arbustivas, prismáticas, arredondadas e piramidais são também uma nota marcante do espaço. Na zona central, as espécies arbóreas e arbustivas encontram-se implantadas em canteiros de forma triangular e dimensão variada, por vezes limitados por buxo em poda curta, formando bordaduras e rodeados de relva. Algumas arbustivas ou arbóreas em topiaria encontram-se plantadas em canteiros de pedra que acompanham a escadaria principal e as zonas contíguas à entrada principal do edifício.

Ao longo das faixas laterais, desenvolvem-se longitudinalmente vários canteiros estreitos também com buxo formando bordaduras. No seu interior para além de várias espécies arbóreas e arbustivas, estão plantadas roseiras e diversas espécies herbáceas, como por exemplo, amores-perfeitos, margaridas e petúnias, que variam de acordo com a época do ano.



Em cima, diferentes perspectivas do Jardim da Câmara Municipal.

À esquerda, vistas aéreas do local de implantação do Jardim da Câmara Municipal de Bragança, em 1978 (topo) e em 2004 (em baixo).

O brasão do município está traçado num canteiro relevado. Encontra-se desenhado em relevo com buxo (*Buxus sempervirens*) podado em sebe baixa, preenchido por evónimo (*Euonymus japonicus*) no topo, berberis púrpura (*Berberis thunbergii*), no escudo central, e por herbáceas anuais, como petúnias ou begónias, no topo, na base e nos lados do escudo. O nome da cidade encontra-se desenhado e talhado também em buxo.

As espécies mais vistosas do espaço repartem-se por diversas famílias botânicas. Várias Pináceas e Cupressáceas ressaltam pela imponência do seu porte, forma da copa e cor da folhagem. São exemplo, as pseudotsugas (*Pseudotsuga menziesii*), os cedros (*Chamaecyparis lawsoniana* e *Cupressus lusitanica*) e os vários zimbros (*Juniperus* spp.) e tuias (*Thuja orientalis*) no nó de ligação. Nas zonas laterais dominam as folhosas, das famílias Tiliáceas, Platanáceas e Leguminosas. Tanto as tílias e os plátanos, como as olaias (*Cercis siliquastrum*) e as acácias-de-Constantinopla (*Albizia julibrissin*) ou até mesmo os aceres (sobretudo *Acer negundo*) conferem, nas várias épocas do ano, intenso colorido ao espaço, tanto pelas tonalidades da folhagem como pela sua intensa e atractiva floração e/ou frutificação.

Nos canteiros da entrada do edifício principal e das zonas

Diversidade florística no Jardim da Câmara Municipal e áreas adjacentes

Espécies com porte arbóreo

<i>Abies pinsapo</i>	<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>
<i>Acer negundo</i>	<i>Cupressus lusitanica</i>
<i>Acer pseudoplatanus</i>	<i>Melia azedarach</i>
<i>Albizia julibrissin</i>	<i>Platanus orientalis</i>
<i>Cercis siliquastrum</i>	<i>Quercus rubra</i>
<i>Celtis australis</i>	<i>Tilia x europaea</i>

Espécies arbustivas ou com forma arbustiva

<i>Agave americana</i>	<i>Juniperus chinensis</i>
<i>Aucuba japonica</i>	<i>Juniperus</i> spp.
<i>Berberis thunbergii</i>	<i>Prunus laurocerasus</i>
<i>Buddleja davidii</i>	<i>Rosa</i> spp.
<i>Buxus sempervirens</i>	<i>Spiraea cantoniensis</i>
<i>Chaenomeles japonica</i>	<i>Syringa vulgaris</i>
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	<i>Taxus baccata</i>
<i>Choysia ternata</i>	<i>Thuja orientalis</i>
<i>Cotoneaster</i> spp.	<i>Thuja plicata</i>
<i>Euonymus japonicus</i>	<i>Thujopsis dolobrata</i>
<i>Forsythia x intermedia</i>	<i>Viburnum tinus</i>

Espécies herbáceas

<i>Begonia semperflorens-cultorum</i>	<i>Salvia elegans</i>
<i>Bellis perennis</i>	<i>Salvia splendens</i>
<i>Callistephus chinensis</i>	<i>Viola tricolor</i>
<i>Gladiolus x hortulanus</i>	<i>Viola x wittrochiana</i>
<i>Petunia hybrida</i>	

de acesso ao Mercado Municipal, para além das herbáceas anuais que mudam com a época do ano, e do buxo encontram-se várias espécies aromáticas da família das Labiadas como a alfazema e o alecrim, e arbustos e árvo-



Espaços verdes na envolvente dos edifícios.

Em baixo, destaque para o brasão municipal talhado em buxo e preenchido com outras espécies arbustivas e herbáceas.





res podados em formas geométricas de que são exemplo o teixo (*Taxus baccata*), o folhado (*Viburnum tinus*), a budleia (*Buddleja davidii*), o lilazeiro (*Syringa vulgaris*), a forsítia (*Forsythia x intermedia*) e a sempre-noiva (*Spiraea cantoniensis*). Nesta zona também se destacam uma piteira (*Agave americana*) e três exemplares de loureiro-japonês (*Aucuba japonica*).

Nos espaços laterais que acompanham o troço da Rua Afonso V, para além das espécies arbóreas já mencionadas, também se encontra vegetação com forma arbustiva principalmente da família das Rosáceas, mas também alguns exemplares de Cupressáceas e de Rutáceas. Trata-se de espécies interessantes do ponto de vista ornamental quer pela folhagem lustrosa e vistosa, quer pela intensa e colorida floração, alguma dela bastante aromática como no caso da mangeriqueira (*Choysia ternata*), da cerejeira-de-folha-persistente (*Prunus laurocerasus*) e do marmeleiro-de-jardim (*Chaenomeles japonica*). São podados em formas geométricas, pelo que apresentam porte arbustivo que não supera 2 m de altura. Principalmente no caso das Cupressáceas, a severa poda a que tem de ser submetidas para manter a forma dificulta bastante a sua identificação específica.

Equipamentos e mobiliário

As características deste local, que no Verão se encontra, na sua quase totalidade, ao abrigo do sol, fazem deste espaço um lugar ideal para o repouso e o desfrute da sombra, com a possibilidade de utilização dos bancos presentes.

Jardins envolventes da Câmara Municipal.

Fotos superiores, pormenor de manjeriqueira, cotoneaster e carvalho-americano.

Parque da Quinta da Braguinha

Apresentação

Espaço verde criado no âmbito do Projecto de Loteamento da Quinta da Braguinha, foi projectado pelo Arquitecto João Ribeiro, tendo sido concluído em 2002.

Este parque de contorno triangular, ocupa uma área de cerca de dois hectares. Está situado no Bairro da Braguinha e limitado pela Avenida das Forças Armadas, Rua João XXI e Rua Professor Lucas Pires.

O Parque encontra-se estruturado em três faixas longitudinais principais: uma faixa central de maior dimensão e duas faixas laterais.

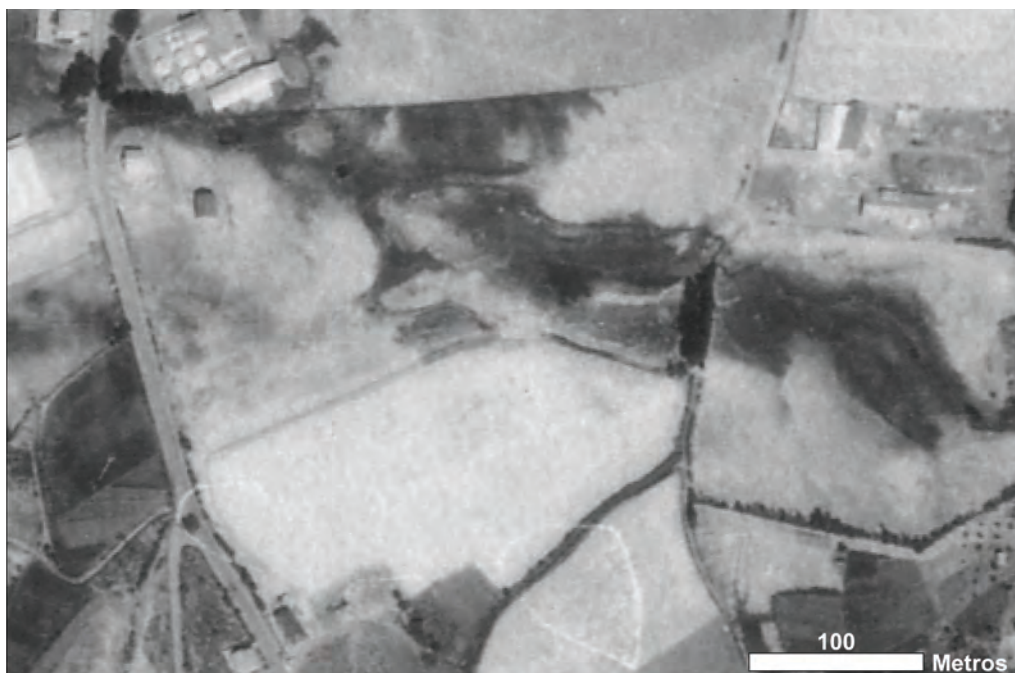
Distinguem-se cinco zonas de vegetação e espaços de lazer que apresentam um traçado irregular e estão definidas e limitadas por caminhos de terra batida com bordadura de paralelos. Grande parte da área ajardinada encontra-se coberta de relva, com excepção de três canteiros localizados nas proximidades dos vértices do triângulo e de um canteiro situado na faixa central.

Descrição da vegetação

A vegetação, exclusivamente arbórea e arbustiva, está organizada de acordo com as cinco zonas referidas anteriormente. Na faixa central e numa das faixas laterais estão implantadas árvores em alinhamento, destacando-se o choupo-de-copa-estreita ou choupo-piramidal da família das Salicáceas. Ainda na faixa central ressalta a presença de várias espécies arbustivas como a fotínia, a sempre-noiva, alguns salgueiros espontâneos, cuja folhagem e

Panorâmica parcial do Parque da Quinta da Braguinha.





Em cima, detalhes da vegetação existente no Parque: fotínia, aloendro e abélia.

floração contrastam entre si, e de várias espécies arbóreas associadas em grupos de três ou dispersas. Na outra faixa lateral foram plantadas, de forma dispersa, folhosas (em maior número) e misturas de resinosas que formam um bosque potencialmente interessante pelo contraste entre forma, tonalidade e policromia da folhagem e pela frutificação vistosa e abundante de algumas das espécies, como por exemplo das tramazeiras e do pilriteiro, ambos da família das Rosáceas ou das piceas e diferentes cedros, das famílias Pináceas e Cupressáceas.

Nos canteiros traçados nos vértices da área encontram-se cultivadas várias espécies de alfazemas, abélia, pieris, pitosporo e fotínias, que se destacam ao longo de todas as épocas, tanto pela abundante floração visitada por numerosos insectos, como pela policromia da folhagem.



À esquerda, vista aérea do local de implantação do Jardim da Braguinha em 1978 (em cima) e em 2004 (em baixo).

Espécies implantadas no Parque da Quinta da Braguinha

Espécies com porte arbóreo

<i>Abies spp.</i>	<i>Liquidambar styraciflua</i>
<i>Acer negundo</i>	<i>Liriodendron tulipifera</i>
<i>Aesculus carnea</i>	<i>Magnolia x soulangeana</i>
<i>Aesculus hippocastanum</i>	<i>Morus kagayamae</i>
<i>Catalpa bignonioides</i>	<i>Platanus orientalis</i>
<i>Cedrus atlantica</i>	<i>Picia glauca</i>
<i>Cedrus libanii</i>	<i>Populus nigra var italica</i>
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	<i>Prunus avium</i>
<i>Crataegus monogyna</i>	<i>Prunus cerasifera</i>
<i>Cupressus lusitanica</i>	<i>Quercus coccinea</i>
<i>Cupressus sempervirens</i>	<i>Quercus rubra</i>
<i>Fagus sylvatica</i>	<i>Salix atrocinerea</i>
<i>Fraxinus angustifolia</i>	<i>Sorbus aucuparia</i>
<i>Ginkgo biloba</i>	<i>Thuja orientalis</i>

Espécies arbustivas:

<i>Abelia floribunda</i>	<i>Nerium oleander</i>
<i>Abelia x grandiflora</i>	<i>Pittosporum tobira</i>
<i>Lavandula angustifolia</i>	<i>Photinia glabra</i>
<i>Lavandula stoechas</i>	<i>Photinia x fraseri</i>
<i>Lavandula viridis</i>	<i>Pieris japonica</i>

Equipamentos e mobiliário

O espaço está extensamente equipado com bancos, papeleiras, bebedouros e iluminação. Complementam os equipamentos um parque infantil e um WC canino.



Elementos naturais e mobiliário do Parque da Quinta da Braguinha.





Vista parcial do parque da Quinta da Braguinha no Outono.

Jardim da Estação Rodoviária

Apresentação

Implantado junto a um dos mais emblemáticos edifícios da cidade, a antiga Estação do caminhos-de-ferro, edifício datado do início do século XX, este jardim foi implantado na sequência da construção do viaduto e da reconversão da envolvente do edifício, onde actualmente funciona a estação rodoviária de Bragança.

Este espaço verde da autoria do Arquitecto Carlos Praça do Gabinete de Arquitectura e Serviços, Lda. ficou concluído em 2004. Desenvolve-se entre a rua da Estação e a rua de Vale de Álvaro, prolongando-se até à Avenida das Forças Armadas.

Está estruturado em diferentes talhões que envolvem tanto o parque de estacionamento como os apeadeiros e os edifícios, comunicando entre si através de zonas pedonais. O espaço é percorrido por caminhos empedrados e escadas, acedendo-se por vários pontos a partir das vias de circulação confinantes. Do ponto mais alto, junto ao cais de embarque para viagens de longo curso, pode apreciar-se um interessante panorama da parte nova da cidade, da serra de Montesinho e da Lombada.

Descrição da vegetação

A vegetação distribuída por vários talhões ao longo do espaço é, fundamentalmente, constituída por diversas espécies de porte arbóreo, arbustivo e herbáceo, muitas plantas perenes de cobertura, que sobressaem principalmente pelos tons e formas da folhagem, a que acresce a floração abundante de algumas dessas espécies.

Neste espaço privilegiaram-se espécies arbustivas resistentes a condições climáticas rigorosas como as que se fazem sentir no local, sobretudo devido à exposição a ventos, geada e insolação. Estas espécies têm tendência para formar uma boa cobertura do solo, sempre que mantidas em bom estado.



A distribuição aleatória das espécies pelos vários talhões que integram o espaço, tirando partido de portes e formas, proporciona zonas homogêneas que contrastam entre si e que apesar disso apresentam uma continuidade ao longo das zonas pedonais.

Salientam-se pela floração, frutificação e policromia da folhagem várias espécies da família das Rosáceas como os diferentes tipos de cotoneaster, a *Potentilla fruticosa*, a *Pyracantha coccinea*, o *Crataegus monogyna* de flor rosada e as cerejeiras de porte chorão que foram plantadas em

canteiros individuais. Nalguns talhões são particularmente interessantes os bosquetes de loureiros (*Laurus nobilis*), as coberturas de caluna-de-folhagem-dourada (cultivares de *Calluna* sp.) e os maciços de azáleas (*Rhododendron* spp.).

As Berberidáceas também se encontram profusamente representadas pelas mahonias, de floração exuberante, e pelas berberis, de folhagem vermelha e verde. Também as Oleáceas e as Hidrangeáceas presentes, lilaseiros (*Syringa vulgaris*) e silindras (*Philadelphus coronarius*), respectivamente, contribuem com floração aromática muito interessante.



As Cupressáceas com a sua folhagem sempre verde e o seu porte cónico ou piramidal destacam-se da restante vegetação e correspondem a vários exemplares de zimbros (*Juniperus* spp.) e de cedro-do-Oregon (*Chamaecyparis* sp.).

Ocupam ainda um espaço apreciável outras espécies com interesse aromático como as alfazemas, que alternam com hipericão de jardim (provavelmente *Hypericum calycinum* ou híbrido), usado em manchas extensas, e que por isso proporcionam um ambiente agradável durante a floração.

À esquerda, vista aérea do local de implantação do Jardim da Estação Rodoviária, em 1958 (em cima) e em 2004 (em baixo).



Espécies menos frequentes em jardins públicos também podem ser observadas aqui, incluindo os bambus (botânica-mente difíceis de determinar, mas eventualmente do género *Phyllostachys* resistente ao frio e do género *Bambusia* amplamente cultivado), a gilbardeira (*Ruscus aculeatus*), o jasmim (*Jasminum fruticans*), o mirtilho (provavelmente *Vaccinium corymbosum*), a veigela (*Weigela florida*) e o medronheiro (*Arbutus unedo*). Os exemplares de bambus foram instalados em canteiros de acesso limitado ou junto aos pontos de água.

As restantes espécies encontram-se dispersas nos patamares que envolvem o Museu Ferroviário e o Parque Infantil.

A maioria dos exemplares foi instalada há relativamente pouco tempo pelo que ainda não é possível admirar todo o potencial que este tipo de vegetação permite quando se encontra num estado de desenvolvimento mais evoluído e quando mantida de forma adequada.

Diversidade de espécies no Jardim da Estação Rodoviária



Espécies com porte arbóreo

<i>Acer negundo</i>	<i>Laurus nobilis</i>
<i>Acer pseudoplatanus</i>	<i>Ligustrum vulgare</i>
<i>Betula</i> spp.	<i>Liquidambar styraciflua</i>
<i>Castanea sativa</i>	<i>Magnolia grandiflora</i>
<i>Celtis australis</i>	<i>Morus</i> spp.
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	<i>Platanus orientalis</i>
<i>Crataegus monogyna</i>	<i>Populus nigra</i> var <i>italica</i>
<i>Cupressus lusitanica</i>	<i>Prunus avium</i>
<i>Cupressus sempervirens</i>	<i>Prunus serrulata</i>
<i>Fagus sylvatica</i>	<i>Quercus rubra</i>
<i>Fraxinus angustifolia</i>	<i>Sorbus aucuparia</i>
<i>Ilex aquifolium</i>	<i>Tilia</i> spp.

Espécies arbustivas e formando cobertura do solo

<i>Abelia floribunda</i>	<i>Juniperus</i> spp.
<i>Arbutus unedo</i>	<i>Juniperus sinensis</i>
<i>Bambusia</i> sp.	<i>Lavandula angustifolia</i>
<i>Berberis darwinii</i>	<i>Lavandula stoechas</i>
<i>Berberis thunbergii</i>	<i>Lonicera nitida</i>
<i>Buddleja davidii</i>	<i>Mahonia aquifolium</i>
<i>Calluna vulgaris</i> (formas de jardinagem)	<i>Parthenocissus tricuspidata</i>
<i>Corylus avellana</i> 'Atropurpurea'	<i>Parthenocissus quinquefolia</i>
<i>Cotoneaster franchetii</i>	<i>Philadelphus coronarius</i>
<i>Cotoneaster horizontalis</i>	<i>Potentilla fruticosa</i>
<i>Cotoneaster pannosus</i>	<i>Photinia x fraseri</i>
<i>Erica</i> spp. (formas de jardinagem)	<i>Phyllostachys</i> sp.
<i>Escallonia rubra</i>	<i>Pyracantha angustifolia</i>
<i>Euonymus japonicus</i>	<i>Pyracantha coccinea</i>
<i>Euonymus</i> 'Aureomarginatus'	<i>Rhododendron</i> spp. (formas de jardinagem)
<i>Forsythia x intermedia</i>	<i>Ruscus aculeatus</i>
<i>Hebe</i> spp. (formas de jardinagem)	<i>Syringa vulgaris</i>
<i>Hibiscus sirycus</i>	<i>Tamarix gallica</i>
<i>Hypericum</i> spp.	<i>Vaccinium corymbosum</i>
<i>Jasminum fruticans</i>	<i>Weigela florida</i>



Vegetação e equipamentos do jardim.

Nesta página, manchas de mahonia, frutos de vinha-virgem e cobertura de cotoneaster.

Na página seguinte, bosqueque de loureiro, veigela florida, frutificação exuberante de piracanta, zimbro e choupo piramidal.



Equipamentos e mobiliário

Trata-se de um espaço com diversas funções, que dispõe de múltiplos elementos, incluindo, um Museu Ferroviário, um Parque Infantil e uma zona de lazer, tirando partido das antigas vias do caminho de ferro onde foram instalados bancos com rodas, vários pontos de água formando repuxos, apeadeiros para transportes locais e de longo curso, esplanadas, um parque de estacionamento e serviços de apoio aos viajantes.



Jardim do Bairro Novo da Previdência

Apresentação

Espaço verde situado numa praça junto à Rua Visconde da Bouça, no Bairro da Coxa, por detrás do Gabinete de Apoio Técnico (GAT). Trata-se de uma pequena área ajardinada entre blocos de habitação, que se destaca pela colocação periférica de espécies arbóreas limitando uma zona relvada e diverso mobiliário. A disposição das árvores de grande porte proporciona boa sombra tanto para o parque de recreio, como para a zona de lazer e ainda para a área de estacionamento.

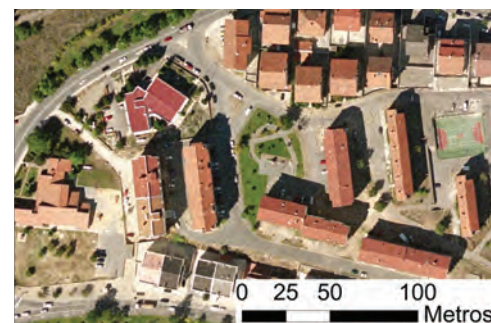
Descrição da vegetação

A vegetação dominante é constituída por tulipeiros-da-Virginia (*Liriodendron tulipifera*) plantados em linhas que formam os limites do espaço. Pertencentes à família das Magnoliáceas são espécies interessantes do ponto de vista ornamental pela forma particular das suas flores e pela

silhueta peculiar das suas folhas. De crescimento rápido, alcançam um bom tamanho pelo que são indicadas para produzirem sombra.

No relvado também se encontram vários arbustos de flores vistosas e/ou aromáticas, como as silindras, as giestas, os ligustros e os evónimos, assim como uma pequena palmeira.

À esquerda, aspecto geral do Jardim do Bairro Novo da Previdência. À direita, vistas aéreas do local de implantação, em 1978 (acima) e em 2004 (abaixo).



Árvores e arbustos do Jardim Visconde da Bouça

Espécies com porte arbóreo

Liriodendron tulipifera

Ligustrum ovalifolium

Espécies arbustivas

Cytisus sp.

Euonymus japonicus

Ligustrum lucidum

Ligustrum vulgare

Philadelphus coronarius

Trachycarpus fortunei

Equipamentos e mobiliário

Implantado numa zona central de um bairro residencial, este espaço dispõe de diversos bancos que, aliados aos elementos de vegetação presentes, favorecem o seu uso pela população.



Parque Eixo Atlântico

Apresentação

Este Parque, projectado pelo Arquitecto Luis Doutel, assume a designação de Eixo Atlântico em homenagem à associação transfronteiriça de Municípios que configuram o sistema urbano da região Galiza – Norte de Portugal, conhecida por «Eixo Atlântico do Noroeste Peninsular». Trata-se de uma associação de direito privado, sem fins económicos, fundada em 1992, que determina um espaço euro-regional e inter-estatal cuja filosofia prossegue as orientações da União Europeia e integra várias cidades

O Parque do Eixo Atlântico recém-instalado.



que pretendem ser os motores do desenvolvimento nas regiões em que se inserem.

O jardim desenvolve-se entre o Bairro do Campelo e a Avenida Abade Baçal, e confina com o recinto das piscinas do Clube Académico de Bragança, com a Avenida Professor Gonçalves Rodrigues, e com a Rua Correia Araújo no Bairro do Estádio.

A área principal, adjacente à Avenida Abade de Baçal, está formada por duas faixas longitudinais, no sentido

da maior dimensão, que estão relvadas e plantadas com árvores em linha ou formando grupos. Situado no meio dessas zonas laterais, junto ao passeio da Avenida Abade de Baçal, está um espelho de água com repuxo. Uma das faixas longitudinais prolonga-se pela Avenida Professor Gonçalves Rodrigues na direcção da Avenida Luciano Cordeiro e limita um recinto empedrado onde está instalado diverso mobiliário de jardim.

A outra faixa relvada lateral termina junto à área pedonal, continuando no seu alinhamento um canteiro, também longitudinal, que acompanha a Rua Correia Araújo e no qual estão instaladas árvores em linha, em solo coberto com gravilha. Ao lado do parque infantil e junto à curva da Rua Correia Araújo há uma outra área relvada onde estão instaladas várias espécies arbóreas dispersas.

Depois de passar a vedação das piscinas, nas traseiras do Edifício do Pinhal, há uma mancha de vegetação arbórea que ocupa a zona entre a Avenida Professor Gonçalves Rodrigues e a Avenida D. Sancho I, onde está edificado um monumento em homenagem a um combatente morto na Índia em 1961.

A ligação entre a zona inferior (Avenida Abade de Baçal) e a superior (Avenida Luciano Cordeiro) faz-se por uma faixa arborizada com solo coberto de gravilha e corredor de acesso empedrado.

O acesso a todo o recinto é feito por caminhos empedrados a partir de múltiplas entradas. Tirando partido da sua amplitude e acessibilidade o espaço é frequentemente usado para actividades culturais, desportivas e recreativas.



À esquerda, vistas aéreas do local de implantação do Parque Eixo Atlântico, em 1978 (em cima) e em 2004 (em baixo).

Descrição da vegetação

A vegetação dominante, unicamente do tipo caducifólia, corresponde a várias secções de relvado com séries de árvores alinhadas e dispostas em faixas laterais, no sentido longitudinal do jardim, o sentido que apresenta maior dimensão. Na zona junto à vedação das piscinas, por trás dos sanitários e do parque infantil, e na área das traseiras do Edifício do Pinhal, na parte superior do jardim, a vegetação do tipo arbóreo instalada no relvado foi planta-



Panorâmicas do Parque Eixo Atlântico.
Zona de estar e parque infantil.
Diversidade das espécies arbóreas: choupo, bétula, carvalho, acer e oliaia.

Árvores do Parque Eixo Atlântico

Espécies com porte arbóreo

<i>Acer negundo</i>	<i>Melia azedarach</i>
<i>Acer pseudoplatanus</i>	<i>Platanus orientalis</i>
<i>Aesculus hippocastanum</i>	<i>Populus alba</i>
<i>Aesculus x carnea</i>	<i>Populus nigra var italica</i>
<i>Albizia julibrissin</i>	<i>Prunus avium</i>
<i>Betula pendula</i>	<i>Quercus pyrenaica</i>
<i>Catalpa bignonioides</i>	<i>Quercus rubra</i>
<i>Cercis siliquastrum</i>	<i>Tilia platyphyllos</i>
<i>Liquidambar styraciflua</i>	<i>Tilia x europaea</i>

da formando bosquetes de pequenos grupos de espécies iguais ou afins.

As espécies arbóreas em maior número e com características morfológicas que lhes conferem maior visibilidade (forma e cor da folhagem, floração ou porte) são os aceres, família botânica das Aceráceas, as olaias, da família das Leguminosas, as tílias da família das Tiliáceas, os choupos, da família das Salicáceas e os carvalhos das Fagáceas.

No parque não há vegetação arbustiva ou herbácea, para além da plantada em alguns canteiros de ferro, que são amovíveis e que condicionam o acesso a viaturas. Contudo, todo o parque beneficia da sebe verde de piracanta (*Pyracantha coccinea*) da família das Rosáceas, que limita o recinto das piscinas em toda a sua extensão.

Equipamentos e mobiliário

Este espaço apresenta um conjunto importante de elementos e equipamentos, que à data da sua instalação foram inovadores na cidade, de entre os quais se destacam: o repuxo e pequeno lago com água e ponte, existente junto da Avenida Abade de Baçal; o parque infantil e a rampa para desportos radicais (*Half Pipe*); os diversos elementos escultóricos presentes; os sanitários; e o WC canino.



Praça Cavaleiro Ferreira

Apresentação

O seu nome vem do professor e político Manuel Cavaleiro de Ferreira (1911-1992), natural de Bragança, que exerceu funções de magistrado e de jurista, foi ministro da justiça do governo de Salazar (1944-1954) e Professor Catedrático de Direito Penal da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa bem como da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, de que foi, também, um dos fundadores. A construção deste espaço, da autoria do Arquitecto Fonseca Modesto, foi concretizada em 1957.

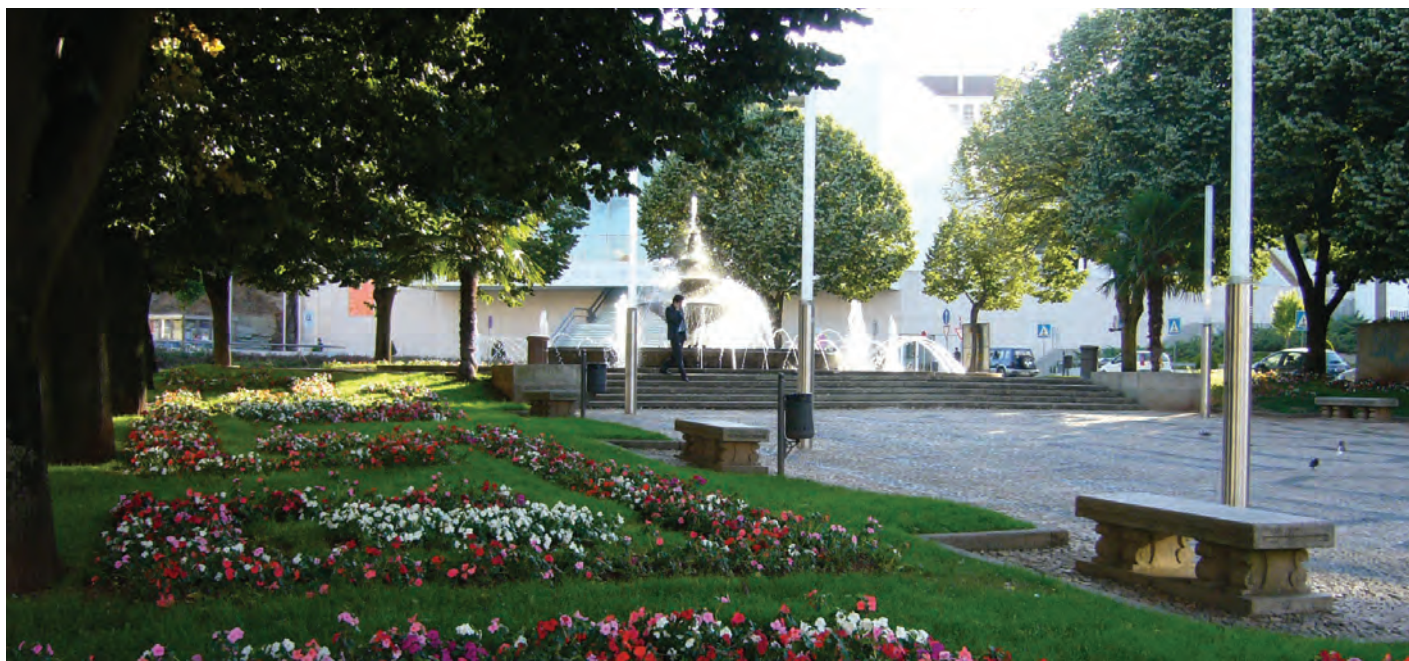
A estética dominante é claramente inspirada pela formulação dos projectos do Estado Novo, marcada pela uniformidade e rigor das formas. Esta Praça é também conhecida por Praça 1º de Maio sendo frequentemente palco de actividades de cariz político, educativo e promocional. Está localizada entre a Avenida João da Cruz e a Avenida Sá Carneiro, frente ao Teatro Municipal. Encontra-se ladeada pelos edifícios do Tribunal Judicial de Bragança e do Tribunal de Trabalho.

Possui uma área central calcetada, tipo calçada portuguesa, com bancos de pedra colocados na área de influência

das copas das árvores, beneficiando de aprazível sombra nos meses quentes. No topo desta área encontra-se uma fonte, com vários repuxos, conhecida na cidade por Taça ou Peixe (visto que está encimada por um peixe de cuja boca sai água).

Descrição da vegetação

A vegetação dominante corresponde a cerca de quinze tílias, alinhadas, que limitam o espaço verde e se encontram implantadas em canteiros relvados que bordejam toda a área da praça, apenas interrompidos pelos acessos pedonais ao espaço central. Trata-se de árvores antigas e de grande porte que são refúgio de aves e proporcionam



Espaços Verdes de Bragança

boa sombra no Verão, para além de intenso perfume que exalam durante a época de floração e aprazível ambiente outonal, proporcionado pela folhagem amarela das robustas copas. Mais recentemente, foram plantados mais exemplares de tílias, tanto na praça central como nos passeios adjacentes.

Ladeando a fonte há quatro Cupressáceas, interessantes pelo tom glauco da sua folhagem permanente e pela forma cónica das copas. No espaço também sobressaem as palmeiras, que apesar de implantadas há relativamente

poucos anos se encontram num bom estado de desenvolvimento.

Por baixo das árvores, em canteiros geométricos, rasgados no relvado, são sazonalmente plantadas várias espécies de herbáceas, amores-perfeiros, sécias, petúnias e begónias, por exemplo, plantas de floração vistosa e colorida, atraente para insectos, que conferem uma nota de cor ao espaço, principalmente durante a Primavera e o Verão.



Acima, pormenores do jardim.

Vistas aéreas da Praça Cavaleiro Ferreira em 1958 (em cima) e em 2004 (em baixo).

Exemplares arbóreos e herbáceos do Jardim da Praça Cavaleiro Ferreira

Espécies com porte arbóreo

Chamaecyparis lawsoniana
Trachycarpus fortunei

Tilia tomentosa
Tilia x europaea

Espécies herbáceas mais usadas

Begonia semperflorens-cultorum
Bellis perennis
Callistephus chinensis
Petunia hybrida
Salvia elegans

Salvia splendens
Tulipa spp.
Viola tricolor
Viola x wittrochiana

Equipamentos e mobiliário

Este espaço, de pequena dimensão, tem como elemento mais marcante as presenças da fonte e do repuxo. Apresenta ainda diversos bancos em pedra e candeeiros dispostos uniforme e lateralmente, no espaço central.



Diferentes perspectivas da Praça Cavaleiro Ferreira.





Vistas do Teatro Municipal e da Avenida João da Cruz a partir da Praça Cavaleiro Ferreira.

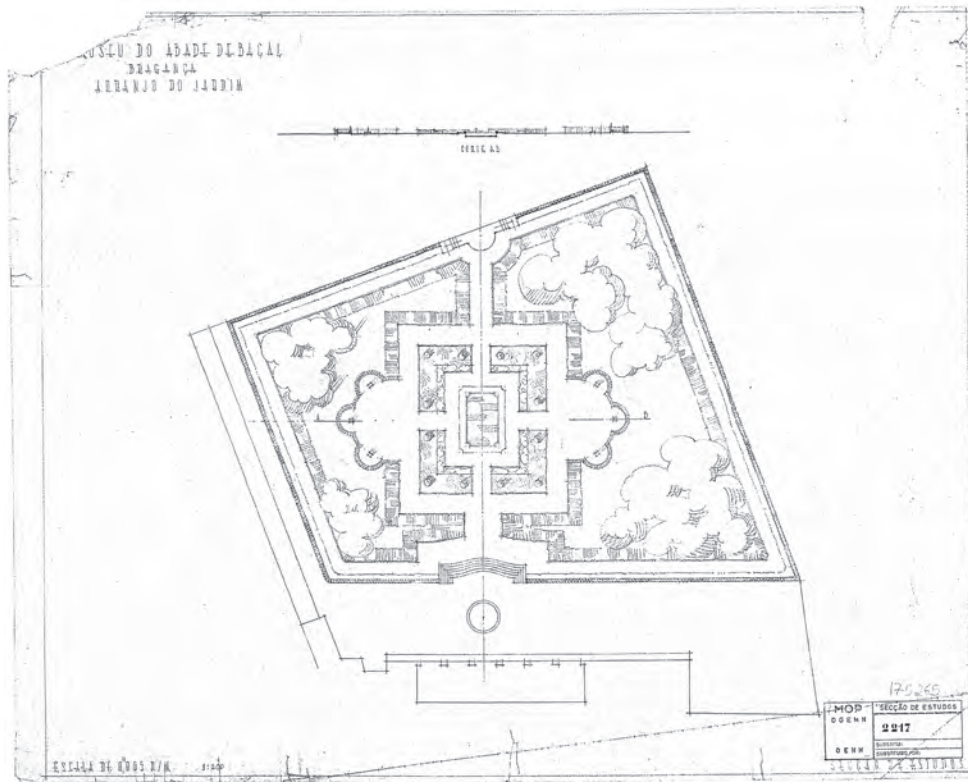


Jardim do Museu Abade de Baçal

Apresentação

Este jardim situa-se no interior do edifício do antigo Paço Episcopal de Bragança localizado na Rua Abílio Beça, que remonta ao século XVIII e que actualmente alberga o Museu do Abade de Baçal. Tanto o jardim, como o edifício e o próprio museu sofreram várias remodelações ao longo do tempo, a última das quais ficou concluída em Dezembro de 2006 e implicou também a requalificação do espaço verde.





Acima, planta original do jardim.

O jardim foi projectado em 1950 pelo Arquitecto Raul Teixeira e obedecia a um traçado geométrico que sugeria um claustro com fontanário ao centro e tirava partido da instalação simétrica de várias espécies arbóreas e arbustivas. A mais recente alteração ocorreu durante a terceira fase da última intervenção do Museu, de acordo com um projecto de 1996 da autoria da Arquitecta Cristina Valadas que modificou por completo a filosofia de concepção e o traçado antigo.

O espaço verde ocupa as traseiras do Museu e um muro de pedra separa-o da Rua Calouste Gulbenkian e do Largo Coronel Albino Lopo. Aqui se encontram ainda alguns antigos exemplares da vegetação arbórea, que juntamente com buxo em sebe ou em forma arbustiva, dominavam este espaço verde e constituíam uma nota característica do jardim.

À direita e em baixo, perspectivas do jardim do Museu Abade Baçal.



Árvores e arbustos presentes no Jardim do Museu Abade de Baçal**Espécies arbóreas**

<i>Acer negundo</i>	<i>Fraxinus angustifolia</i>
<i>Acer pseudoplatanus</i>	<i>Magnolia grandiflora</i>
<i>Cedrus atlantica</i>	<i>Prunus avium</i>
<i>Cedrus deodara</i>	<i>Taxus baccata</i>
<i>Cupressus lusitanica</i>	<i>Tilia sp.</i>
<i>Cupressus sempervirens</i>	<i>Sequoiadendron giganteum</i>
<i>Fagus sylvatica</i>	

Espécies com forma arbustiva

<i>Buxus sempervirens</i>	<i>Taxus baccata</i>
---------------------------	----------------------

Na intervenção operada no jardim, o traçado geométrico e os caminhos originais foram substituídos por um relvado, com árvores dispersas e por uma sebe de folhagem perene e porte baixo formando uma espiral, no interior da qual se mantém um pequeno repuxo. Acompanhando uma outra curva da espiral há bancos em banda.

Descrição da vegetação

A vegetação dominante corresponde a várias espécies, predominantemente do grupo das Gimnospérmicas, que se encontram isoladas e dispersas aleatoriamente no relvado ou formando conjuntos de três árvores. De grande porte, são exemplares antigos e de elevado valor ornamental e paisagístico, que sobreviveram às várias intervenções.

As várias espécies distribuem-se pelas famílias botânicas das Pináceas, Cupressáceas, Taxodiáceas e Taxáceas. Apresentam folhagem persistente, formada por agulhas

(folhas aciculares) de várias formas, dimensão e cor. As frutificações lenhosas (pinhas e gábulas) são abundantes e vistosas. Para além das características descritas, estes espécimes têm um porte imponente, motivos pelos quais se destacam tanto no espaço interior, como quando observadas a partir do exterior do jardim.

Também da flora original, permaneceram dois freixos (*Fraxinus angustifolia*) de apreciável dimensão e escassos exemplares de teixo e buxo podados em formas geométricas. Na zona central está instalada a já referida sebe, formada com buxo aparado. Foram introduzidas algumas folhosas, nomeadamente aceres (*Acer sp.*), faias (*Fagus sp.*) e magnólias (*Magnolia grandiflora*), cujo porte, dada a juventude dos exemplares, é bastante inferior ao das antigas árvores, que ainda permanecem. Os robustos cedros do Atlas, dos Himalaias e do Buçaco, bem como a sequóia, espécies de folha persistente com diversas tonalidades de verde, formam um contraste notório com a folhagem lustrosa, esverdeada, amarelada ou avermelhada dos freixos, magnólias e demais folhosas introduzidas.

Destacam-se pela idade e pelo invulgar porte colunar os dois teixos junto ao passadiço do rés-do-chão do edifício, que dá para o jardim, o cipreste e a sequóia.





Impacto da vegetação arbórea do Museu Abade de Baçal observada desde as traseiras do edifício, Largo Coronel Albino Lopo.

Jardins do Castelo

Apresentação

O castelo de Bragança, elemento fortificado cujas origens remontam ao sec. XII ou XIII, sofreu ao longo do tempo sucessivas alterações no seu interior e envolvente. Na margem esquerda do rio Fervença, é um dos mais importantes e bem preservados castelos portugueses. Do alto de seus muros avistam-se as serras de Montesinho e de Sanábria (a Norte), a de Rebordões (a Nordeste) e a de Nogueira (a Oeste).

As suas funções defensivas remetem para uma lógica de defesa face a investidas provenientes do exterior, em especial dos vizinhos castelhanos, razão que motivou a construção de muralhas, a primeira das quais remonta a 1377. Como era frequente nas cidades medievais, Bragança assumia a configuração de uma fortaleza, devidamente protegida com muralhas e contendo, no seu interior, a cidadela compacta, local de residência de uma parte significativa da população e que, em momentos de conflito, acolhia também os residentes na envolvente, que aí procuravam refúgio.

Trincheiras, muralhas e outro tipo de elementos defensivos foram sendo construídos ao longo do tempo. Contudo, factores de diversa ordem e conflitos, conduziram à sua degradação e progressiva reconstrução dos vários elementos. Particular destaque merecem as intervenções que o castelo sofreu a partir da década de 1930 e que, segundo o Instituto Português do Património Arquitectónico, levaram à reinvenção e re-monumentalização do conjunto.



Espaços Verdes de Bragança

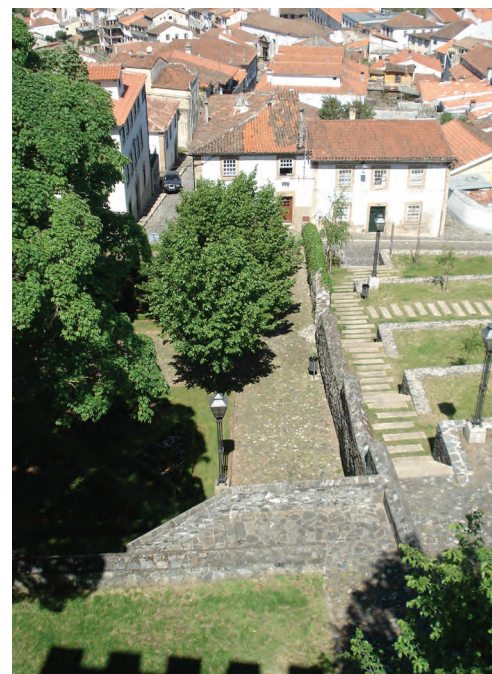
A necessária protecção da envolvente do castelo deu lugar a espaços verdes de elevada qualidade, cuja presença dignifica e acrescenta valor ao conjunto monumental do castelo da cidade de Bragança. A cidadela, densamente habitada, inclui igualmente alguns espaços verdes interessantes distribuídos por diversas parcelas, a maior das quais corresponde ao espaço da antiga praça de armas do quartel de infantaria.

No seu conjunto, estas áreas, pelas suas notáveis características, são particularmente apelativas para os turistas. De facto é comum a presença de inúmeros visitantes pro-

venientes das mais diversas origens, que acrescenta uma interessante dinamização humana ao espaço do castelo.

A caracterização dos espaços verdes do castelo e da sua envolvente apresenta-se, por facilidade de leitura e interpretação subdividida em três grupos estabelecidos de acordo com a sua localização e atributos:

- o jardim do Duque D. Fernando de Bragança, junto à entrada oeste;
- as áreas que contornam as muralhas do castelo;
- os jardins da cidadela.



Em cima, aspecto do Jardim da Entrada Oeste do castelo.

Vista aérea do castelo de Bragança, em 1958 (em cima) e em 2004 (em baixo).

O jardim do Duque D. Fernando de Bragança

Este espaço verde toma o nome do 2.º Duque de Bragança, D. Fernando, personagem associada à história de Bragança, sob cuja regência o burgo recebeu o foral de cidade. A merecida homenagem é prestada na estátua presente no local.

Este espaço encontra-se dividido em duas zonas que ladeiam a estrada de acesso ao interior, pela porta oeste. Confina com a rua de Santo Condestável, a Rua Trindade Coelho e a Rua de S. Francisco. Do lado orientado a sudoeste, termina num miradouro sobre o Rio Fervença, área na qual também está implantada a estátua de D. Fernando, Duque de Bragança.

Distinguem-se, pelas características e organização da vegetação, um patamar elevado cujo acesso se faz por escada a partir da Rua de Santo Condestável, por rampa a partir da Rua de S. Francisco e directamente a partir da Rua Trindade Coelho, bem como um logradouro do outro lado, na zona do mirante. Do lado do Miradouro há sobre-

tudo espécies arbóreas e pequenos talhões relvados com arbustos. Do lado da Rua de Santo Condestável, o espaço está estruturado em vários canteiros geométricos onde se dispõem tanto espécies arbóreas, como arbustivas e herbáceas. Os caminhos encontram-se calcetados com pedra rústica da região ou em terra batida. Vários bancos em pedra e outro mobiliário de jardim equipam o espaço.

A partir do patamar superior acede-se à mata envolvente do castelo, e permite contornar o edificado pelo lado norte, e junto ao miradouro, parte o caminho pedonal que circunda o castelo pelo lado sul. Ambos possibilitam um circuito pedestre que chega até à porta leste do castelo. Os dois percursos dão ainda oportunidade para divergir em direcção à zona do parque de Merendas, situado por baixo da porta leste, ou para aceder ao Corredor Ribeirinho do Fervença, descendo por vários caminhos possíveis até à Ponte do Jorge, que por sua vez constitui ligação tanto para o centro da Cidade, Praça Camões e Jardim António José de Almeida, como para o Parque POLIS e o Corredor Verde do Fervença.



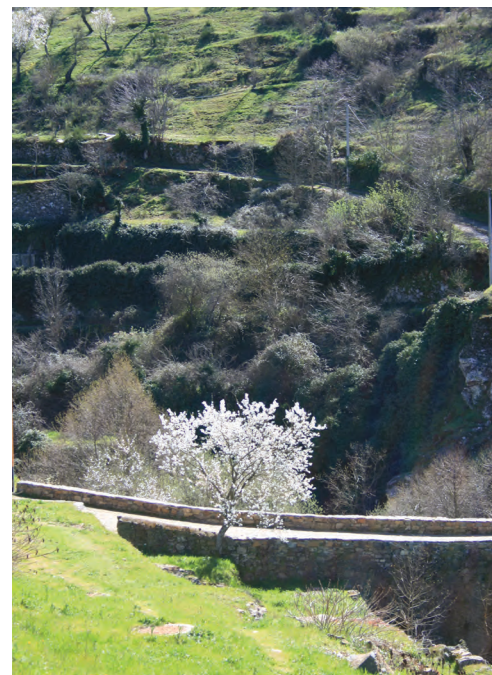
Pormenores do Jardim da Entrada Oeste do Castelo.



A envolvente das muralhas do castelo

Espaço verde que se desenvolve em torno das muralhas do castelo, limitado pela Rua de Santo Condestável, Rua de São Francisco, Rua da Rainha e pelo Caminho do Jorge. Forma um circuito com vários caminhos pedonais e acessos a partir de diversos pontos. Conhecido pela Mata do castelo, o espaço está organizado em patamares onde se destacam árvores muito antigas e de porte imponente (tílias e cedros, por exemplo), combinadas com espécimes jovens instalados no âmbito do programa POLIS, numa intervenção recente. Os percursos deste espaço permitem usufruir da calma e bem-estar proporcionados pela vegetação, pela presença de muitas aves e pela contemplação da impressionante paisagem que se avista a partir de vários pontos da envolvente e que abrem panoramas sobre a cidade antiga e moderna e sobre o vale do Fervença. Por outro lado, esta mata é uma nota dominante na paisagem urbana, tanto porque se vislumbra de quase todos os pontos da cidade, como pelo efeito policromático da folhagem caduca e dourada das tílias que contrasta com a dos cedros, sempre verde.

Paisagens do Jardim da envolvente do Castelo.



Os jardins da cidadela

No interior do castelo, na cidadela, podem observar-se várias áreas arborizadas e ajardinadas, para além dos logradouros, quintais e varandas onde a população cultiva espécies ornamentais, aromáticas e condimentares. A estrutura verde mais formal deste espaço pode considerar-se dividida em três zonas distintas: a zona das muralhas junto ao largo principal, o pequeno bosque no local onde está o Pelourinho e o jardim por baixo do Miradouro, junto ao largo da igreja.

Estão aqui presentes vários pólos de atracção histórica e cultural, para além do castelo e do Museu Militar a funcionar no seu interior, que são intensamente visitados. Destacam-se a Igreja de Santa Maria, a *Domus Municipalis*, o Pelourinho, o Museu Ibérico da Máscara e do Traje e o miradouro para a margem esquerda do Ferveça.

Aspectos dos jardins do interior do castelo.



Descrição da vegetação

O jardim do Duque D. Fernando de Bragança

A vegetação dominante corresponde a séries de árvores alinhadas e a árvores podadas em formas arbustivas arredondadas e piramidais. Diversas espécies arbustivas e herbáceas encontram-se plantadas em canteiros de formas geométricas, regulares, por vezes com traçado simétrico, limitados por buxo em poda curta, formando bordaduras e rodeados de relva. Tílias frondosas dominam o espaço e por isso as Tiliáceas são a família botânica de maior importância no jardim. As árvores antigas e de grande porte constituem refúgio de aves e proporcionam boa sombra no Verão, para além do intenso perfume libertado durante a época de floração. Destacam-se também o castanheiro-da-Índia, família das Hipocastanáceas, alguns carvalhos, plátanos e nogueiras. Contudo, o estado sanitário e a má conformação de alguns dos exemplares são reflexo, da idade das árvores, de critérios de implementação desajustados ao espaço e de sucessivas práti-

cas de manutenção menos favoráveis ao seu desenvolvimento harmonioso.

A vegetação com forma arbustiva corresponde a várias espécies arbóreas de folhagem vistosa e persistente, principalmente da família das Cupressáceas, mas também das Rosáceas e Oleáceas. Trata-se de espécies interessantes do ponto de vista ornamental que se encontram podadas em formas geométricas, pelo que apresentam formas arbustivas que não superam 1,5m de altura. Tuias, cedro-do-Oregon, zimbros, cerejeiras, sempre-noiva, roseiras (floribundas e poliantas) e ligustros, entre outros.

No interior dos canteiros, além de espécies arbustivas e arbóreas, são sazonalmente plantadas várias herbáceas com folhagem e floração vistosa e colorida ou, com interesse aromático (begónias, margaridas, sálvias, petúnias, gladiólos, por exemplo). Notável o ambiente cromático do jardim no Outono, proporcionado pela tonalidade dourada da folhagem das tílias, amarela e avermelhada das restantes espécies de folhosas, fortemente contrastante com as espécies de folha persistente e sempre verdes.

Espécies do Jardim do Duque D. Fernando de Bragança

Espécies com porte arbóreo

<i>Aesculus hippocastanum</i>	<i>Platanus orientalis</i>
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	<i>Quercus rubra</i>
<i>Cupressus lusitanica</i>	<i>Tilia x europaea</i>
<i>Cupressus sempervirens</i>	<i>Tilia platyphyllos</i>
<i>Ligustrum vulgare</i>	<i>Tilia tomentosa</i>

Espécies com forma arbustiva

<i>Buxus sempervirens</i>	<i>Rosa</i> spp.
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	<i>Rosmarinus officinalis</i>
<i>Choysia ternata</i>	<i>Santolina semidentata</i>
<i>Euonymus japonicus</i>	<i>Spiraea cantoniensis</i>
<i>Hebe</i> sp. (formas de jardinagem)	<i>Taxus baccata</i>
<i>Juniperus chinensis</i>	<i>Thuja orientalis</i>
<i>Juniperus</i> sp.	<i>Thuja plicata</i>
<i>Ligustrum ovalifolium</i>	<i>Thujopsis dolabrata</i>
<i>Ligustrum vulgare</i>	<i>Viburnum tinus</i>
<i>Prunus laurocerasus</i>	

Espécies herbáceas

<i>Begonia semperflorens-cultorum</i>	<i>Petunia hybrida</i>
<i>Bellis perenis</i>	<i>Salvia elegans</i>
<i>Callistephus chinensis</i>	<i>Salvia splendens</i>
<i>Gladiolus x hortulanus</i>	<i>Viola tricolor</i>



Diversidade florística da envolvente do Castelo

Espécies arbóreas

<i>Abies nordmanniana</i>	<i>Juglans regia</i>
<i>Acer monspessulanum</i>	<i>Laurus nobilis</i>
<i>Acer negundo</i>	<i>Liquidambar styraciflua</i>
<i>Acer pseudoplatanus</i>	<i>Morus</i> spp.
<i>Betula pendula</i>	<i>Olea europaea</i>
<i>Catalpa bignonioides</i>	<i>Platanus orientalis</i>
<i>Celtis australis</i>	<i>Populus nigra</i>
<i>Cercis siliquastrum</i>	<i>Prunus avium</i>
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	<i>Prunus domestica</i>
<i>Cupressus lusitanica</i>	<i>Prunus spinosa</i>
<i>Cupressus sempervirens</i>	<i>Pseudotsuga menziesii</i>
<i>Fagus sylvatica</i>	<i>Quercus palustris</i>
<i>Ficus carica</i>	<i>Quercus rubra</i>
<i>Fraxinus angustifolia</i>	<i>Ulmus minor</i>

Espécies arbustivas e herbáceas

<i>Hedera colchica</i>	<i>Spiraea</i> spp.
<i>Hedera helix</i>	<i>Thuja orientalis</i>
<i>Iris germanica</i>	<i>Viburnum tinus</i>
<i>Pyracantha coccinea</i>	<i>Vinca major</i>
<i>Rosa</i> spp.	



A envolvente das muralhas do castelo

A vegetação essencialmente do tipo arbórea é densa e muito variada em termos de forma e porte, porque neste espaço verde coincidem espécies muito antigas (tílias, cedros, nogueiras e freixos) com espécies plantadas recentemente (bétulas, espinheiros e aceres) as quais, por isso, se encontram ainda pouco desenvolvidas. Acompanham esta flora outras espécies arbóreas e arbustivas, bem como uma flora herbácea espontânea ou fugida de cultura (lírios e vinca, por exemplo), que contribuem com uma nota de cor durante a Primavera e para a frescura do ambiente durante o Verão.



A entrada junto à Rua de Santo Contestável encontra-se relvada e arborizada com linhas de bétulas em patamares. Já nas áreas de maior declive encontram-se plantados maciços de cerejeiras, aceres-de-montpellier, e espinheiros, sobressaindo também algumas piracantas em forma livre. As vertentes viradas a Norte correspondem às zonas mais antigas, enquanto que as viradas a Sul sofreram intervenção recente e por isso a vegetação não é tão abundante e densa. Nestas vertentes existe um coberto herbáceo semi-natural que é habitualmente aparado e espécies arbóreas formando grupos, das quais se destacam os negrilhos junto à entrada este do castelo, os cedros e espécies afins espalhados ao longo da muralha e os abetos, já bem perto do acesso ao jardim de D. Fernando na entrada oeste do castelo.



Jardins da cidadela

A vegetação arbórea está constituída por árvores de grande porte, tílias (sobretudo *Tilia tomentosa*), lodão-bastardo (*Celtis australis*), aceres (*Acer pseudoplatanus*), ulmeiros (*Ulmus minor*), amoreiras (*Morus spp.*), ciprestes (*Cupressus sempervirens*), como as que se encontram junto à muralha, porta este do castelo e no largo principal, as que estão em frente à entrada principal da Igreja de Santa Maria e as que formam um pequeno bosque no átrio onde está implantado o Pelourinho. Mesmo por trás da Domus, ainda é visível o local onde outrora esteve um frondo-



Espécies frequentes nas áreas do interior do Castelo

Espécies com porte arbóreo

Espaços formais:

Acer negundo
Acer platanoides
Acer pseudoplatanus
Aesculus hippocastanum
Celtis australis
Cercis siliquastrum
Cupressus lusitanica
Cupressus sempervirens
Elaeagnus angustifolia
Fraxinus angustifolia
Gleditsia triacanthos
Ilex aquifolium
Morus spp.
Olea europaea
Ulmus minor
Tilia plathyphyllos
Tilia tomentosa

Outros espaços:

Chamaecyparis lawsoniana
Cupressus lusitanica
Cydonia oblonga
Eryobotrya japonica
Juglans regia
Juniperus chinensis
Laurus nobilis
Ligustrum vulgare
Malus domestica
Olea europaea
Platanus orientalis
Populus nigra
Prunus avium
Prunus cerasifera
Prunus domestica
Prunus dulcis
Prunus laurocerasus
Prunus persica
Prunus serrulata
Pseudotsuga menziesii
Quercus rotundifolia
Quercus rubra

Espécies arbustivas

Buxus sempervirens
Euonymus japonicus
Hypericum calycinum
Hydrangea macrophylla
Lavandula stoechas
Pyracantha coccinea

Rosa spp.
Rosmarinus officinalis
Syringa vulgaris
Spiraea spp.
Viburnum opulus
Viburnum tinus

Espécies trepadeiras e espécies herbáceas

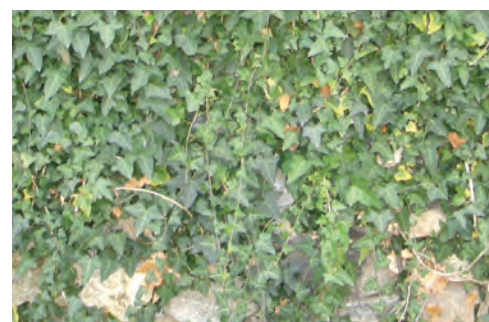
Callistephus chinensis
Hedera colchica
Hedera helix
Iris germanica
Iris. xhiphium

Lonicera japonica
Pelargonium x hortorum
Petunia hybrida
Vinca major
Viola x wittrochiana

so negrilho (*Ulmus minor*) e que foi dizimado pela grafiose. Dispersos nestas zonas, existem também outras espécies arbóreas ainda de pequeno porte, como o azevinho (*Ilex aquifolium*), a árvore do paraíso (*Elaeagnus angustifolia*) e o espinheiro-da-virgínia (*Gleditsia triacanthos*).

Junto ao Miradouro numa pequena faixa ajardinada destacam-se várias oliveiras pela folhagem verde acinzentada e os folhados pela intensa floração branca. Ainda neste espaço são cultivadas várias roseiras e espécies herbáceas como os lírios de várias cores (*Iris germanica* e *I. xhiphium*), séssias (*Callistephus chinensis*) e hortênsias (*Hydrangea macrophylla*). Alguns muros e telhados estão cobertos de heras de folhas verdes e variegadas (*Hedera helix* e *H. colchica*, respectivamente).

Em várias zonas da cidadela e também nos logradouros e quintais estão cultivadas ou crescem de forma espontânea fruteiras (figueiras, ameixeiras, cerejeiras, por exemplo) e arbustivas ornamentais (roseiras, lilaseiros, noveleiros), para além de variadíssimas espécies herbáceas, perenes ou sazonais, alimentares e ornamentais, como as couves galegas e outras hortícolas, as hortênsias, as sardinheiras, os gerânios, as petúncias, as



roseiras, entre outras. É frequente encontrarmos sementeiros em recipientes de diversa forma e tipo (vasos de barro ou, plástico, latões, entre outros) principalmente salsa, hortelã, arruda e alfavaca, mas também outras espécies aromáticas e condimentares ou plantas ornamentais.

Equipamentos e mobiliário

Os jardins do castelo de Bragança assumem características únicas no contexto dos espaços verdes locais. A relação que se estabelece entre a vegetação e o edificado é aqui singular, sendo fácil descansar num dos muitos bancos existentes e, simultaneamente, desfrutar da beleza da paisagem e do edificado.

No interior do castelo é possível encontrar diversos elementos de apoio aos utilizadores, como sejam bares e restaurantes, esplanadas, instalações sanitárias, entre outras.

Jardim do Duque D. Fernando, porta Oeste do Castelo.



Parque de Merendas do Castelo

Apresentação

Espaço verde localizado nas traseiras do castelo, confinando com a Rua da Rainha, a Rua de S. Francisco e a estrada de acesso à ETAR. O espaço está estruturado em antigos socalcos e patamares mais recentes, tirando partido da natural inclinação do terreno. Tem duas zonas, uma com entrada pela Rua da Rainha, onde há vários cruzeiros dispersos e mesas de pedra, e uma outra, de construção mais recente, que confina com uma pequena Capela, no bairro de S. Sebastião. Na zona principal foram colocadas várias mesas e bancos. Salienta-se o Fontanário da Rainha, os Cruzeiros, a Capelinha de S. Sebastião, um pombal tradicional, o convento de S. Francisco e o panorama para a muralha do castelo, para o Monte S. Bartolomeu e toda a vegetação da sua vertente norte e, num horizonte a perder de vista, para a Serra de Montesinho e Sanábria.

Descrição da vegetação

A vegetação deste parque é muito interessante porque está composta de uma mistura bem sucedida de espécies arbóreas de grande porte, aceres, cedros e nogueiras,

formando uma mata densa na zona mais antiga, que contrasta com a zona mais moderna, onde se encontram fruteiras e olival, espécies certamente cultivadas em antigos pomares que ocupavam o local, e um conjunto de espécies arbóreas e arbustivas de plantação mais recente e que, por esse motivo, têm ainda um aspecto pouco desenvolvido.

O espaço beneficia da combinação harmoniosa entre espécies eminentemente ornamentais e espécies de interesse sobretudo alimentar, como os marmeleiros, as macieiras, as cerejeiras e amendoeiras. Raras azinheiras e algumas figueiras compõem o elenco mais mediterrânico da vegetação. Vários caminhos pedonais partem desta





área, permitindo atravessar o olival. Na estrada de acesso à ETAR há uma sebe formada por vários exemplares de marmeleiros que constitui também um ponto atractivo deste espaço, especialmente na Primavera quando se encontram cobertos de intensa floração rosada, pólo de atracção de insectos e aves

Nos patamares destinados ao estacionamento foram plantados espinheiros, tramazeiras e nogueiras. Na entrada da Rua da Rainha, várias bétulas formam um maciço que alterna com piracantas e buxo.

Equipamentos e mobiliário

Situado junto de lugares de estacionamento de viaturas, ligeiras e pesadas, este espaço está particularmente preparado para receber os visitantes do castelo que aqui queiram efectuar pausas para alimentação ou para descanso. Além de pontos de água e sanitários, possui bancos e mesas, estrategicamente instalados para usufruir da sombra das árvores, em particular das oliveiras e para apreciar a paisagem, dominada pela muralha e pelo monte São Bartolomeu.



À esquerda, aspecto da capela junto ao Parque de Merendas e vistas aéreas da zona em 1974 (centro) e em 2004 (em baixo).

Acima, e na página à direita, aspectos gerais do Parque e seus equipamentos.

Árvores e arbustos presentes no Parque de Merendas

Espécies com porte arbóreo

<i>Acer negundo</i>	<i>Liquidambar styraciflua</i>
<i>Acer platanoides</i>	<i>Malus domestica</i>
<i>Acer pseudoplatanus</i>	<i>Morus</i> spp.
<i>Betula</i> sp.	<i>Olea europaea</i>
<i>Celtis australis</i>	<i>Platanus orientalis</i>
<i>Chamaecyparis lawsoniana</i>	<i>Populus nigra</i> var <i>italica</i>
<i>Crataegus monogyna</i>	<i>Prunus avium</i>
<i>Cupressus lusitanica</i>	<i>Prunus domestica</i>
<i>Cydonia oblonga</i>	<i>Prunus dulcis</i>
<i>Fagus sylvatica</i>	<i>Prunus serrulata</i>
<i>Fraxinus angustifolia</i>	<i>Prunus spinosa</i>
<i>Ilex aquifolium</i>	<i>Quercus rotundifolia</i>
<i>Juglans regia</i>	<i>Sorbus aucuparia</i>
<i>Laurus nobilis</i>	<i>Ulmus minor</i>
<i>Ligustrum vulgare</i>	<i>Tilia</i> sp.

Espécies arbustivas e herbáceas perenes

<i>Buxus sempervirens</i>	<i>Pyracantha coccinea</i>
<i>Hypericum</i> sp.	<i>Rosa</i> spp.
<i>Iris germanica</i>	<i>Spiraea</i> spp.
<i>Lavandula stoechas</i>	<i>Viburnum tinus</i>





*Policromia outonal
no Parque de Merendas do Castelo.*

Envolvente da Catedral

Apresentação

Trata-se de um espaço implantado recentemente na envolvente da nova Catedral de Bragança. Confina a sul com a Avenida 22 de Maio e a oeste com o limite da área ocupada pelo edifício e logradouro da antiga Junta Autónoma de Estradas (EP – Estradas de Portugal). Desenvolve-se desde a vedação da propriedade da EP até à estrada de acesso ao parque de estacionamento, ao longo de um talude, com um declive apreciável, localizado por detrás da catedral e que se prolonga até ao recinto da feira, nas traseiras do Mercado Municipal. Complementarmente existe um canteiro que rodeia o pequeno muro do parque de estacionamento, instalado junto ao passeio da via que faz o acesso entre a Rua Engenheiro Adelino Amaro da Costa e a Rotunda do Mercado (confinante com a Escola Abade de Baçal).

Todo o espaço está encimado por um terraço panorâmico em semicírculo, rodeado por uma espécie de pilastras



em granito, que limitam em parte um pequeno tanque, ladeado por bancos em pedra. Um murete separa esta zona panorâmica do relvado que está instalado numa das zonas mais declivosas do espaço. A partir do ponto mais alto partem vários caminhos empedrados, que dão acesso à Avenida 22 de Maio e ao parque de estacionamento e que acompanham os canteiros revestidos por casca de pinheiro, onde estão plantadas, para além de espécies arbóreas e arbustivas, várias plantas que podem assegurar uma boa cobertura do solo.



A concepção deste jardim tira partido do declive existente, apesar das dificuldades de contenção da erosão, e do porte e volume das espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas perenes instaladas, muitas delas bem adaptadas às severas condições edafo-climáticas, pondo em destaque os maciços coloridos que alternam com bosquetes de plantas de folhagem variegada.

Descrição da vegetação

A vegetação deste parque torna-se muito interessante e atractiva porque aposta nos contrastes das formas, portes e cores e numa cobertura vegetal, que uma vez instalada e desenvolvida permitirá controlar de modo eficiente a erosão. Espécies arbustivas das famílias das Crucíferas, Labiadas, Rosáceas, Leguminosas, Oleáceas, Berberidáceas, entre outras, garantem abundância de flores coloridas (amarelas, brancas, roxas e rosadas) e sobressaem pelos cambiantes de folhas e caules ou pelos aromas que exalam.

À esquerda, vistas aéreas da envolvente da Catedral, em 1978 (em cima) e em 2004 (em baixo).

Acima e nas páginas seguintes, pormenores da vegetação.

Árvores e arbustos presentes na envolvente da Catedral



No parque de estacionamento e junto aos acessos da catedral encontram-se implantados em caldeiras vários exemplares de castanheiro-da-Índia, carvalho e cipreste, que proporcionarão sombra adequada à finalidade do espaço.

A vegetação do tipo arbórea de maior porte está dispersa ao longo do talude e é formada essencialmente por alguns exemplares da família das Ulmáceas, por tramazeiras (*Sorbus aucuparia*),

faias (*Fagus sylvatica* var.), bétulas (*Betula* sp.), ciprestes (*Cupressus sempervirens*). Junto ao mirante encontram-se

Espécies arbóreas

<i>Betula</i> sp.	<i>Liquidambar styraciflua</i>
<i>Celtis australis</i>	<i>Liriodendron tulipifera</i>
<i>Crataegus monogyna</i>	<i>Prunus serrulata</i>
<i>Cupressus sempervirens</i>	<i>Quercus</i> sp.
<i>Fagus sylvatica</i>	<i>Sorbus aucuparia</i>
<i>Ilex aquifolium</i> (variedade)	<i>Ulmus</i> sp.

Espécies arbustivas

<i>Artemisia arborescens</i>	<i>Cytisus multiflorus</i>
<i>Berberis x carminea</i>	<i>Lantana camara</i>
<i>Berberis darwinii</i>	<i>Pyracantha coccinea</i>
<i>Berberis thunbergii</i>	<i>Spiraea</i> spp.
<i>Buddleja davidii</i>	<i>Symphoricarpos</i> spp.
<i>Corylus avellana</i>	<i>Teucrium fruticans</i>
<i>Cotoneaster</i> spp.	<i>Viburnum opulus</i>
<i>Crataegus monogyna</i>	<i>Viburnum tinus</i>
<i>Cytisus</i> sp.	<i>Tamarix gallica</i>

Herbáceas perenes

<i>Agave attenuata</i>	<i>Helichrysum</i> sp.
<i>Ajuga reptans</i>	<i>Hypericum calycinum</i>
<i>Alyssum</i> sp.	<i>Rosmarinus officinalis</i>
<i>Artemisia vulgaris</i>	<i>Salvia</i> sp.
<i>Bergenia crassifolia</i>	<i>Santolina</i> spp.
<i>Cerastium tomentosum</i>	<i>Sedum</i> sp.
<i>Dianthus</i> sp.	<i>Senecio cineraria</i>
<i>Festuca</i> spp.	<i>Stachys byzantina</i>
<i>Hebe</i> sp.	<i>Thymus</i> spp.



Espaços Verdes de Bragança

plantados em bosque, espécimes de tulpeiros-da-Virginia (*Liriodendron tulipifera*), cerejeiras de jardim (*Prunus serrulata*) e carvalhos (*Quercus* sp.).

A combinação harmoniosa entre espécies arbustivas de porte e folhagem diferente e herbáceas perenes de cobertura define manchas coloridas, verdes e glaucas que dão muita visibilidade ao espaço. Este é o caso das manchas de giesta branca (*Cytisus multiflorus*), plantadas alternadamente com os lilaseiros de flor branca e roxa (*Syringia vulgaris*), os grupos de espinheiros (*Crataegus* sp.), de budleias (*Buddleja davidii*), e de sempre-noivas (*Spiraea* spp.), os piracantas (*Pyracantha coccinea*), os zimbros (*Juniperus* spp.), os cotoneaster ou os tamarix, por exemplo.

Conjuntos formados pela mistura de espécies como as cravinas (*Dianthus* sp.), os tomilhos (*Thymus* spp.), as janeiras (*Bergenia* sp.), o *Sedum* sp., os azevinhos (*Ilex aquifolium*) de folhagem variegada, noveleiros (*Viburnum opulus*), várias espécies de Berberidáceas e hipericão de jardim (provavelmente *Hypericum calycinum*) asseguram e incrementam o colorido deste espaço, pela intensa floração, frutificação ou características da folhagem.

A profusão de plantas aromáticas ao longo do talude é um atractivo para insectos e aves e proporcionará agradável odor nos dias mais quentes. Maciços de santolinas e erva-do-caril ou douradinha, de cinerárias, de alecrim, tomilho-limão, sálvia e ajuga, bem como a variedade de alecrim de porte rasteiro de intensa floração violeta são um bom exemplo dessas espécies.

Equipamentos e mobiliário

Alguns bancos, iluminação e papeleiras constituem o principal equipamento deste espaço.



Lista de espécies

Nome vulgar, nome científico e família botânica das principais espécies presentes nos espaços verdes da cidade de Bragança



Árvores de folha persistente		
Abeto-branco	<i>Abies alba</i> Mill.	PINACEAE
Abeto-do-Cáucaso	<i>Abies nordmanniana</i> (Steven) Spach	PINACEAE
Abeto-espanhol	<i>Abies pinsapo</i> Boiss. (várias formas de jardinagem)	PINACEAE
Acácia, Austrália	<i>Acacia melanoxylon</i> R. Br.	LEGUMINOSAE
Alfeneiro, ligustro	<i>Ligustrum vulgare</i> L.	OLEACEAE
Alfeneiro-do-Japão	<i>Ligustrum lucidum</i> W. T. Aiton	OLEACEAE
Alfeneiro-oval	<i>Ligustrum ovalifolium</i> Hassk.	OLEACEAE
Azevinho	<i>Ilex aquifolium</i> L. (várias formas de jardinagem)	AQUIFOLIACEAE
Azinheira	<i>Quercus rotundifolia</i> L.	FAGACEAE
Cedro, cipreste-da-Califórnia	<i>Cupressus macrocarpa</i> Hartw. (várias formas de jardinagem)	CUPRESSACEAE
Cedro, cipreste-do-Arizona	<i>Cupressus arizonica</i> Greene	CUPRESSACEAE
Cedro-branco da Califórnia	<i>Calocedrus decurrens</i> (Torr.) Florin	CUPRESSACEAE
Cedro-branco, cedro-do-Oregon	<i>Chamecyparis lawsoniana</i> (AL. Murray) Parl. (várias formas de jardinagem)	CUPRESSACEAE
Cedro-do-Atlas	<i>Cedrus atlantica</i> (Endl.) Carrière (várias formas de jardinagem)	PINACEAE
Cedro-do-Buçaco, cipreste-do-Buçaco	<i>Cupressus lusitanica</i> Mill.	CUPRESSACEAE
Cedro-do-Líbano	<i>Cedrus libanii</i> A. Rich.	PINACEAE
Cedro-dos-Himalaias	<i>Cedrus deodara</i> (Roxb. Ex D. Don) G. Don (várias formas de jardinagem)	PINACEAE
Cerejeira folha de loureiro	<i>Prunus laurocerasus</i> L.	ROSACEAE
Cipreste de Leyland, cipreste bastardo	<i>Cupressocyparis leylandii</i> Dallim. & A.B. Jacks. (várias formas de jardinagem)	CUPRESSACEAE
Cipreste-comum	<i>Cupressus sempervirens</i> L.	CUPRESSACEAE
Criptoméria	<i>Cryptomeria japonica</i> "Elegans" cv. de jardinagem	TAXODIACEAE
Criptoméria-do-Japão	<i>Cryptomeria japonica</i> (L.fil.) D. Don (várias formas de jardinagem)	TAXODIACEAE
Eleagno	<i>Elaeagnus pungens</i> Thumb. (pelo menos duas variedades de jardinagem)	ELAEAGNACEAE
Falsa-tuia-do-Japão	<i>Thujaopsis dolabrata</i> (L.) Siebold & Zucc. (várias formas de jardinagem)	CUPRESSACEAE
Loureiro	<i>Laurus nobilis</i> L.	LAURACEAE
Magnólia	<i>Magnolia grandiflora</i> L. (várias formas de jardinagem)	MAGNOLIACEAE
Mimosa	<i>Acacia dealbata</i> LinK.	LEGUMINOSAE

Espaços Verdes de Bragança

Nespereira	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thumb.) Lindl.	ROSACEAE
Oliveira	<i>Olea europaea</i> L.	OLEACEAE
Palmeira das vassouras	<i>Chamerops humilis</i> L.	ARECACEAE
Palmeira-da-China	<i>Trachycarpus fortunei</i> (Hook.) H. Wendl.	ARECACEAE
Píce-a-azul, espruce-azul	<i>Picea pungens</i> Engelm. (várias formas de jardinagem)	PINACEAE
Píce-a-branca, espruce-branco	<i>Picea glauca</i> (Moench) Voss (várias formas de jardinagem)	PINACEAE
Píce-a-europeia, espruce-europeu	<i>Picea abies</i> (L.) H. Karst.	PINACEAE
Pinheiro bravo	<i>Pinus pinaster</i> Aiton	PINACEAE
Pinheiro manso	<i>Pinus pinea</i> L.	PINACEAE
Pinheiro negro	<i>Pinus nigra</i> J. F. Arnold (várias sub-espécies)	PINACEAE
Pinheiro silvestre	<i>Pinus sylvestris</i> L.	PINACEAE
Pseudotsuga	<i>Pseudotsuga menziesii</i> (Mirb.) Franco	PINACEAE
Sequoia-gigante	<i>Sequoiadendron giganteum</i> (Lindl.) Buchholz	TAXODIACEAE
Sobreiro	<i>Quercus suber</i> L.	FAGACEAE
Teixo	<i>Taxus baccata</i> L. (várias formas de jardinagem)	TAXACEAE
Tuia, cedro-branco	<i>Thuja occidentalis</i> L. (várias formas de jardinagem)	CUPRESSACEAE
Tuia-da-China	<i>Thuja orientalis</i> L. (várias formas de jardinagem)	CUPRESSACEAE
Tuia-gigante	<i>Thuja plicata</i> Donn.	CUPRESSACEAE
Zimbro, oxicedro	<i>Juniperus oxycedrus</i> L.	CUPRESSACEAE
Zimbro-comum	<i>Juniperus communis</i> L. (várias formas de jardinagem)	CUPRESSACEAE
Zimbro-da-China	<i>Juniperus chinensis</i> L. (várias formas de jardinagem de porte arbóreo)	CUPRESSACEAE

Árvores de folha caduca

Abrunheiro	<i>Prunus spinosa</i> L.	ROSACEAE
Acácia-bastarda, robínia	<i>Robinia pseudoacacia</i> L.	LEGUMINOSAE
Acácia-do-Japão	<i>Sophora japonica</i> L.	LEGUMINOSAE
Acer-de-Montpellier, zelha	<i>Acer monspessulanum</i> L.	ACERACEAE
Acer, bôrd-do-da-Noruega	<i>Acer platanoides</i> L. (várias formas de jardinagem)	ACERACEAE
Acer, plátano-bastardo	<i>Acer pseudoplatanus</i> L. (várias formas de jardinagem)	ACERACEAE
Acer-negundo, bôrd-do-negundo	<i>Acer negundo</i> L. (várias formas de jardinagem)	ACERACEAE
Albícia-de-Constantinopla	<i>Albizia julibrissin</i> Durazz.	LEGUMINOSAE
Alfenheiro-oval, ligustro	<i>Ligustrum ovalifolium</i> Hassk.	OLEACEAE
Amargoseira, sicómoro-bastardo, mélia	<i>Melia azedarach</i> L.	MELIACEAE
Ameixeira	<i>Prunus domestica</i> L.	ROSACEAE
Amendoeira	<i>Prunus dulcis</i> (Mill.) D. A. Webb	ROSACEAE
Amieiro	<i>Alnus glutinosa</i> (L.) Gaertn.	BETULACEAE
Amieiro-francês	<i>Alnus cordata</i> (Loisel.) Duby (cv. 'Rubra')	BETULACEAE
Amoreira folha de plátano, moreira japonesa	<i>Morus kagayamae</i> Koidz. = <i>Morus plataniifolia</i>	MORACEAE
Amoreira-branca	<i>Morus alba</i> L. (várias formas de jardinagem)	MORACEAE
Amoreira-branca-pendula	<i>Morus alba</i> 'Pendula'	MORACEAE
Amoreira-preta	<i>Morus nigra</i> L.	MORACEAE
Árvore de Júpiter	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	LYTHRACEAE
Aveleira de folha púrpura	<i>Corylus avellana</i> 'Atropurpurea'	BETULACEAE

Azinheira	<i>Quercus rotundifolia</i> L.	FAGACEAE
Bétula, vidoeiro, bidoeiro	<i>Betula alba</i> L.= <i>B. celtiberica</i> Ehrh.	BETULACEAE
Bétula, vidoeiro, bidoeiro	<i>Betula pendula</i> Roth	BETULACEAE
Carvalho americano	<i>Quercus coccinea</i> Muenchh.	FAGACEAE
Carvalho americano	<i>Quercus palustris</i> Muenchh.	FAGACEAE
Carvalho americano	<i>Quercus rubra</i> L. (várias formas de jardinagem)	FAGACEAE
Carvalho cerquinho	<i>Quercus faginea</i> Lam.	FAGACEAE
Carvalho negral	<i>Quercus pyrenaica</i> Willd.	FAGACEAE
Castanheiro	<i>Castanea sativa</i> Mill	FAGACEAE
Castanheiro do Japão	<i>Castanea crenata</i> Siebold & Zucc.	FAGACEAE
Castanheiro-da-Índia	<i>Aesculus hippocastanum</i> L.	HIPPOCASTANACEAE
Castanheiro-da-Índia-de-flores-rosadas	<i>Aesculus x carnea</i> Hayne	HIPPOCASTANACEAE
Catalpa	<i>Catalpa bignonioides</i> Walter	BIGNONIACEAE
Cerejeira de jardim, cerejeira do Japão	<i>Prunus cerasifera</i> Ehrh. (várias formas de jardinagem)	ROSACEAE
Cerejeira de jardim, cerejeira do Japão	<i>Prunus cerasifera</i> var. <i>atropurpurea</i> H. Jaeger	ROSACEAE
Cerejeira de jardim, cerejeira do Japão	<i>Prunus serrulata</i> Lindl. (várias formas de jardinagem)	ROSACEAE
Cerejeira, cerdeiro	<i>Prunus avium</i> L.	ROSACEAE
Choupo híbrido, choupo-do-Canadá	<i>Populus x canadensis</i> Moench	SALICACEAE
Choupo piramidal, álamo-de-Itália	<i>Populus nigra</i> var <i>italica</i>	SALICACEAE
Choupo-branco	<i>Populus alba</i> L. (várias formas de jardinagem)	SALICACEAE
Choupo-negro	<i>Populus nigra</i> L.	SALICACEAE
Choupo-tremedor	<i>Populus tremula</i> L. (duas formas de jardinagem)	SALICACEAE
Espinheiro-da-Virgínia	<i>Gleditsia triacanthos</i> L. (várias formas de jardinagem)	LEGUMINOSAE
Faia	<i>Fagus sylvatica</i> var <i>purpurea</i> Aiton.	FAGACEAE
Faia de folha púrpura	<i>Fagus sylvatica</i> L. (várias formas de jardinagem)	FAGACEAE
Figueira	<i>Ficus carica</i> L.	MORACEAE
Freixo-de-folhas-estreitas	<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl.	OLEACEAE
Freixo-de-folhas-redondas	<i>Fraxinus ornus</i> L.	OLEACEAE
Freixo-europeu	<i>Fraxinus excelsior</i> L.	OLEACEAE
Gingko	<i>Gingko biloba</i> Kaempf. ex L.	GINGKOACEAE
Hibisco	<i>Hibiscus syriacus</i> L.	MALVACEAE
Liquidambar	<i>Liquidambar styraciflua</i> L.	HAMAMELIDACEAE
Lódão-bastardo	<i>Celtis australis</i> L.	ULMACEAE
Macieira	<i>Malus pumila</i> Mill. = <i>Malus domestica</i> Borkh.	ROSACEAE
Magnólia-chinesa	<i>Magnolia x soulangeana</i> Soul. Bod (várias formas de jardinagem)	MAGNOLIACEAE
Marmeleiro	<i>Cydonia oblonga</i> L.	ROSACEAE
Nogueira	<i>Juglans regia</i> L.	JUGLANDACEAE
Nogueira-preta	<i>Juglans nigra</i> L.	JUGLANDACEAE
Olaia, árvore de Judas	<i>Cercis siliquastrum</i> L.	LEGUMINOSAE
Pereira	<i>Pyrus communis</i> L.	ROSACEAE
Pessegueiro	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	ROSACEAE
Pilriteiro, escaramunheiro, espinheiro	<i>Crataegus monogyna</i> Jacq. (cultivar de jardinagem)	ROSACEAE
Plátano	<i>Platanus orientalis</i> L. var. <i>acerifolia</i> Aiton	PLATANACEAE
Plátano-do-orientes	<i>Platanus orientalis</i> L.	PLATANACEAE
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	CAPRIFOLIACEAE

Espaços Verdes de Bragança

Salgueira, borrazeira-branca	<i>Salix salviifolia</i> Brot.	SALICACEAE
Salgueiro de casca roxa	<i>Salix purpurea</i> L. (cultivar de jardinagem)	SALICACEAE
Salgueiro-branco	<i>Salix alba</i> L.	SALICACEAE
Salgueiro-chorão, chorão	<i>Salix babylonica</i> L.	SALICACEAE
Salgueiro-chorão, chorão	<i>Salix x sepulcralis</i> Simonk	SALICACEAE
Salgueiro-frágil	<i>Salix fragillis</i> L.	SALICACEAE
Salgueiro-negro, borrazeira-preta	<i>Salix atrocinerea</i> Brot.	SALICACEAE
Tília europeia	<i>Tilia x europaea</i> L. = <i>Tilia x vulgaris</i> Hayne (várias formas de jardinagem)	TILIACEAE
Tília-de-folhas-grandes	<i>Tilia platyphyllos</i> Scop. (várias formas de jardinagem)	TILIACEAE
Tília-de-folhas-pequenas	<i>Tilia cordata</i> Mill.	TILIACEAE
Tília-prateada	<i>Tilia tomentosa</i> Moench.	TILIACEAE
Tramazeira, sorbeira	<i>Sorbus aucuparia</i> L. (várias formas de jardinagem)	ROSACEAE
Tulipeiro-da-Virginia	<i>Liriodendron tulipifera</i> L.	MAGNOLIACEAE
Ulmeiro, negrilho, olmo	<i>Ulmus minor</i> Mill.	ULMACEAE
Ulmeiro-da-Sibéria	<i>Ulmus pumila</i> L. (várias formas de jardinagem)	ULMACEAE

Arbustos de folha persistente

Abélia	<i>Abelia floribunda</i> Decne.	CAPRIFOLIACEAE
Abélia	<i>Abelia x grandiflora</i> (André) Rehder (semi caducifólio)	CAPRIFOLIACEAE
Agave	<i>Agave attenuata</i> Salm-Dyck	AGAVACEAE
Agave, piteira	<i>Agave americana</i> L.	AGAVACEAE
Alfenheiro, ligustro	<i>Ligustrum vulgare</i> L.	OLEACEAE
Alfenheiro-do-Japão, ligustro	<i>Ligustrum japonicum</i> Thumb	OLEACEAE
Alfenheiro-do-Japão, ligustro	<i>Ligustrum lucidum</i> W. T. Aiton	OLEACEAE
Alfenheiro-oval, ligustro	<i>Ligustrum ovalifolium</i> Hassk.	OLEACEAE
Aloendro, loendro, sevadilha	<i>Nerium oleander</i> L. (várias formas de jardinagem)	APOCYNACEAE
Aveleira de folha púrpura	<i>Corylus avellana</i> 'Atropurpurea'	BETULACEAE
Azálea	<i>Rhododendron ferrugineum</i> L.	ERICACEAE
Bambu	<i>Bambusia</i> sp.	GRAMINEAE
Bambu	<i>Phyllostachys</i> sp.	GRAMINEAE
Berberis	<i>Berberis darwinii</i> Hook.	BERBERIDACEAE
Buxo	<i>Buxus sempervirens</i> L. (várias formas de jardinagem)	BUXACEAE
Cameleira	<i>Camelia japonica</i> L. (muitos cultivares, origem japonesa, europeia e portuguesa)	THEACEAE
Cerejeira folha de loureiro	<i>Prunus laurocerasus</i> L.	ROSACEAE
Cotoneaster	<i>Cotoneaster buxifolius</i> Lindl. (semi caducifólio)	ROSACEAE
Cotoneaster	<i>Cotoneaster franchetii</i> Bois (semi caducifólio)	ROSACEAE
Cotoneaster	<i>Cotoneaster pannosus</i> Franch.	ROSACEAE
Escalónia	<i>Escallonia rubra</i> (Ruiz & Pav.) Pers.	ESCALLONIACEAE
Espadana, foguete	<i>Typha latifolia</i> L.	TYPHACEAE
Esteva folha de sálvia	<i>Cistus ladanifer</i> L.	CISTACEAE
Esteva folha de sálvia	<i>Cistus salvifolius</i> L. (forma silvestre e híbrido)	CISTACEAE
Evónimo	<i>Euonymus japonicus</i> L. f. (várias formas de jardinagem)	CELESTRACEAE
Evónimo matizado	<i>Euonymus japonicus</i> 'Aureomarginatus'	CELESTRACEAE
Falsa-tuia-do-Japão	<i>Thuopsis dolabrata</i> (L.) Siebold & Zucc. (várias formas de jardinagem)	CUPRESSACEAE

Folhado	<i>Viburnum tinus</i> L. (várias formas de jardinagem)	CAPRIFOLIACEAE
Fotínia	<i>Photinia glabra</i> (Thum.) Maxim	ROSACEAE
Fotínia	<i>Photinia serrulata</i> Lindl.	ROSACEAE
Fotínia	<i>Photinia x fraseri</i> Dress	ROSACEAE
Gilbardeira	<i>Ruscus aculeatus</i> L.	RUSCACEAE
Hebe	<i>Hebe</i> spp. (várias formas de jardinagem)	SCROPHULARIACEAE
Iuca	<i>Yucca aloifolia</i> L.	AGAVACEAE
Iuca	<i>Yucca gloriosa</i> L.	AGAVACEAE
Jasmim	<i>Jasminum fruticans</i> L.	OLEACEAE
Lantana	<i>Lantana camara</i> L. (várias formas de jardinagem)	VERBENACEAE
Laranjeira-do-México, manjeriqueira	<i>Choysia ternata</i> Kunth	RUTACEAE
Limpa-garrafas	<i>Callistemom citrinus</i> (Curtis) Skeels (várias formas de jardinagem)	MYRTACEAE
Losna	<i>Artemisia arborescens</i> L.	COMPOSITAE
Loureiro-japonês	<i>Aucuba japonica</i> Thunb.	CORNACEAE
Madressilva	<i>Lonicera japonica</i> Thunb.	CAPRIFOLIACEAE
Madressilva anã	<i>Lonicera nitida</i> E. H. Wilson	CAPRIFOLIACEAE
Mahonia	<i>Mahonia aquifolium</i> (Pursh) Nutt.	BERBERIDACEAE
Mato-branco, sálvia amarga	<i>Teucrium fruticans</i> L.	LABIATAE
Medronheiro	<i>Arbutus unedo</i> L.	ERICACEAE
Penacheiro	<i>Cortaderia selloana</i> (Schult. &Schult. f.) Asch. & Graebn.	GRAMINEAE
Pieris	<i>Pieris formosa</i> (Wall)D. Don	ERICACEAE
Pieris	<i>Pieris japonica</i> 'Variegata'	ERICACEAE
Pieris	<i>Pieris japonica</i> (Thunb.) D. Don (várias formas de jardinagem)	ERICACEAE
Piracanta, espinheiro	<i>Pyracantha angustifolia</i> (Franch.) C. K. Schneid.	ROSACEAE
Piracanta, espinheiro	<i>Pyracantha coccinea</i> M. Roem.	ROSACEAE
Pitósporo-da-China	<i>Pittosporum tobira</i> (Thumb.) W.T. Aiton	PITTOSPORACEAE
Potentilha	<i>Potentilla fruticosa</i> L.	ROSACEAE
Rododendro	<i>Rhododendron</i> spp. (várias formas de jardinagem)	ERICACEAE
Silva	<i>Rubus ulmifolius</i> Schott.	ROSACEAE
Teixo	<i>Taxus baccata</i> L. (várias formas de jardinagem de porte arbustivo)	TAXACEAE
Tuia-da-China	<i>Thuja orientalis</i> L. (várias formas de jardinagem de porte arbustivo)	CUPRESSACEAE
Tuia-gigante	<i>Thuja plicata</i> Donn. (várias formas de jardinagem de porte arbustivo)	CUPRESSACEAE
Urze	<i>Erica</i> spp. (várias formas de jardinagem de porte rasteiro)	ERICACEAE
Weigela	<i>Weigela florida</i> (Bunge) A. DC.	CAPRIFOLIACEAE
Zimbro-comum	<i>Juniperus communis</i> L. (várias formas de jardinagem)	CUPRESSACEAE
Zimbro-da-China	<i>Juniperus chinensis</i> L. (várias formas de jardinagem de porte rasteiro)	CUPRESSACEAE
Zimbro-rasteiro	<i>Juniperus horizontalis</i> Moench (várias formas de jardinagem)	CUPRESSACEAE

Arbustos de folha caduca		
Arando americano	<i>Vaccinium corymbosum</i> L. (várias formas de jardinagem)	ERICACEAE
Arando, uva-do-monte, mirtilho	<i>Vaccinium myrtillus</i> L.	ERICACEAE
Berberis	<i>Berberis thunbergii</i> DC.	BERBERIDACEAE
Berberis	<i>Berberis x carminea</i> Ahrendt	BERBERIDACEAE
Bola-de-neve	<i>Symphoricarpus albus</i> (L.) S. F. Blake	CAPRIFOLIACEAE
Budleia	<i>Buddleja alternifolia</i> Maxim.	BUDDLEJACEAE
Budleia	<i>Buddleja davidii</i> Franch.	BUDDLEJACEAE
Coronilha	<i>Coronilla glauca</i> L.	LEGUMINOSAE
Coronilha	<i>Coronilla juncea</i> L.	LEGUMINOSAE
Evónimo	<i>Euonymus europaeus</i> L.	CELASTRACEAE
Forsítia	<i>Forsythia x intermedia</i> Zabel	OLEACEAE
Framboeseira	<i>Rubus idaeus</i> L.	ROSACEAE
Giesta	<i>Cytisus x praecox</i> Beauverd (várias formas de jardinagem)	LEGUMINOSAE
Giesta amarela	<i>Cytisus striatus</i> (Hill) Rothm.	LEGUMINOSAE
Giesta branca	<i>Cytisus multiflorus</i> (L'Hér.) Sweet	LEGUMINOSAE
Giesta das sebes	<i>Cytisus grandiflorus</i> (Brot.) DC.	LEGUMINOSAE
Giesta negra, giesta das vassouras	<i>Cytisus scoparius</i> (L.) Link (várias formas de jardinagem)	LEGUMINOSAE
Groselheiro	<i>Ribes sanguineum</i> Pursh	GROSSULARIACEAE
Hibisco	<i>Hibiscus syriacus</i> L.	MALVACEAE
Hortênsia, hidrangea	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	HYDRANGEACEAE
Ligustro, Alfenheiro	<i>Ligustrum vulgare</i> L.	OLEACEAE
Lilaseiro, lilás	<i>Syringa meyeri</i> C. K. Schneid. = <i>Syringa microphylla</i>	OLEACEAE
Lilaseiro, lilás	<i>Syringa vulgaris</i> L.	OLEACEAE
Marmeleiro de jardim	<i>Chaenomeles x superba</i> (Frahm) Rehd	ROSACEAE
Marmeleiro Japonês, marmeleiro de jardim	<i>Chaenomeles japonica</i> (Thumb.) Lindl. Ex Spach	ROSACEAE
Noveleiro	<i>Viburnum opulus</i> L.	CAPRIFOLIACEAE
Pilriteiro, escaramunheiro, espinheiro branco	<i>Crataegus monogyna</i> Jacq. (forma silvestre e cultivar de jardinagem)	ROSACEAE
Querria	<i>Kerria japonica</i> (L.) DC.	ROSACEAE
Romanzeira	<i>Punica granatum</i> cv.'Nana'	LYTRACEAE
Rosa silvestre	<i>Rosa micrantha</i> Borrer ex Sm	ROSACEAE
Rosa silvestre, gravanceira	<i>Rosa corymbifera</i> Borkh.	ROSACEAE
Rosa silvestre, rosa canina	<i>Rosa canina</i> L.	ROSACEAE
Roseira arbustiva	<i>Rosa</i> spp. Grupo <i>floribundas</i>	ROSACEAE
Roseira arbustiva	<i>Rosa</i> spp. Grupo <i>polyanthas</i>	ROSACEAE
Roseira de trepar	<i>Rosa</i> spp. Grupo <i>trepadoras, flores grandes e médias</i>	ROSACEAE
Rosinha de chá	<i>Rosa</i> spp. Grupo <i>trepadoras, flores pequenas</i>	ROSACEAE
Salgueiro de folha estreita	<i>Salix elaeagnos</i> Scop.	SALICACEAE
Sempre-noiva, spireia	<i>Spirea cantoniensis</i> Lour.	ROSACEAE
Sempre-noiva, spireia	<i>Spirea x vanhouttei</i> (Briot) Zabel	ROSACEAE
Silindra	<i>Philadelphus coronarius</i> L. (várias formas de jardinagem)	HYDRANGEACEAE
Spireia-do-Japão	<i>Spirea japonica</i> L. f.	ROSACEAE
Tamarix	<i>Tamarix gallica</i> L.	TAMARICACEAE
Videira	<i>Vitis vinifera</i> L.	VITACEAE
Vinha-virgem	<i>Parthenocissus quinquefolia</i> (L.) Planch.	VITACEAE
Vinha-virgem	<i>Parthenocissus tricuspidata</i> (Siebold & Zucc.) Planch.	VITACEAE

Herbáceas perenes		
Abrótano fêmea, santolina	<i>Santolina rosmarinifolia</i> L.	COMPOSITAE
Abrótano, santolina	<i>Ssntolina chamaecyparissus</i> L.	COMPOSITAE
Ajuga	<i>Ajuga reptans</i> L.	LABIATAE
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	LABIATAE
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i> Miller	LABIATAE
Alfazema	<i>Lavandula latifolia</i> Medik.	LABIATAE
Alfazema, lavanda	<i>Lavandula dentata</i> L.	LABIATAE
Arruda	<i>Ruta chalepensis</i> L.	RUTACEAE
Artemisia	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	COMPOSITAE
Azálea	<i>Rhododendron</i> spp. (várias formas de jardinagem)	ERICACEAE
Caluna	<i>Calluna vulgaris</i> (L.) Hull (várias formas de jardinagem)	ERICACEAE
Centaurea	<i>Centaurea pulcherrima</i> Willd.	COMPOSITAE
Cerastium	<i>Cerastium tomentosum</i> L.	CARYOPHYLLACEAE
Cinerária	<i>Senecio cineraria</i> DC.	COMPOSITAE
Cravínea, cravelina	<i>Dianthus</i> sp.	CARYOPHYLLACEAE
Erva-do-caril	<i>Helichrysum italicum</i> (Roth) G.Don	COMPOSITAE
Espadana, foguete	<i>Typha latifolia</i> L.	TYPHACEAE
Hipericão de jardim	<i>Hypericum calycinum</i> L.	GUTTIFERAE
Janeiras	<i>Bergenia crassifolia</i> (L.) Fritsch	SAXIFRAGACEAE
Lírio, iris	<i>Iris germanica</i> L.	IRIDACEAE
Orelhas de coelho	<i>Stachis byzantina</i> K. Koch = <i>S. lanata</i>	LABIATAE
Perpétua-das-areias, douradinha	<i>Helichrysum stoechas</i> (L.) Moench	COMPOSITAE
Pervinca, cangorça	<i>Vinca major</i> L.	APOCYNACEAE
Pervinca, cangorça	<i>Vinca major</i> 'Variegata'	APOCYNACEAE
Prímulas, páscoas, primaveras	<i>Primula vulgaris</i> L. = <i>P. acaulis</i> (L.) Hill	PRIMULACEAE
Prímulas, páscoas, primaveras	<i>Primula x polyantha</i> Mill (várias formas de jardinagem)	PRIMULACEAE
Rosmaninho de flor branca	<i>Lavandula viridis</i> L'Hér.	LABIATAE
Rosmaninho, arçã	<i>Lavandula stoechas</i> L.	LABIATAE
Sal-puro	<i>Thymus mastichina</i> L.	LABIATAE
Sálvia	<i>Salvia officinalis</i> L.	LABIATAE
Tomilho	<i>Thymus vulgaris</i> L.	LABIATAE
Tomilho-limão	<i>Thymus x citriodorus</i>	LABIATAE
Tomilho-limão	<i>Thymus x citriodorus</i> 'Variegata'	LABIATAE
Urze	<i>Erica</i> spp.	ERICACEAE
	<i>Sedum</i> sp.	CRASSULACEAE

Herbáceas com uso sazonal		
Açucena	<i>Lilium candidum</i> L.	LILIACEAE
Agapanto	<i>Agapanthus africanus</i> (L.) Hoffm. = <i>A. umbellatus</i>	LILIACEAE
Amor-perfeito	<i>Viola tricolor</i> L.	VIOLACEAE
Amor-perfeito	<i>Viola x wittrochiana</i> Kappert	VIOLACEAE
Begónia	<i>Begonia semperflorens-cultorum</i> híbridos	BEGONIACEAE
Cravos-burros	<i>Tagetes patula</i> L. (várias formas de jardinagem)	COMPOSITAE
Cravo-verde	<i>Mentha x piperita</i> L.	LABIATAE
Dálias	<i>Dahlia x variabilis</i> Desf.	COMPOSITAE
Erva de S. Roberto, gerânio	<i>Geranium robertianum</i> L.	GERANIACEAE
Gerânio	<i>Geranium sanguineum</i> L.	GERANIACEAE
Gladíolos	<i>Gladiolus x hortulanus</i> Bailey	IRIDACEAE
Hortelã	<i>Mentha x gentilis</i> L.	LABIATAE
Hortelã-pimenta	<i>Menta spicata</i> L.	LABIATAE
Jacintos	<i>Hyacinthus orientalis</i> L.	LILIACEAE
Lírio	<i>Lilium martagon</i> L. e outros grupos (várias formas de jardinagem)	LILIACEAE
Lírios	<i>Iris xiphium</i> L.	IRIDACEAE
Malva de cheiro	<i>Pelargonium citronellum</i> J.J.A. Van der Walt	GERANIACEAE
Margaridas	<i>Bellis perennis</i> L. (várias formas de jardinagem)	COMPOSITAE
Narcisos	<i>Narcissus</i> spp.	AMARYLLIDACEAE
Pelargónios	<i>Pelargonium</i> spp.	GERANIACEAE
Petúnias	<i>Petunia hybrida</i> (Hook.) Vilm.	SOLANACEAE
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i> (Miller) A. W. Hill	UMBELLIFERAE
Sálvia	<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Roem. & Schult. (várias formas de jardinagem)	LABIATAE
Sálvia-ananás	<i>Salvia elegans</i> Vahl	LABIATAE
Sardinheiras	<i>Pelargonium x hortorum</i> L. H. Bailey	GERANIACEAE
Sécias	<i>Callistephus chinensis</i> (L.) Nees	COMPOSITAE
Túlipa	<i>Tulipa</i> spp.	LILIACEAE
Verbena	<i>Verbena x hybrida</i> Groenl. & Rümpler	VERBENACEAE

Arbustos e herbáceas aromáticas		
Abrótano fêmea, santolina	<i>Santolina rosmarinifolia</i> L.	COMPOSITAE
Abrótano, santolina	<i>Santolina chamaecyparissus</i> L.	COMPOSITAE
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	LABIATAE
Alecrim prostrado	<i>Rosmarinus officinalis</i> 'prostratus'	LABIATAE
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i> Miller	LABIATAE
Alfazema	<i>Lavandula latifolia</i> Medik.	LABIATAE
Alfazema, lavanda	<i>Lavandula dentata</i> L.	LABIATAE
Arruda	<i>Ruta chalepensis</i> L.	RUTACEAE
Artemisia	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	COMPOSITAE
Coronilha	<i>Coronilla glauca</i> L.	LEGUMINOSAE
Coronilha	<i>Coronilla juncea</i> L.	LEGUMINOSAE
Cravínea, cravelina	<i>Dianthus</i> sp.	CARYOPHYLLACEAE
Cravo-verde	<i>Mentha x piperita</i> L.	LABIATAE
Erva de S. Roberto, gerânio	<i>Geranium robertianum</i> L.	GERANIACEAE
Erva-do-caril	<i>Helichrysum italicum</i> (Roth) G.Don	COMPOSITAE
Giesta	<i>Cytisus x praecox</i> Beauverd (várias formas de jardinagem)	LEGUMINOSAE
Hortelã	<i>Mentha x gentilis</i> L.	LABIATAE
Hortelã-pimenta	<i>Mentha spicata</i> L.	LABIATAE
Jasmim	<i>Jasminum fruticans</i> L.	OLEACEAE
Lilaseiro, lilás	<i>Syringa meyeri</i> C. K. Schneid. = <i>Syringa microphylla</i>	OLEACEAE
Lilaseiro, lilás	<i>Syringa vulgaris</i> L.	OLEACEAE
Madressilva	<i>Lonicera japonica</i> Thunb.	CAPRIFOLIACEAE
Malva de cheiro	<i>Pelargonium citronellum</i> J.J.A. Van der Walt	GERANIACEAE
Mato-branco, sálvia amarga	<i>Teucrium fruticans</i> L.	LABIATAE
Perpétua-das-areias, douradinha	<i>Helichrysum stoechas</i> (L.) Moench	COMPOSITAE
Pitóspero-da-China	<i>Pittosporum tobira</i> (Thumb.) W.T. Aiton	PITTOSPORACEAE
Rosmaninho de flor branca	<i>Lavandula viridis</i> L'Hér.	LABIATAE
Rosmaninho, arçã	<i>Lavandula stoechas</i> L.	LABIATAE
Sal-puro	<i>Thymus mastichina</i> L.	LABIATAE
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i> (Miller) A. W. Hill	UMBELLIFERAE
Sálvia	<i>Salvia officinalis</i> L.	LABIATAE
Silindra	<i>Philadelphus coronarius</i> L. (várias formas de jardinagem)	HYDRANGEACEAE
Tomilho	<i>Thymus vulgaris</i> L.	LABIATAE
Tomilho-limão	<i>Thymus x citriodorus</i>	LABIATAE
Tomilho-limão	<i>Thymus x citriodorus</i> 'Variegata'	LABIATAE
Tomilho-limão	<i>Thymus x citriodorus</i> 'Aureus'	LABIATAE

Espécies usadas para cobertura do solo		
Ajuga	<i>Ajuga reptans</i> L.	LABIATAE
Alecrim prostrado	<i>Rosmarinus officinalis</i> 'prostratus'	LABIATAE
Alisso	<i>Alyssum</i> sp.	CRUCIFERAE
Caluna	<i>Calluna vulgaris</i> (L.) Hull (várias formas de jardinagem)	ERICACEAE
Centaurea	<i>Centaurea pulcherrima</i> Willd.	COMPOSITAE
Cerastium	<i>Cerastium tomentosum</i> L.	CARYOPHYLLACEAE
Cinerária	<i>Senecio cineraria</i> DC.	COMPOSITAE
Cotoneaster	<i>Cotoneaster horizontalis</i> Decne (semi caducifólio)	ROSACEAE
Cravínea, cravelina	<i>Dianthus</i> sp.	CARYOPHYLLACEAE
Erva-do-caril	<i>Helichrysum italicum</i> (Roth) G.Don	COMPOSITAE
Festuca	<i>Festuca ovina</i> 'Glaucá'	GRAMINEAE
Hera	<i>Hedera colchica</i> K. Koch	ARALIACEAE
Hera	<i>Hedera helix</i> L.	ARALIACEAE
Hiperício de jardim	<i>Hypericum calycinum</i> L.	GUTTIFERAE
Janeiras	<i>Bergenia crassifolia</i> (L.) Fritsch	SAXIFRAGACEAE
Margaridas	<i>Bellis perennis</i> L.	COMPOSITAE
Orelhas de coelho	<i>Stachis byzantina</i> K. Koch = <i>S. lanata</i>	LABIATAE
Perpétua-das-areias, douradinha	<i>Helichrysum stoechas</i> (L.) Moench	COMPOSITAE
Pervinca, cangorça	<i>Vinca major</i> L.	APOCYNACEAE
Pervinca, cangorça	<i>Vinca major</i> 'Variegata'	APOCYNACEAE
Tomilho-limão	<i>Thymus x citriodorus</i>	LABIATAE
Tomilho-limão	<i>Thymus x citriodorus</i> 'Variegata'	LABIATAE
Tomilho-limão	<i>Thymus x citriodorus</i> 'Aureus'	LABIATAE
	<i>Sedum</i> sp.	CRASSULACEAE

Bibliografia

Alves, Pe. F. M. (2000). *Memórias Histórico Arqueológicas do Distrito de Bragança* - Vol. I e XI. IPM. Câmara Municipal de Bragança.

Brickell C. (ed. & coord.) (2002). *Nueva enciclopedia de plantas y flores*. The Royal Horticulture Society. Grijalbo.

Castroviejo S. (coord.) (1986-2007). *Flora Iberica*. Real Jardín Botánico, CSIC, Madrid.

Jacob, J. (1997). *Bragança*. Coleção Cidade e Vilas de Portugal, n.º 22. Presença, Lisboa.

López González, Ginés A. (2001). *Los árboles y los arbustos de la Península Ibérica e Islas Baleares*. Tomos I y II. Mundi-Prensa, Madrid.

Monteiro, J.R. (2004). "Bragança: 540 Anos de Cidade". In *Bragança: Um Olhar Sobre a Cidade*. POLIS, Bragança.

Peña Arribas, J. J. (1998). *Coníferas ornamentales*. Floraprint España. SA.

Sánchez de Lorenzo Cáceres, J. M. (coord.) (2000-2007). *Flora ornamental Española*. Volumes 1-5. Mundi-Prensa, Madrid.

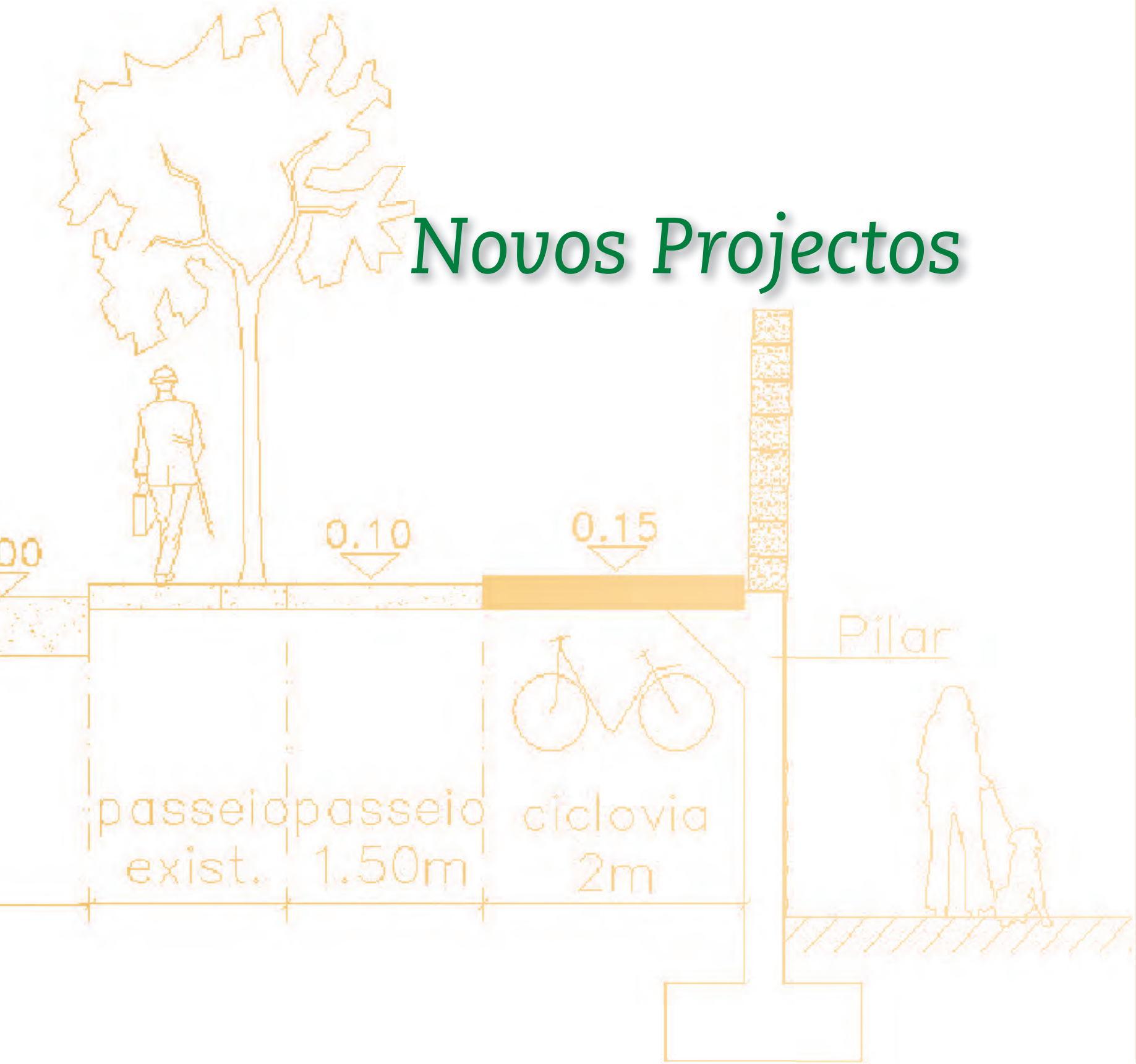
Walters, S. M. et al. (eds.) (1981-1997). *The European Garden Flora*. Volumes 1-6. Cambridge University Press.



Floração exuberante de olaia, palmeira e tília-prateada, na envolvente da Câmara Municipal, na Praça Cavaleiro Ferreira e na Mata do Seminário, respectivamente.



Novos Projectos



Introdução

Na constante procura da melhoria da qualidade urbanística e ambiental, e consequentemente do bem-estar da população, a Autarquia vem desenvolvendo um trabalho contínuo de incremento dos espaços verdes urbanos, promovendo um conjunto de projectos que possam ajudar a afirmar Bragança como uma cidade de referência. Actualmente, perfila-se um conjunto de iniciativas que em breve terão expressão prática, encontrando-se entre estas o projecto Porta-Norte, o Brigantia EcoPark – Parque de Ciência e Tecnologia, e o Circuito de Manutenção de Santa Apolónia.

O presente capítulo resume em linhas gerais as propostas relativas a estes três projectos. Os textos são da responsabilidade da Câmara Municipal de Bragança.





*Vista parcial da Avenida Cidade de Zamora.
Novos espaços, novas concepções.*

Parque Porta-Norte

O Parque Porta-Norte visa fornecer ao público um espaço lúdico assente nos recursos naturais e território da região de Trás-os-Montes, ou seja, facilitar e transmitir uma imagem muito naturalizada em que predomine o carácter da paisagem e as características próprias do lugar, à semelhança do que acontece no Parque Natural de Montesinho (PNM). Complementarmente, pretende apostar nas vertentes da educação (ambiental e astronómica), da conservação das espécies e dos seus habitats naturais, potenciando desta forma um território que está repleto de recursos bem característicos da Terra-Fria Transmontana. Este projecto enquadra-se no âmbito do “Pacto para o desenvolvimento da Terra-Fria Transmontana” – candidatura que foi homologada em 26 de Abril de 2001.

A temática da natureza é uma aposta visível em todo o parque, pois não se pretende um espaço massificado, mas sim uma proposta arquitectónica que esteja intimamente interligada com a paisagem /forma (do terreno) e as relações que se estabelecem entre estas. Por isso, optou-se por uma imagem bastante natural e até mesmo típica da região com clareiras – prados “espontâneos”.

O parque temático deverá possuir e executar um programa pedagógico para os visitantes (como acontece nalguns dos parques já existentes) e, em particular, para as escolas, baseado na compreensão da biologia, ecologia, eco-conservação das espécies existentes na colecção e dos seus habitats naturais, bem como da astronomia, geologia e etnografia.

Em termos educativos, o parque preocupar-se-á em transmitir valores didácticos e pedagógicos, de forma a tornar-se atractivo aos estudantes e professores, não só pela existência do Planetário (com recurso às mais altas tecnologias) mas também devido aos conteúdos de carácter científico e pedagógico existentes na Zona Natura e Jardim do Universo.

Na Zona Natura estão previstos equipamentos destinados: ao acolhimento, observação (pequenos “nichos” de abrigo, nas zonas dos animais que estão em semi-cativeiro) e tratamento dos animais (ex. Centro de Recuperação de Aves – onde se inclui o posto de enfermagem, pombal típico, área destinadas aos diferentes animais, entre outros recursos; e também equipamentos para a prática da escalada, para além de um Rocódromo, junto ao miradouro.

Relativamente a toda a envolvente da Praça Central e esplanada da zona de restauração, projectaram-se um conjunto de jardins armados em socalcos com pequenos muros de suporte. Estes jardins assemelham-se a varandas abertas para a paisagem, vocacionadas para a estadia e contemplação. Os revestimentos vegetais são constituídos essencialmente por herbáceas e pequenos arbustos, cuja dimensão não dificulta a visibilidade da paisagem, ficando a sua individualização a cargo do estrato arbóreo e de espécies de trepadeiras dispostas de forma pontual junto aos muros.

Perto desse belíssimo espaço pode-se ainda encontrar uma zona lúdica – designada por Jardim do Universo que aborda, mais uma vez, de uma forma divertida, a temática do Universo. Um local onde é possível explorar e descobrir os planetas que constituem o nosso sistema solar, através de um percurso “mistério”, ladeado por alfazemas, surgindo, de quando em quando, um elemento escultórico que representa um planeta e onde é possível aprender as suas principais características (dimensão, distância ao sol, entre outras). No culminar desse percurso anuncia-se num amplo espaço um Relógio de Sol, materializando assim, no pavimento, a maior estrela do sistema solar.

Brigantia EcoPark

Parque

Ciência e Tecnologia

A criação de um ecoparque em Bragança – Brigantia EcoPark – potencializa a estratégia geral definida para o concelho, que se centra na ideia de tornar Bragança uma *ecacidade*, ajudando a diversificar e a fortalecer o tecido empresarial e a reforçar a atractividade do concelho e da região, com base nas suas características endógenas.

Este projecto está alinhado com as mais recentes políticas e directivas nacionais e internacionais, relacionadas com a sustentabilidade económica, social e ambiental. O Brigantia EcoPark é vocacionado para acolher empresas de base tecnológica e indústrias ligeiras, amigas do ambiente, nomeadamente nos clusters da eco-energia, da eco-construção, do eco-turismo e dos eco-produtos.

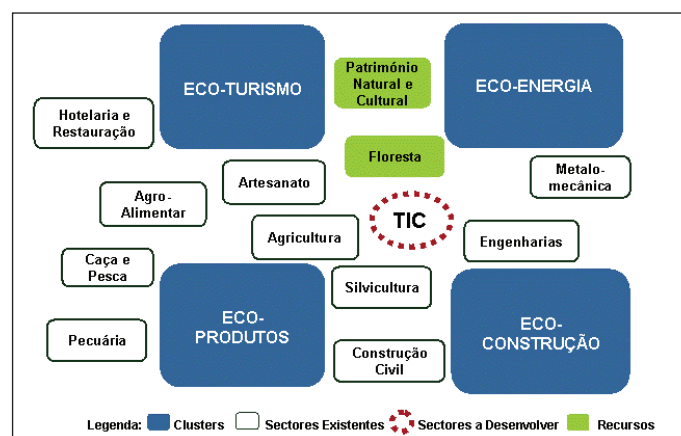
Neste sentido, o público-alvo do Brigantia EcoPark é constituído maioritariamente por empresas e empreendedores do concelho, do país e das regiões fronteiriças, das áreas prioritárias de actividade económica. O Brigantia EcoPark pretende afirmar-se nacional e internacionalmente como um espaço moderno, com preocupações ambientais, aberto ao estabelecimento de relações com o exterior.

O ecoparque inclui-se em redes nacionais e internacionais, estabelecendo relações próximas com empresas de base tecnológica, participando, para isso, em projectos da Sociedade de Informação e do Conhecimento.

O Brigantia EcoPark irá dispor de diferentes tipos de áreas:

- Área para a instalação de empresas;
- Área comercial e para a instalação de serviços;
- Área de arruamentos e estacionamento público;
- Área de zonas verdes comuns.

O Brigantia EcoPark terá como principal âncora o Centro de Inovação de Bragança, instrumento fundamental para a promoção da investigação e desenvolvimento e da inovação nas áreas associadas ao conceito Eco.





O Centro de Inovação assume como missão a promoção da inovação e do desenvolvimento tecnológico do tecido empresarial da Região de Bragança. Prestará serviços de conteúdo científico e tecnológico de elevado valor acrescentado, nas áreas do Ambiente e Energia e apoiará a constituição, instalação e desenvolvimento de novas empresas de base tecnológica e de indústrias de baixo impacto ambiental.

As actividades de Ciência e Tecnologia do Centro de Inovação irão estar alicerçadas numa ligação muito forte com o Instituto Politécnico de Bragança e em parcerias com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, rede PortusPark e Universidades e Centros Tecnológicos da região de Castela e Leão.

O Centro de Inovação terá instalações próprias, que conciliam princípios arquitectónicos ligados ao conceito de ecocidade e que lhe conferirão uma identidade marcante.



No Centro distinguem-se cinco áreas:

- Área de I&D e serviços especializados, incluindo laboratórios;
- Área de formação contínua e divulgação de C&T, incluindo salas de formação;
- Área de acolhimento de empresas, incluindo espaços de incubação e de pós-incubação de empresas;
- Área para serviços partilhados, incluindo recepção, bar/ restaurante, auditório e salas de reuniões;
- Área de administração.

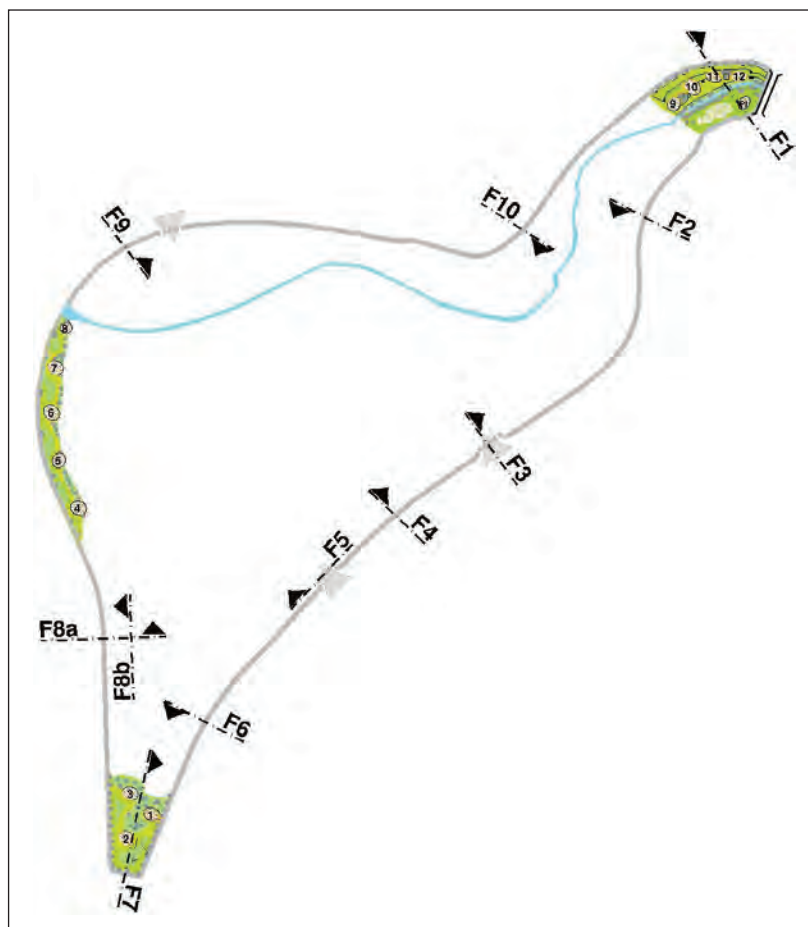


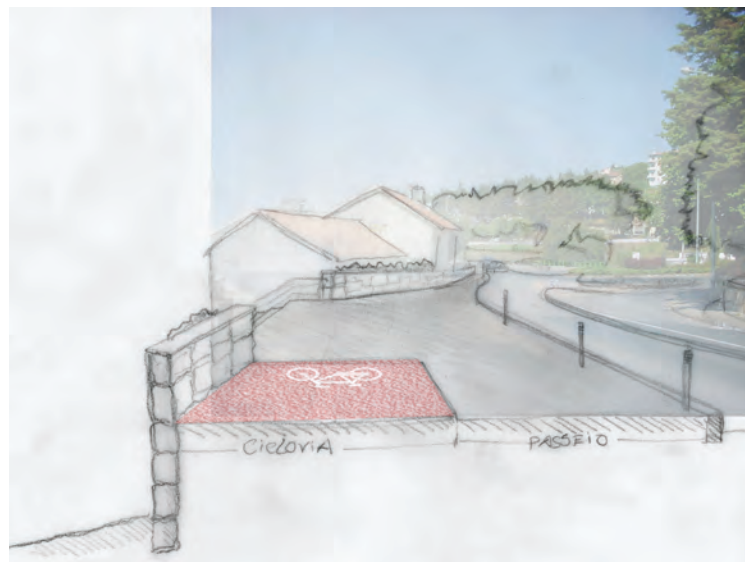
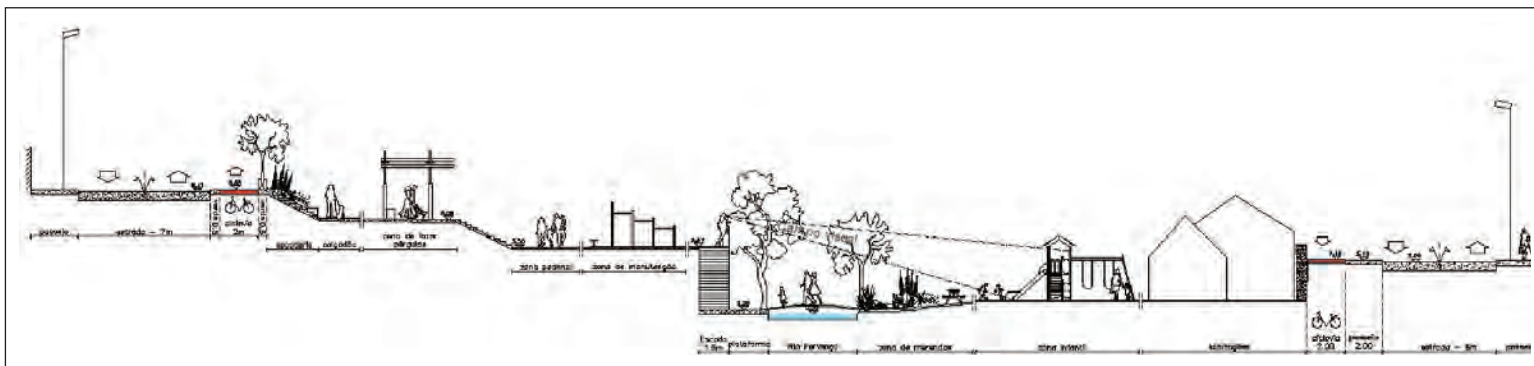
Circuito de Manutenção de Santa Apolónia

O projecto de requalificação da zona pedonal envolvente à área que delimita o Instituto Politécnico de Bragança (IPB), visa conferir a este espaço características apropriadas para se tornar numa zona de lazer, atendendo à crescente procura por parte dos residentes.

O percurso tem uma extensão de 3000 metros, podendo ser pontualmente enriquecido por três grandes bolsas, ocupando uma área total de cerca de 2 ha, onde se implantam amplos espaços verdes, zonas de lazer, equipamentos para o circuito de manutenção (cerca de metade do percurso total), entre outros.

Perímetro do percurso e suas bolsas de atracção. À esquerda, o local de implantação.





No topo, um dos perfis projectados para o percurso.

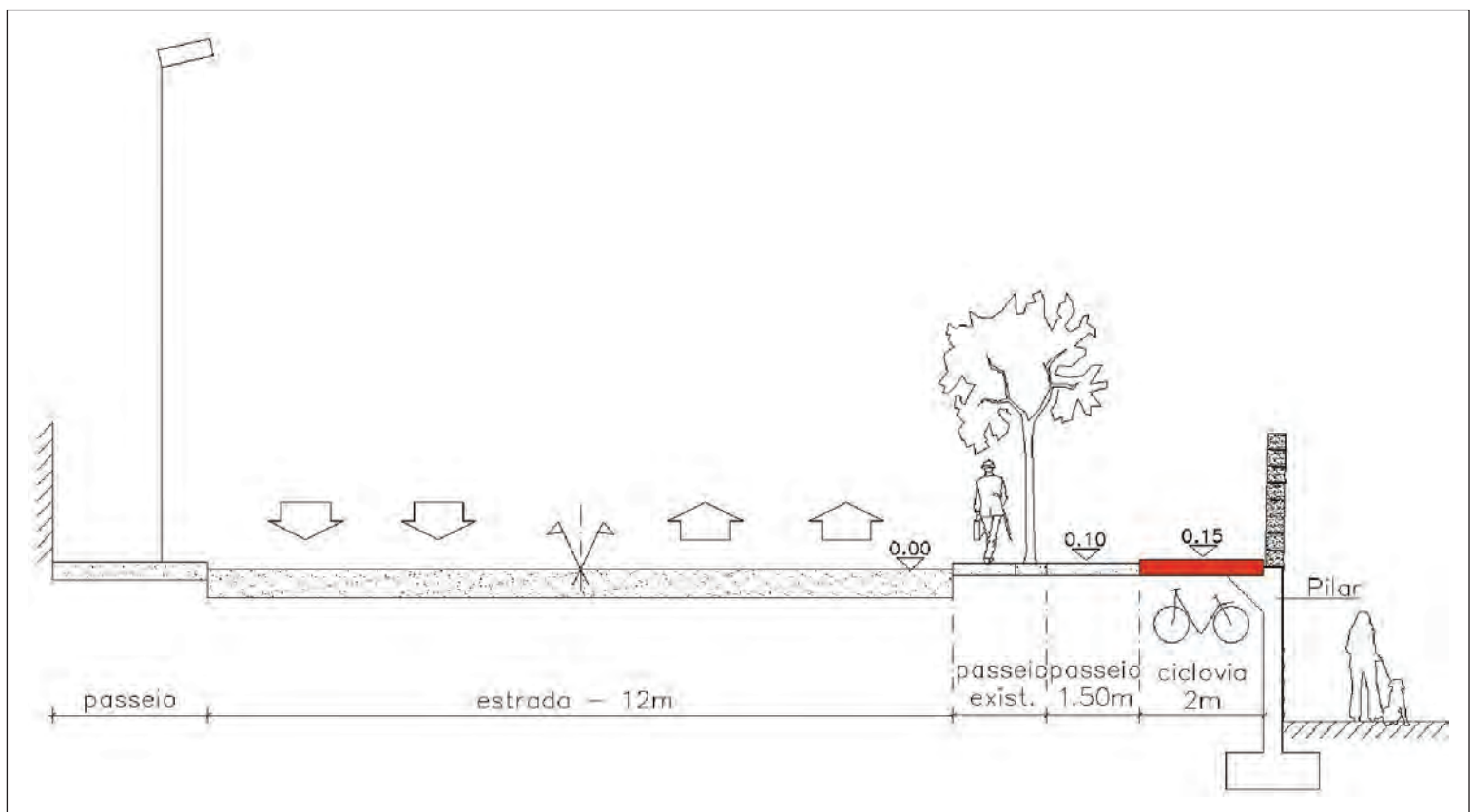
Em baixo, estudo do mesmo perfil com a situação actual (à esquerda) e configuração futura (à direita).

Em todo o percurso estabelece-se uma perfeita simbiose entre peões/ciclistas e automobilistas devido às questões de segurança que lhes estão adjacentes (guardas, separadores verdes e desníveis), sendo por isso possível existir uma harmoniosa circulação entre todos os seus utilizadores.

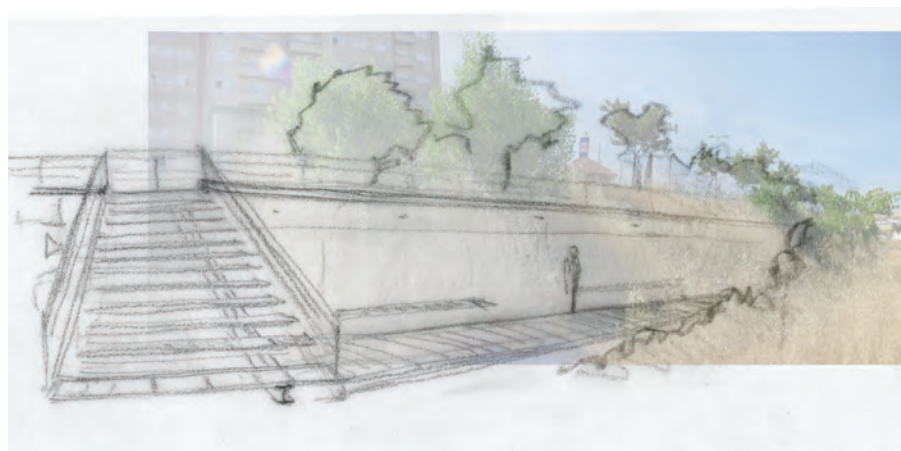
Todo o percurso (perfis tipo) é constituído por duas vias independentes, de características distintas (uma exclusivamente pedonal e a outra de ciclovía), muitas vezes, separadas por um "corredor verde" composto pelas árvores já existentes. Esta é a proposta mais favorável, pois é a que contempla menor ocupação do espaço do IPB. Quando essa situação for inviável, recorre-se a um alargamento do passeio, ou seja, a um aumento da área limítrofe ao IPB.

A ciclovía, com uma largura de 2m (com apenas um sentido), é a via que se encontra mais próxima do IPB e de forma desnivelada. A via pedonal tem uma largura mínima de 2m, ao mesmo nível do passeio existente, embora nas zonas das bolsas tenha uma dimensão superior, podendo mesmo albergar situações diversas: zona de manutenção, zona de lazer, etc.

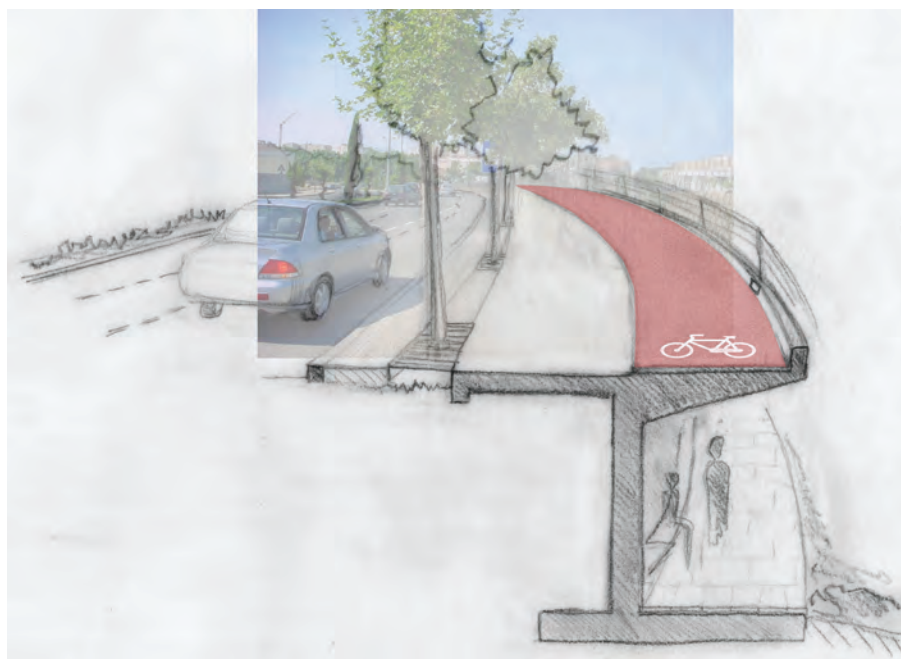
Para isso sugere-se um percurso com espaços distintos e diversificados (com grande variedade de actividades e pontos de atracção – bolsas), mas interligados entre si por uma rede de caminhos pedonais/ciclovía, que permitam o acesso a pessoas com deficiências motoras.



Estudo da zona “permeável” com visibilidade para o IPB. Em cima, a situação actual (à esquerda) e configuração futura (à direita).
Em baixo, perfil da mesma zona.



*Estudo da zona Sport B, com visibilidade para o IPB.
Situação actual (à esquerda) e configuração futura (à
direita).*









Índice Remissivo

A

Abélia 74, 116
 Abeto-branco 113
 Abeto-do-Cáucaso 113
 Abeto-espanhol 113
 Abrótano 119, 121. *ver também* Santolina
 Abrótano fêmea 119, 121. *ver também* Santolina
 Abrunheiro 114
 Acácia 113, 114
 Acácia-bastarda 114. *ver também* Robínia
 Acácia-do-Japão 114
 Acer 43, 56, 57, 61, 64, 68, 71, 75, 79, 86, 93, 101, 102, 103, 107, 114. *ver também* Bôrdo-da-Noruega; *ver também* Plátano-bastardo
 Acer-de-Montpellier 114. *ver também* Zelha
 Acer-negundo 114. *ver também* Bôrdo-negundo
 Açucena 120
 Agapanto 120
 Agave 71, 72, 111, 116. *ver também* Piteira
 Ajuga 111, 112, 119, 122
 Álamo-de-Itália 115. *ver também* Choupo piramidal
 Albízia-de-Constantinopla 114
 Alecrim 119, 121, 122
 Alecrim prostrado 121, 122
 Alfazema 119, 121. *ver também* Lavanda
 Alfenheiro 113, 114, 116, 118. *ver também* Ligustro
 Alfenheiro-do-Japão 113, 116
 Alfenheiro-oval 113, 114, 116
 Alisso 122
 Aloandro 56, 67, 74, 116. *ver também* Loandro; *ver também* Sevadilha
 Amargoseira 114. *ver também* Mélia; *ver também* Sicómoro-bastardo
 Ameixeira 103, 114
 Amendoeira 26, 105, 114
 Amieiro 25, 26, 55, 114
 Amieiro-francês 114
 Amoreira-branca 114
 Amoreira-branca-pendula 114
 Amoreira folha de plátano 114. *ver também* Moreira japonesa
 Amoreira-preta 114
 Amor-perfeito 30, 36, 43, 70, 120
 Arando 118. *ver também* Mirtilho; *ver também* Uva-do-monte
 Arando americano 118
 Arçã 26, 119, 121. *ver também* Rosmaninho
 Arruda 119, 121
 Artemisia 111, 117, 119, 121
 Árvore de Judas 115. *ver também* Olaia
 Árvore de Júpiter 114
 Austrália. *ver também* Acácia
 Aveleira de folha púrpura 114, 116
 Azálea 30, 31, 36, 43, 63, 78, 116, 119
 Azevinho 29, 30, 112, 113
 Azinheira 25, 26, 32, 40, 42, 105, 113, 115

B

Bambu 79, 116
 Begónia 43, 71, 88, 100, 120
 Berberis 26, 29, 30, 43, 56, 57, 71, 78, 79, 111, 116, 118
 Bétula 26, 56, 101, 106, 111, 115. *ver também* Bidoeiro; *ver também* Videeiro
 Bidoeiro 115. *ver também* Bétula; *ver também* Videeiro
 Bola-de-neve 118
 Bôrdo-da-Noruega 114. *ver também* Acer
 Bôrdo-negundo 114. *ver também* Acer-negundo
 Borrazeira-branca 116. *ver também* Salgueira
 Borrazeira-preta 116. *ver também* Salgueiro-negro
 Budleia 57, 72, 112, 118
 Buxo 56, 60, 69, 70, 71, 92, 93, 100, 106, 116

C

Caluna 119, 122
 Cameleira 116
 Cangorça 119, 122. *ver também* Pervinca
 Carvalho americano 29, 30, 33, 115
 Carvalho cerquinho 115
 Carvalho negral 115
 Castanheiro 25, 26, 39, 53, 100, 111, 115
 Castanheiro-da-Índia 65, 67, 100, 111, 115
 Castanheiro-da-Índia-de-flores-rosadas 115
 Castanheiro do Japão 115
 Catalpa 30, 33, 63, 65, 66, 75, 86, 101, 115
 Cedro 26, 32, 33, 36, 40, 42, 58, 67, 71, 74, 93, 98, 101, 105, 113. *ver também* Cipreste-da-Califórnia; *ver também* Cipreste-do-Arizona
 Cedro-branco 113. *ver também* Cedro-do-Oregon; *ver também* Tuia
 Cedro-branco da Califórnia 113
 Cedro-do-Atlas 113
 Cedro-do-Buçaco 113. *ver também* Cipestre-do-Buçaco
 Cedro-do-Líbano 113
 Cedro-do-Oregon 78, 113. *ver também* Cedro-branco
 Cedro-dos-Himalaias 113
 Centaurea 119, 122
 Cerastium 111, 119, 122
 Cerdeiro 115. *ver também* Cerejeira
 Cerejeira 26, 36, 37, 42, 56, 78, 100, 101, 103, 105, 115. *ver também* Cerdeiro
 Cerejeira de jardim 112, 115. *ver também* Cerejeira do Japão
 Cerejeira do Japão 115. *ver também* Cerejeira de jardim
 Cerejeira folha de loureiro 113, 116
 Chorão 56, 78, 116. *ver também* Salgueiro-chorão
 Choupo 25, 26, 30, 37, 55, 56, 65, 86. *ver também* Choupo-branco; *ver também* Choupo-do-Canadá; *ver também* Choupo híbrido; *ver também* Choupo-negro; *ver também* Choupo piramidal; *ver também* Choupo-tremedor
 Choupo-branco 115
 Choupo-do-Canadá 115. *ver também* Choupo híbrido
 Choupo híbrido 115. *ver também* Choupo-do-Canadá
 Choupo-negro 55, 115
 Choupo piramidal 115. *ver também* Álamo-de-Itália
 Choupo-tremedor 115
 Cinerária 119, 122
 Cipestre-do-Buçaco 113. *ver também* Cedro-do-Buçaco

Cipreste bastardo 113. *ver também* Cipreste de Leyland
 Cipreste-comum 113
 Cipreste-da-Califórnia 113
 Cipreste de Leyland 113. *ver também* Cipreste bastardo
 Cipreste-do-Arizona 113
 Coronilha 56, 118, 121
 Cotoneaster 33, 42, 53, 55, 56, 57, 71, 72, 78, 79, 111, 112, 116, 122
 Cravelina 119, 121, 122. *ver também* Cravínea
 Cravínea 119, 121, 122. *ver também* Cravelina
 Cravos-burros 120
 Cravo-verde 120, 121
 Criptoméria 113
 Criptoméria-do-Japão 113

D

Dálias 36, 120
 Douradinha 112, 119, 121, 122. *ver também* Perpétua-das-areias

E

Eleagno 113
 Erva de S. Roberto 120, 121. *ver também* Gerânio
 Erva-do-caril 119, 121, 122
 Escalónia 116
 Escaramunheiro 115, 118. *ver também* Espinheiro; *ver também* Espinheiro branco; *ver também* Pilriteiro
 Espadana 56, 116, 119. *ver também* Foguete
 Espinheiro 30, 42, 101, 103, 106, 112, 115, 117, 118. *ver também* Escaramunheiro; *ver também* Pilriteiro; *ver também* Piracanta
 Espinheiro branco 118. *ver também* Escaramunheiro; *ver também* Pilriteiro
 Espinheiro-da-Virgínia 103, 115
 Espruce-azul. *ver também* Píceia-azul
 Espruce-branco 114. *ver também* Píceia-branca
 Espruce-europeu 114. *ver também* Píceia-europeia
 Esteva folha de sálvia 116
 Evónimo 71, 81, 116, 118
 Evónimo matizado 116

F

Faia 56, 93, 111, 115
 Faia de folha púrpura 115
 Falsa-tuia-do-Japão 113, 116
 Festuca 30, 42, 111, 122
 Figueira 26, 103, 105, 115
 Foguete 56, 116, 119. *ver também* Espadana
 Folhado 72, 103, 117
 Forsítia 36, 57, 67, 72, 118
 Fotínia 55, 73, 74, 117
 Framboeseira 118
 Freixo-de-folhas-estretas 115
 Freixo-de-folhas-redondas 115
 Freixo-europeu 115

G

Gerânio 103, 120, 121. *ver também* Erva de S. Roberto
 Giesta 26, 30, 34, 81, 118, 121
 Giesta amarela 118
 Giesta branca 112, 118
 Giesta das sebes 118
 Giesta das vassouras 118. *ver também* Giesta negra
 Giesta negra 118. *ver também* Giesta das vassouras
 Gilbardeira 79, 117
 Gingko 75, 115
 Gladiolos 100, 120
 Gravanceira 118. *ver também* Rosa canina; *ver também* Rosa silvestre
 Groselheiro 118

H

Hebe 79, 100, 111, 117
 Hera 103, 122
 Hibisco 115, 118
 Hidrangea 118. *ver também* Hortênsia
 Hipericão de jardim 119, 122
 Hortelã 104, 120, 121
 Hortelã-pimenta 120, 121
 Hortênsia 118. *ver também* Hidrangea

I

Iris 119. *ver também* Lírio
 Iuca 117

J

Jacintos 36, 120
 Janeiras 119, 122
 Jasmim 79, 117, 121

L

Lantana 111, 117
 Laranjeira-do-México 117. *ver também* Manjeriqueira
 Lavanda 119, 121. *ver também* Alfazema
 Ligustro 29, 32, 42, 63, 81, 100, 113, 114, 116, 118. *ver também* Alfenheiro
 Lilás 118, 121. *ver também* Lilaseiro
 Lilaseiro 78, 103, 112, 118, 121. *ver também* Lilás
 Limpa-garrafas 117
 Liquidambar 42, 43, 65, 66, 68, 75, 79, 86, 101, 107, 111, 115
 Lírio 119, 120. *ver também* Iris
 Lódão-bastardo 115
 Loendro 116. *ver também* Aloendro; *ver também* Sevadilha
 Losna 117
 Loureiro 26, 78, 113, 117
 Loureiro-japonês 72, 117

M

Macieira 105, 115
 Madressilva 117, 121
 Madressilva anã 117
 Magnólia 32, 36, 93, 113, 115
 Magnólia-chinesa 115
 Mahonia 78, 79, 117

Malva de cheiro 120, 121
Manjeriqueira 72, 117. *ver também* Laranjeira-do-México
Margaridas 70, 100, 120, 122
Marmeleiro 105, 106, 115, 118
Marmeleiro de jardim 118. *ver também* Marmeleiro Japonês
Marmeleiro Japonês 118. *ver também* Marmeleiro de jardim
Mato-branco 117, 121. *ver também* Sálvia amarga
Medronheiro 79, 117
Mélia 114. *ver também* Amargoseira; *ver também* Sicómoro-bastardo
Mimosa 113
Mirtilho 79, 118. *ver também* Arando; *ver também* Uva-do-monte
Moreira japonesa 114. *ver também* Amoreira folha de plátano

N

Narcisos 36, 120
Negrilho 101, 103, 116. *ver também* Olmo; *ver também* Ulmeiro
Nespereira 114
Nogueira 55, 56, 95, 100, 101, 105, 106, 115, 144
Nogueira-preta 115
Noveleiro 56, 103, 112, 118

O

Olaia 56, 71, 86, 115. *ver também* Árvore de Judas
Oliveira 26, 29, 30, 31, 32, 42, 56, 67, 103, 106, 114
Olmo 116. *ver também* Negrilho; *ver também* Ulmeiro
Orelhas de coelho 119, 122
Oxicedro 114. *ver também* Zimbro

P

Palmeira-da-China 114
Palmeira das vassouras 114
Páscoas 119. *ver também* Primaveras; *ver também* Prímulas
Pelargónios 120
Penacheiro 63, 117
Pereira 115
Perpétua-das-areias 119, 121, 122. *ver também* Douradinha
Pervinca 119, 122. *ver também* Gangorça
Pessegueiro 115
Petúnias 30, 36, 43, 70, 71, 88, 100, 103, 120
Píce-a-azul 114. *ver também* Espruce-azul
Píce-a-branca 114. *ver também* Espruce-branco
Píce-a-europeia 114. *ver também* Espruce-europeu
Pieris 75, 117
Pilriteiro 74, 115, 118. *ver também* Escaramunheiro; *ver também* Espinheiro; *ver também* Espinheiro branco
Pinheiro bravo 114
Pinheiro manso 114
Pinheiro negro 114
Pinheiro silvestre 114
Piracanta 55, 57, 60, 67, 79, 86, 101, 106, 112, 117. *ver também* Espinheiro
Piteira 72, 116. *ver também* Agave
Pitóspero-da-China 74, 117, 121
Plátano 30, 32, 56, 65, 67, 71, 100, 115

Plátano-bastardo 114. *ver também* Acer
Plátano-do-oriental 115
Potentilha 117
Primaveras 119. *ver também* Páscoas; *ver também* Prímulas
Prímulas 119. *ver também* Páscoas; *ver também* Primaveras
Pseudotsuga 26, 61, 71, 101, 103, 114

Q

Querria 118

R

Robínia 114. *ver também* Acácia-bastarda
Rododendro 117
Romanzeira 118
Rosa canina 118. *ver também* Gravanceira; *ver também* Rosa silvestre
Rosa silvestre 118. *ver também* Gravanceira; *ver também* Rosa canina
Roseira arbustiva 36, 118
Roseira de trepar 118
Rosinha de chá 118
Rosmaninho 119, 121. *ver também* Arçã
Rosmaninho de flor branca 119, 121

S

Sabugueiro 26, 55, 56, 115
Salgueira 116. *ver também* Borrazeira-branca
Salgueiro-branco 116
Salgueiro-chorão 116. *ver também* Chorão
Salgueiro de casca roxa 116
Salgueiro de folha estreita 118
Salgueiro-frágil 116
Salgueiro-negro 116. *ver também* Borrazeira-preta
Sal-puro 119, 121
Salsa 104, 120, 121
Sálvia 112, 116, 117, 119, 120, 121
Sálvia amarga 117, 121. *ver também* Mato-branco
Sálvia-ananás 120
Santolina 53, 119, 121. *ver também* Abrótano; *ver também* Abrótano fêmea
Sardinheiras 103, 120
Sécias 36, 43, 88, 120
Sempre-noiva 56, 72, 73, 100, 118. *ver também* Spireia
Sequoia-gigante 93, 114
Sevadilha 116. *ver também* Aloendro; *ver também* Loendro
Sicómoro-bastardo 114. *ver também* Amargoseira; *ver também* Mélia
Silindra 30, 78, 81, 118, 121
Silva 51, 117
Sobreiro 32, 42, 114
Sorbeira 56, 116. *ver também* Tramazeira
Spireia 118. *ver também* Sempre-noiva
Spireia-do-Japão 118

T

Tamarix 56, 57, 79, 111, 118
Teixo 42, 60, 72, 93, 114, 117

Tília 33, 60, 71, 86, 87, 88, 98, 100, 101, 102. *ver também* Tília-de-folhas-grandes; *ver também* Tília-de-folhas-pequenas; *ver também* Tília europeia; *ver também* Tília-prateada

Tília-de-folhas-grandes 116

Tília-de-folhas-pequenas 116

Tília europeia 116

Tília-prateada 116

Tomilho 42, 112, 119, 121, 122

Tomilho-limão 112, 119, 121, 122

Tramazeira 26, 30, 56, 74, 106, 111, 116. *ver também* Sorbeira

Tuia 32, 71, 100, 114. *ver também* Cedro-branco

Tuia-da-China 114, 117

Tuia-gigante 114, 117

Túlipa 30, 36, 43, 120

Tulipeiro-da-Virgínia 81, 112, 116

U

Ulmeiro 56, 102, 116. *ver também* Negrilho; *ver também* Olmo

Ulmeiro-da-Sibéria 116

Urze 31, 42, 117, 119

Uva-do-monte 118. *ver também* Arando; *ver também* Mirtilho

V

Veigela 79, 117

Verbena 120

Videira 118

Vidoeiro 115. *ver também* Bétula; *ver também* Bidoeiro

Vinha-virgem 79, 118

Z

Zelha 114. *ver também* Acer-de-Montpellier

Zimbro 30, 31, 32, 36, 42, 71, 78, 100, 112, 114, 117. *ver também* Oxicedro

Zimbro-comum 114, 117

Zimbro-da-China 114, 117

Zimbro-rasteiro 117



A photograph of a park with a paved path, trees, and a building in the background. The path is made of light-colored paving stones and is bordered by a strip of green grass. There are several trees with green leaves, and a building with large windows is visible in the background. The word "Créditos" is written in a green, serif font in the center of the image.

Créditos

Equipa do Plano Verde de Bragança

Integração Urbana: Artur Gonçalves

Vegetação: Ana Maria Carvalho
Jaime Pires
João Paulo Castro
Luís Nunes

Recursos Aquáticos: Amílcar Teixeira
Ana Geraldés
Conceição Angélico

Climatologia: António Castro Ribeiro

Paisagem: Luísa Genésio

Solos: Ermelinda Pereira
Margarida Arrobas

Ruído e qualidade do ar: Luís Dias
Manuel Feliciano

Análise Social: Orlando Rodrigues

Fauna: Paulo Cortez

Topografia e SIG: João Azevedo
José Castro

Colaborações

Fernando Fonseca
Magda Veloso
Iva Ferreira
Natália Afonso
Cristina Miranda
Gilberto Teixeira
Bruno Nogueira
Miguel Vaz Pinto



Créditos fotográficos e documentais

(autor, página)

Ana Maria Carvalho: 18, 21, 26, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 43, 45, 46, 51, 52, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 66, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 81, 82, 87, 91, 92, 100, 101, 103, 104, 105, 109, 113, 125.

Atilano Suarez: Capa, 26, 28, 29, 31, 36, 40, 42, 45, 47, 57, 63, 68, 69, 71, 73, 80, 83, 84, 91, 92, 96, 104, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114.

Artur Gonçalves: 26, 29, 30, 35, 37, 41, 43, 44, 58, 61, 63, 87, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 106, 108, 109, 110.

Cristina Miranda: 33, 34, 36, 37, 43, 45, 71, 72, 82, 87, 88, 90, 91, 99, 100, 101, 102, 104, 105.

Arquivo da C. M. de Bragança: 8, 18, 29, 103, 129, 134, 136, 137, 138, 139.

João Cameira: 32, 64, 67, 69, 79, 85, 89, 130.

Sónia Fernandes: 16, 18, 43, 102, 106.

Jorge Machado Morais: 28, 29, 30, 39, 53.

IMC/MAB/JMNJ: 93, 94, 95.

Magda Veloso: 35, 74, 87.

Gabinete de Imprensa da CMB: 7.

IMC/MAB/DGEMN: 94.

Iva Ferreira: 29.

Litografia da Anunciação: 14.



Espaços verdes de Bragança



Bragança considera o ambiente urbano, a conservação e a gestão do património natural e paisagístico, factores fundamentais na estratégia de desenvolvimento sustentável concelhio.

O Município de Bragança decidiu, em Julho de 2004, iniciar o Plano Verde da cidade de Bragança, assinando um protocolo de colaboração com o Instituto Politécnico de Bragança, no sentido da elaboração do Plano Verde da cidade, do livro Espaços Verdes de Bragança e do Manual de Boas Práticas em Espaços Verdes.

A informação compilada permitiu elaborar o presente livro, referência ao nível da divulgação, identificação e caracterização dos principais espaços verdes da cidade, realçando as suas funções e mais valias para o ambiente urbano e qualidade de vida.

A importância dos espaços verdes no meio urbano como elementos essenciais na qualidade de vida, levou o Município a apostar decisivamente no incremento da sua área, proporcionando actualmente 10,6 m² de espaço verde por habitante.